



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA –
PPGLL

JOYCE RODRIGUES DA SILVA MAGALHÃES

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS E LETRAMENTOS DIGITAIS:
REFLEXÕES SOBRE O USO DAS TIC NA SALA DE AULA

MACEIÓ - AL

2017

JOYCE RODRIGUES DA SILVA MAGALHÃES

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS E LETRAMENTOS DIGITAIS:
REFLEXÕES SOBRE O USO DAS TIC NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, na área de concentração de Linguística – Linha de pesquisa de Linguística Aplicada – para obtenção do título de Mestra em Letras e Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Stella

MACEIÓ

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Janaina Xisto de Barros Lima

M188f Magalhães, Joyce Rodrigues da Silva .
Formação de professores de inglês e letramentos digitais : reflexões
sobre o uso das TIC na sala de aula / Joyce Rodrigues da Silva Magalhães. – 2017.
223 f. : il.

Orientador: Paulo Rogério Stella.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras
e Linguística. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 128-133.

Apêndice: f. 134-141.

Anexos: f. 142-223.

1. Linguística aplicada. 2. Língua inglesa - Estudo e ensino. 3. Letramento
digital. 4. Formação de professores.

CDU: 81'33: 371.13=111

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGLL
---	---	--

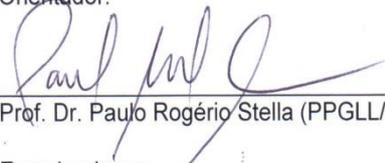
TERMO DE APROVAÇÃO

JOYCE RODRIGUES DA SILVA MAGALHÃES

Título do trabalho: "FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS E LETRAMENTOS DIGITAIS: REFLEXÕES SOBRE USO DAS TIC NA SALA DE AULA".

DISSERTAÇÃO aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



Prof. Dr. Paulo Rogério Stella (PPGLL/Ufal)

Examinadores:


Prof. Dra. Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima (PPGLL/Ufal)


Prof. Dra. Waléria de Melo Ferreria (Ufal)

Maceió, 22 novembro de 2017.

*Para minha amada filha Elisa,
pela doce companhia desde
o ventre e por renovar
as minhas forças
todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Se você está lendo essa página, foi porque eu consegui!

A Deus, pela Sua presença constante em minha vida, por me acolher em Seus braços, em forma de tranquilidade e paz, nos momentos de dificuldades e incertezas.

Ao meu orientador, Dr. Paulo Rogério Stella, pelas valiosas orientações, antes mesmo da minha entrada no mestrado, pelo acompanhamento constante e pela avidez nas leituras desse trabalho, pela leveza e cuidados na relação orientador-orientanda e, principalmente, pelos ensinamentos durante o mestrado, essenciais para a construção da minha identidade de pesquisadora.

Ao meu querido esposo, por ser meu companheiro de todas as horas, por acreditar em mim, mais do que eu mesma, e por me incentivar nesse projeto. Obrigada por ter feito desse sonho o nosso sonho!

À minha amada filha por ser a minha fonte de força, de risos fáceis e amor genuíno. Amo você!

À minha irmã, Gabrielle, por ter sido a mãe da minha filha nos momentos em que me debrucei a escrever esse trabalho.

Aos meus pais, pelo incentivo aos estudos desde a infância, mesmo não tendo tido a mesma oportunidade, pelos valores, pelo carinho e pelas orações. A vocês a minha eterna gratidão!

À toda minha família, pelo apoio em todos os momentos e por entender que a minha ausência durante a pesquisa foi necessária para uma presença futura com mais qualidade de vida e dedicação.

Às professoras Waléria Ferreira e Rita Souto, pelas preciosas contribuições durante o exame de qualificação e por aceitarem, prontamente, participar da banca examinadora da defesa.

Aos alunos do curso de Letras-Inglês da UNEAL campus III, que, gentilmente aceitaram participar dessa pesquisa e sem os quais não seria possível realizar esse trabalho.

A todos os meus colegas do Programa de Pós-graduação pelo companheirismo, incentivo e pelos momentos de descontração.

A todos os professores e funcionários do PPGLL – UFAL.

A UNEAL por ser minha segunda casa.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram com esse trabalho.

Somos um planeta vivo, Sofia! Somos um grande barco navegando ao redor de um sol incandescente no universo. Mas cada um de nós é um barco em si mesmo, um barco carregado de genes navegando pela vida. Se conseguirmos levar esta carga ao porto mais próximo, nossa vida não terá sido em vão.

O Mundo de Sofia (Jostein Gaarder)

RESUMO

O advento das tecnologias e a imersão da sociedade contemporânea na era digital trouxeram mudanças expressivas na educação. Essas transformações mudaram significativamente a forma de ensinar e aprender língua. Dessa forma, torna-se fundamental refletir acerca da necessidade de inserir as Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC no ambiente escolar, mas, sobretudo, na formação de professores de inglês, aliada às novas práticas de letramentos, dentre elas os letramentos digitais, de maneira a proporcionar meios de desenvolver o senso crítico e reflexivo dos alunos (SAITO e SOUZA, 2011). Desse modo, essa pesquisa objetiva refletir a respeito do uso das TIC no curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Para alcançá-lo, alguns objetivos específicos foram traçados: (1) Inserir as TIC nas aulas de Inglês com vistas aos letramentos digitais na formação dos professores (2) Implementar uma prática de sala de aula e extra sala de aula com vistas ao desenvolvimento dos letramentos digitais no ensino-aprendizagem de língua inglesa; (3) Refletir a respeito das representações dos alunos, futuros professores, quanto ao uso das TIC nas aulas de Língua Inglesa. Esse trabalho fundamenta-se em uma visão de Linguística Aplicada transgressiva, problematizadora e como espaço de “desaprendizagem” (FABRÍCIO, 2006). Além disso, a metodologia adotada refere-se à pesquisa social a qual integra teoria, método e criatividade (MINAYO, 2010). A pesquisa ocorreu durante a disciplina de Língua Inglesa I e contou com a participação de 20 alunos do 2º período de Letras-Inglês da UNEAL - Campus III em 5 encontros durante o mês de outubro de 2015. As aulas foram elaboradas com base em temas socialmente relevantes escolhidos pelos alunos e embasadas na tríade: ensino de língua Inglesa, TIC e letramentos digitais. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados planos de aula (LIBÂNEO, 1994), entrevistas coletivas (SEIDMAN, 1991; LÜDKE e ANDRÉ 1994), diários reflexivos da professora-pesquisadora e dos alunos (LIBERALI, 2003; SOARES, 2005), autobiografias (ROMERO, 2010; BRUNER, 1995), gravações das aulas, dois questionários (MARCONI e LAKATOS, 2010), e grupo no *Facebook*. A análise dos dados está dividida em análise do PPC do curso de Letras da UNEAL, Propostas de trabalho e representações dos alunos sobre as aulas; Reflexões acerca do processo crítico-reflexivo do aluno em sala de aula; e Letramentos digitais extra sala de aula e formação pedagógica dos alunos. Os resultados da pesquisa mostraram que utilizar tecnologias nas aulas de Inglês pode possibilitar uma maior interação e participação dos alunos, dentro e fora da sala de aula, ao terem acesso à língua viva e, conseqüentemente, ao desenvolvimento da criatividade, senso crítico e reflexivo dos alunos. A pesquisa mostrou, ainda, que os alunos construíram um conhecimento pedagógico com o uso das TIC nas aulas de inglês e, provavelmente, utilizarão esse conhecimento em suas aulas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada; Formação de professores; Língua Inglesa; TIC; Letramentos digitais.

ABSTRACT

The advent of technologies and the immersion of contemporary society in the digital age brought meaning changes in education. These transformations have significantly changed the way we teach and learn language. Thus, it is fundamental to reflect on the need to insert ICT in the school environment, but above all in the training of English teachers, combined with new literacy practices, among them digital literacy, providing means of developing students' critical and reflective sense (SAITO and SOUZA, 2011). Therefore, this research aims to reflect on the use of ICT in the English Language course of the State University of Alagoas - UNEAL. To achieve this, some specific objectives were set: (1) To introduce ICT in English classes with a view to digital literacy in teacher training (2) To implement an inside and outside classroom practice with a view to the development of digital literacies in English language teaching and learning; (3) To reflect on the representations of students, future teachers, regarding the use of ICT in English language classes. This work is based on a view of transgressive, problematic and as a space of "unlearning" applied linguistic (FABRÍCIO, 2006). In addition, the adopted methodology refers to social research which integrates theory, method and creativity (MINAYO, 2010). The research happened during the English Language I discipline and it had the participation of 20 students from the 2nd term of English Language Course of UNEAL - Campus III in 5 meetings during the month of October 2015. The classes were planned based on socially relevant themes chosen by the students and based on the triad: English language teaching, ICT and digital literacies. Data collection was performed through lesson plans (LIBÂNEO, 1994), collective interviews (SEIDMAN, 1991; LÜDKE and ANDRÉ 1994), reflective journals of the professor-researcher and students (LIBERALI, 2003; SOARES, 2005), autobiographies (MARCONE and LAKATOS, 2010), and a group on Facebook. Data analysis is divided in analysis of the PPC of English Language Course of UNEAL, Proposals of work and representations of the students on the classes; Reflections about the student's critical-reflective process in the classroom; and outside classroom digital literacies and pedagogical training of students. The results of the research showed that using technologies in English classes may allow a greater interaction and participation of the students, inside and outside the classroom, having access to the living language and, consequently, the development of creativity, critical and reflexive sense of the students. The research also showed that the students constructed a pedagogical knowledge on the use of ICT in English classes and will probably use this knowledge in their future classes.

KEY WORDS: Applied Linguistics; Teacher training; English language; ICT; Digital literacies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Temas das aulas	28
Figura 2- Mapa de Localização dos Campi da UNEAL.....	29
Figura 3 - Lista de temas das aulas.....	73
Figura 4 - Plano de Aula 1	89
Figura 5 - Objetivos do Plano de Aula	89
Figura 6- Previsão das Dificuldades	91
Figura 7- Procedimentos Metodológicos.....	92
Figura 8- Grupo no Facebook.....	108
Figura 9 - Capa do grupo no Facebook sobre homofobia	108
Figura 10 - Capa do grupo no Facebook sobre Racismo.....	109
Figura 11 - Meme sobre homofobia	110
Figura 12 - Posts sobre Glogster	112
Figura 13 - Funcionalidade do aplicativo HelloTalk.....	113
Figura 14- Diálogo pelo aplicativo HelloTalk.....	114
Figura 15- Feedback sobre o uso do aplicativo HelloTalk.....	115
Figura 16- Resultados dos testes de nivelamento dos alunos no Duolingo.....	116
Figura 17- Imersão no Inglês.....	117
Figura 18- Karaokê Night.....	118
Figura 19- Espaço para comentário livre.....	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações sobre a coleta de dados.....	26
Quadro 2 - Procedimentos Metodológicos	27
Quadro 3 - Configuração de Abrangências dos Campi da UNEAL.....	30
Quadro 4 – Instrumentos, Objetivos, Período de Coleta e Localização	36
Quadro 5 - Informações sobre os Planos de Aula	38
Quadro 6 - Informações sobre os Diários Reflexivos.....	40
Quadro 7 - Informações sobre as Autobiografias	42
Quadro 8 - Informações sobre as Entrevistas Coletivas	43
Quadro 9 - Informações sobre os Questionários	44
Quadro 10 - Comentários dos Alunos sobre o Ensino Público	75
Quadro 11- Interesse pela Língua Inglesa	81
Quadro 12- Interesse pela Língua Inglesa	82
Quadro 13- Motivação Profissional.....	82
Quadro 14 - Inspiração Profissional	83
Quadro 15 - Influência da TIC no Processo de Ensino-Aprendizagem	84
Quadro 16 - Relação entre Língua Inglesa e Tecnologia	85
Quadro 19 - Aula de Inglês.....	87
Quadro 20 - Representações dos alunos sobre Letramentos Digitais.....	119
Quadro 21- Contribuição da pesquisa para a formação crítica dos alunos.....	119
Quadro 22 - Contribuição da pesquisa para a formação pedagógica dos alunos	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Problema de pesquisa e justificativa.....	14
Objetivos e questões de pesquisa.....	18
Estrutura da dissertação.....	19
1. CAPÍTULO I – METODOLOGIA.....	21
1.1 Abordagem Metodológica.....	21
1.1.1 Linguística Aplicada.....	24
1.2 Coleta de Dados.....	26
1.2.1 Cenário da Pesquisa.....	28
1.2.2 Relação entre Cenário e Pesquisadora.....	31
1.2.3 A Professora-pesquisadora.....	33
1.2.4 A Disciplina e os Participantes da Pesquisa.....	35
1.3 Instrumentos de Coleta de Dados.....	36
1.3.1 Planos de Aula.....	37
1.3.2 Diários Reflexivos.....	38
1.3.3 Autobiografias.....	40
1.3.4 Entrevista Coletiva.....	42
1.3.5 Questionário.....	43
2. CAPÍTULO II – LETRAMENTOS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA.....	45
2.1 Panorama Social da Contemporaneidade.....	45
2.1.1 As TIC na Educação.....	47
2.2 Letramentos Digitais.....	51
2.2.1 O <i>Facebook</i> como ferramenta de ensino-aprendizagem.....	53
2.3 Formação de professores de inglês.....	56
2.3.1 O professor como agente de letramentos.....	62
3. CAPÍTULO III – ANÁLISE DO PPC DO CURSO DE LETRAS/INGLÊS DA UNEAL.....	64
4. CAPÍTULO IV – PROPOSTAS DE TRABALHO E REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS SOBRE AS AULAS.....	71
4.1 O ensino de inglês na escola pública.....	75
4.2 Língua inglesa e escolha profissional.....	80
4.3 Relação entre Língua Inglesa e Tecnologias.....	84

4.4 Análise do Plano de aula – Homofobia.....	88
5. CAPÍTULO V - REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO CRÍTICO- REFLEXIVO DO ALUNO EM SALA DE AULA.....	94
6. CAPÍTULO VI - LETRAMENTOS DIGITAIS EXTRA SALA DE AULA E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DOS ALUNOS	107
6.1 Memes.....	110
6.2 Glogster.....	111
6.3 Aplicativo HelloTalk	113
6.4 Duolingo.....	115
6.5 Divulgação.....	116
6.6 Karaokê Night.....	117
6.7 Contribuições da pesquisa para a formação pedagógica dos alunos - Análise do questionário 2.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	127
APÊNDICES.....	133
ANEXOS.....	141

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vivencia um momento de grande mudança de paradigma. A chegada da era digital trouxe transformações significativas na vida do homem no que diz respeito ao seu modo de viver e de se relacionar com o mundo. As tecnologias estão presentes no cotidiano das pessoas de diversas faixas etárias, atendendo a necessidades distintas e impactando significativamente suas formas de trabalhar, pesquisar, aprender, ensinar etc (BARTON e LEE, 2015; HOLDEN 2009; PAIVA, 2013).

Assim, estamos vivendo a era do conhecimento, na qual a informação tornou-se muito acessível devido ao fácil acesso às tecnologias. As Tecnologias da Informação e Comunicação (doravante TIC) são todos os recursos tecnológicos, tais quais: computadores, *Internet*, televisão, rádios, *smartphones*, *DVD players*, projetores multimídia (PAIVA, 2013) e todo o conjunto de programas e aplicativos de que eles dispõem (*e-mail*, *Facebook*, *Whatsapp*, *Twitter*, *games* etc) (BACALÁ, 2014).

É perceptível o impacto das TIC nas formas de organização social, comercialização, diversão, sobretudo, no sistema educacional. Com o advento das tecnologias na educação, surge, também, a necessidade de formação e adaptação para esse novo cenário. As mudanças envolvem desde a preparação do ambiente escolar para o uso das tecnologias, até a formação de professores para lidar com elas. Essa não é uma tarefa fácil e, por isso, exige muita dedicação e planejamento, não somente de professores e gestores escolares, mas também, a nível governamental e nas universidades.

Em consequência da chegada das TIC na educação, o processo de ensino-aprendizagem de línguas aliado ao uso pedagógico das tecnologias possibilita aulas mais significativas, pois elas permitem colocar o aprendiz em contato com novas formas de linguagem e novos usos da língua-alvo. Além disso, as TIC promovem interação entre os alunos e proporcionam o desenvolvimento prático das quatro habilidades: ler, ouvir, falar e escrever. No entanto, saber fazer uso dessas tecnologias não é suficiente para o ensino-aprendizagem de línguas, mais que isso, é preciso utilizá-las pedagogicamente. Por isso, um dos maiores desafios da chegada das tecnologias na

educação é a formação de professores para o uso pedagógico dos recursos tecnológicos que vise ao desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos.

Nesse novo paradigma, ao introduzir as TIC no ensino de línguas torna-se necessário desenvolver tanto novas práticas sociais de leitura e escrita (LÉVY, 1999), quanto o senso crítico e reflexivo. Desse modo, essas características evidenciam o surgimento de um novo tipo de letramento: os letramentos digitais, um dos pilares dessa pesquisa. Nas palavras de Soares (2002, p.151), “a hipótese é de que mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam assim configurando um letramento digital [...]”.

Diante da importância de trabalhar os letramentos digitais no ambiente escolar, surge o seguinte questionamento: será que os professores estão preparados para trabalhar os letramentos digitais em sala de aula?

Problema de pesquisa e justificativa

Este trabalho é fruto de inquietações e lacunas advindas da minha graduação e, posteriormente, da formação de professores da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Durante a minha graduação, não houve oferta da disciplina eletiva Educação e Tecnologia, a qual consta na grade curricular no Projeto Pedagógico de Curso de Letras/Inglês da UNEAL. Além disso, não houve incentivo para o uso das TIC em outras disciplinas. No entanto, ao iniciar a minha carreira de professora, surgiu a necessidade de utilizar tecnologia nas aulas de língua inglesa. Mas como utilizar tecnologia nas aulas de inglês se em minha formação acadêmica não fui instruída para fazer uso didático dessas ferramentas?

Diante desse impasse, foi preciso buscar outros conhecimentos em cursos de especialização devido às demandas atuais. Contudo, a inquietação na busca de alternativas para melhorar a minha formação levou-me a realizar uma pesquisa com professores da rede pública municipal da cidade de Arapiraca - AL sobre o uso das tecnologias nas aulas de inglês. A pesquisa intitulada “Formação de Professores de Língua Inglesa: uma investigação sobre o uso das TIC nas escolas Públicas de Arapiraca-AL” revelou, dentre outras coisas, que apesar de todos os professores reconhecerem a importância de utilizarem tecnologias nas aulas, 70% dos professores pesquisados não fazem uso de tecnologias em suas aulas. Os motivos são diversos:

desde a falta de acesso e/ou de equipamentos tecnológicos nas escolas, até a falta de preparo para utilizá-las. Além disso, a pesquisa mostrou que apesar de a Secretaria Estadual de Educação (SEE) oferecer capacitações para utilizar tecnologias, por motivos desconhecidos, a maioria dos professores pesquisados não participa. (MAGALHÃES, 2013).

Além destes resultados, a situação se agravou ao entrar na universidade, desta vez como professora, e perceber que a maioria dos alunos reclamava das metodologias dos seus professores da educação básica, e mais que isso, a probabilidade de eles reproduzirem as mesmas práticas era muito grande, pois muitos relatavam que, apesar de fazerem um bom uso das tecnologias em suas atividades rotineiras, não se sentiam capacitados para utilizá-las na sala de aula.

A tendência dos alunos de repetirem as práticas de seus professores foi constatada a partir do comentário de um aluno e professor de inglês da educação básica sobre um projeto, que acontecia na escola em que trabalhava intitulado “Semana sem giz”. Segundo o professor, o projeto tinha como objetivo principal incentivar os professores a utilizarem outras formas de conduzir suas aulas, além da lousa e do giz. Apesar de essa escola disponibilizar diversos recursos tecnológicos, não houve preparação nem acompanhamento para garantir a eficácia da inserção do projeto. Em consequência disso, o professor reclamava de não aguentar mais não poder usar a lousa e o giz, já que, segundo ele, o uso dessas ferramentas conteria o barulho e a falta de atenção dos alunos.

Diante desse relato, é possível inferir que o referido projeto foi inserido na escola para amenizar o uso frequente, talvez exclusivo, da lousa e do giz nas aulas. No entanto, como orienta Levy (1999, p.172), não se trata de inserir tecnologia a qualquer custo, mas sim de “acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, dos papéis de professor e de aluno”.

Além disso, a partir da reclamação do professor, foi perceptível que ele se sentia incomodado por ter que utilizar outros materiais em suas aulas, o que aponta para uma possível falta de experiência com outros recursos. A aplicação desse projeto, “Semana sem giz”, sinaliza, portanto, para uma preparação de todos os envolvidos no processo de

ensino. Desde uma formação com os professores e gestores e avaliação diagnóstica do projeto com levantamento das propostas, até a previsão dos próximos passos para dar continuidade ao projeto.

Essa situação me fez refletir sobre as inúmeras possibilidades de ensinar inglês, a partir do contato dos alunos com situações reais de uso da língua. Perceber o desconforto do professor de inglês quanto ao uso de outros recursos para conduzir suas aulas e ser consciente das possibilidades de uso das TIC nas aulas de inglês, desencadeou minha reflexão acerca da formação de professores de inglês em relação ao uso pedagógico das TIC.

Diante disso, surgiu a necessidade de pesquisar mais sobre o assunto e, a partir daí, desenvolvi o projeto de mestrado voltado à formação de professores de língua inglesa. A proposta é inserir tecnologias nas aulas de língua inglesa para desenvolver os letramentos digitais numa perspectiva crítica nos alunos, futuros professores. O primeiro passo desenvolvido na pesquisa foi verificar se há programas para inclusão digital oferecidos pelo governo, além de analisar o que dizem os documentos oficiais, que norteiam a educação no Brasil, a respeito da formação de professores para o uso das TIC e sobre o uso de tecnologias nas aulas de inglês.

Assim, diante da inegável importância de inserir as TIC no ambiente escolar, o Ministério da Educação e da Cultura (MEC) projetou o Proinfo¹ que tem como principal objetivo a introdução das TIC na escola pública como ferramenta de apoio ao processo de ensino-aprendizagem. Há, também, o projeto Um Computador por Aluno² (UCA) cujo objetivo é intensificar o uso das TIC nas escolas, por meio da distribuição de computadores portáteis aos alunos da rede pública de ensino. Além disso, o MEC, em seus documentos oficiais e com o objetivo de orientar e informar a prática docente e as políticas educacionais, apresenta em suas propostas a inclusão das tecnologias na prática escolar.

Dentre esses documentos, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCM-LE, 2006) apresentam algumas reflexões a respeito da prática docente no que se refere ao conhecimento de Línguas Estrangeiras abordando a importância da inclusão

¹ Mais informações podem ser encontradas no *site* <http://www.mec.gov.br/seed/proinfo.shtm>. Acesso em 15/02/2017.

² Para mais informações acessar o *site* <http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo/proinfo-projeto-um-computador-por-aluno-uca>. Acesso em 15/02/2017.

digital no processo de ensino. No entanto, o documento destaca também a necessidade de estrutura física e preparação pedagógica para uso das TIC ao mencionar que “[...] a proposta de inclusão digital remete à necessidade de “alfabetização” dessa nova linguagem tecnológica e de suprimentos, como computadores e banda larga para a navegação na *internet*. Requer, pois, preparação (OCEM-LE, 2006, p.95)”, e não somente uma “semana sem lousa e giz”.

Em se tratando das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, instituídas pelo Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução³ CNE/CP 2, de 1 de julho de 2015 é sugerido que a formação para a atividade docente prepare os professores para o “uso competente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o aprimoramento da prática pedagógica e a ampliação da formação cultural dos(das) professores(as) e estudantes (Art. 5º, VI)”.

Em contexto local, o Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas (2014, p.67) aponta para “a necessidade de utilização pedagógica das TIC para que a escola melhore cada vez mais”. Dentre os propósitos da educação básica, está o de “criar oportunidades para que os estudantes conheçam e usem tecnologias de informação e comunicação e que desfrutem de todos os meios de acesso ao conhecimento e bens culturais disponíveis [...]” (ALAGOAS, 2014, p.67). Acrescenta-se, ainda, que, por meio das tecnologias, é possível superar a distância a qual, por vezes, separa a escola da dinâmica social, diminuindo, assim, o descompasso entre o que se aprende e o que, de fato, é preciso ser aprendido.

Outrossim, no que tange ao local da pesquisa, o Projeto Pedagógico de Curso (PPC, 2010) de Letras – Inglês da UNEAL também enfatiza a importância de formar professores para o uso de tecnologias na sala de aula. Embora essa importância seja dada na teoria, na prática, pouca atenção é dada à formação de professores para o uso pedagógico das tecnologias. Tal observação pôde ser percebida por mim enquanto aluna e, atualmente, como professora da instituição.

Todas as colocações documentais aqui citadas são pertinentes e consideram as TIC como recursos importantes no processo de ensino-aprendizagem. No entanto,

³O documento na íntegra pode ser acessado em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&Itemid=30192 Acesso em 03/07/2017.

apesar de todos os documentos apresentados reconhecerem a importância da utilização das tecnologias nas salas de aulas e sugerirem que os professores façam uso delas em suas aulas, há um grande descompasso na relação teoria e prática. Isso porque, no contexto real, raramente há formação de professores para o uso das tecnologias como recurso auxiliar do processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Considero, portanto, que o exemplo citado inicialmente sobre a resistência do professor em utilizar a lousa e o giz diz respeito à realidade de muitos professores de inglês em serviço. Além disso, foi possível constatar que esses profissionais não tiveram formação acadêmica para o uso pedagógico dessas ferramentas auxiliaadoras do processo de ensino. Essa (de)formação explica porque muitos professores de Língua estrangeira ainda têm dificuldades em utilizar tecnologias visando ao desenvolvimento crítico-reflexivo⁴ dos alunos em suas aulas. Tal dificuldade, enfrentada por muitos professores, provoca resistência quanto ao uso das TIC e priva os alunos de outras possibilidades de aprendizagem possivelmente capazes de aproximar o ambiente escolar da realidade do aluno. Dessa forma, creio que deve ser durante a graduação que os futuros professores devem refletir sobre a prática pedagógica para, então, buscar solucionar os problemas existentes na sala de aula.

Essa investigação se inicia a partir dessa problemática e busca diminuir o descompasso entre teoria e prática por meio da inclusão das TIC para o desenvolvimento crítico-reflexivo dos alunos por meio dos letramentos digitais na disciplina de língua Inglesa I no segundo período de Letras - Inglês da UNEAL.

Objetivos e questões de pesquisa

Com base na problemática apresentada anteriormente, acredito que para que o professor de língua inglesa alcance a formação necessária, no que se refere ao uso das TIC, é preciso, primeiramente, que ele seja exposto, na prática, ao uso pedagógico das tecnologias para o desenvolvimento crítico-reflexivo desde a formação inicial. Em outras palavras, os professores-formadores deveriam fazer uso das TIC para ensinar línguas, de modo a expor os alunos a situações reais de uso da língua e promover atividades que os façam pensar criticamente sobre temas socialmente relevantes.

⁴Aqui o termo crítico-reflexivo refere-se à uma visão da prática como práxis, ou seja, a reflexão e ação informada e comprometida sobre o mundo para transformá-lo.

Para isso, meu objetivo geral é refletir a respeito do uso das TIC na sala de aula do curso de Letras-Inglês da UNEAL. A fim de alcançá-lo, alguns objetivos específicos foram traçados, são eles: (1) Inserir as TIC nas aulas de Inglês com vistas aos letramentos digitais na formação dos professores; (2) Implementar uma prática de sala de aula e extra sala de aula com vistas ao desenvolvimento dos letramentos digitais a partir de aulas temáticas sobre assuntos socialmente relevantes no ensino-aprendizagem de língua inglesa; e, por fim, (3) Refletir a respeito das representações dos alunos, futuros professores, quanto ao uso das TIC nas aulas de Língua Inglesa.

Para orientar esse trabalho, três perguntas de pesquisa foram feitas: (1) Quais contribuições podem ser detectadas na formação pedagógica dos alunos, futuros professores? (2) A minha prática em sala de aula contribuiu para o desenvolvimento crítico-reflexivo dos alunos? (3) Quais as representações dos alunos sobre a inserção das TIC no ambiente formativo?

Estrutura da dissertação

Organizei este trabalho de pesquisa em seis capítulos. Além da Introdução, esta pesquisa é composta pela Metodologia da Pesquisa, Fundamentação Teórica e Análise e Interpretação dos Dados. Esta última está dividida da seguinte forma: Análise do PPC do curso de Letras/Inglês da UNEAL; propostas de trabalho e representações dos alunos sobre as aulas; Reflexões acerca do processo crítico-reflexivo do aluno em sala de aula; letramentos digitais extra sala de aula e formação pedagógica dos alunos.

No primeiro capítulo, apresento a metodologia adotada nesta pesquisa. A seção 1.1 define a abordagem metodológica escolhida bem como sua respectiva justificativa, além de tratar sobre a noção de Linguística Aplicada adotada nesse estudo. Em seguida, a seção 1.2 traz informações sobre a coleta de dados, incluindo o cenário da pesquisa, a pesquisadora, a disciplina e os participantes da pesquisa. Por fim, na última seção, apresento os instrumentos adotados na pesquisa e as justificativas para as escolhas.

No segundo capítulo, trato da temática que ancora este estudo: letramentos digitais e suas relações com o ensino-aprendizagem de língua inglesa. Início o capítulo tratando do panorama social da contemporaneidade e das TIC na educação. A seção seguinte é dedicada aos letramentos, em especial, aos letramentos digitais. Em seguida, discuto sobre o papel do *Facebook* como ferramenta de ensino-aprendizagem. Por fim,

trago uma discussão sobre a formação de professores de inglês e discuto a respeito do papel do professor como agente de letramentos.

Os capítulos seguintes são dedicados à análise e interpretação dos dados. O terceiro capítulo é uma análise do PPC do Curso de Letras-Inglês da UNEAL na perspectiva da pesquisa. O quarto capítulo traz as propostas de trabalho e representações dos alunos sobre as aulas por meio das análises dos dados obtidos antes das aulas. No quinto capítulo, reflito acerca do processo crítico-reflexivo do aluno em sala de aula com base nos dados obtidos nas atividades propostas e gravações das aulas. No último capítulo, abordo os letramentos digitais extra sala de aula e a formação pedagógica dos alunos a partir da interpretação dos dados obtidos no final da pesquisa.

CAPÍTULO I

1 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a abordagem metodológica adotada nesta pesquisa, bem como a visão de Linguística Aplicada neste estudo, informações sobre a coleta de dados e os instrumentos utilizados na coleta. Além disso, creio ser indispensável para o entendimento do contexto deste trabalho apresentar o cenário da pesquisa, a professora-pesquisadora, a relação entre cenário e pesquisadora, a disciplina e os alunos participantes da pesquisa.

1.1 Abordagem metodológica

Este estudo está inserido no campo de pesquisas qualitativas na medida em que seu objeto, por excelência, é a ação interpretada, simultaneamente, pelo pesquisador e pelos demais participantes da pesquisa (DESLAURIERS e KÉRISIT, 2010). Além disso, este estudo é de cunho qualitativo, uma vez que compreende as cinco características básicas que configuram esse tipo de pesquisa, segundo Lüdke e André (1986, p.11-13) com base nos estudos de Bogdan e Biklen (1982):

- (1) “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como o seu principal instrumento” – supõe o contato direto entre o pesquisador, o ambiente pesquisado e a situação a qual se investiga através do trabalho de campo;
- (2) “Os dados coletados são predominantemente descritivos” – o material coletado, nesse tipo de pesquisa, é rico em detalhes dos acontecimentos, situações e descrições de pessoas;
- (3) “A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto” – o interesse no estudo se concentra em verificar como o problema se manifesta em situações cotidianas;
- (4) “O ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à vida são focos de atenção especial pelo pesquisador” – busca-se identificar a perspectiva dos participantes da pesquisa, considerando os diversos pontos vista;

(5) “A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo” – não há interesse em buscar evidências que comprovem hipóteses, pois as abstrações se consolidam conforme os dados são analisados.

O fato de não existirem hipóteses neste estudo não influencia na existência de um segmento teórico que oriente a coleta e análise dos dados. Assim, no decorrer da pesquisa, as questões e os interesses tornam-se mais específicos de maneira a conduzir o pesquisador à necessidade de reconfigurar os focos da pesquisa conforme o estudo se desenvolve (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Além do viés qualitativo, este estudo caracteriza-se também como pesquisa social definida por Minayo (2010) como a junção de teoria, método e criatividade, elementos que, se bem combinados, produzem conhecimentos e dão continuidade à tarefa dinâmica de descobrir as entranhas do mundo e da sociedade. Assim sendo, este estudo segue as instruções metodológicas orientadas pela pesquisa social. Para isso, a pesquisa divide-se em três etapas que servirão como roteiro: fase exploratória; trabalho de campo; análise de dados em pesquisa qualitativa (MINAYO, 2010).

A **fase exploratória**⁵ é uma das mais importantes da pesquisa, uma vez que as atividades que compõem essa fase, além de antecederem a construção da pesquisa, também a sucedem. Dessa forma, para que se possa definir melhor o campo de pesquisa, os instrumentos de investigação e o grupo de pesquisa, é necessário maior aproximação do campo de investigação (DESLANDES, 2010).

Na construção do trabalho, inicia-se a fase exploratória, a qual segue até o trabalho de campo. Essa fase inicial só termina quando o pesquisador define o seu objeto de estudo, o marco teórico conceitual, os instrumentos de coleta de dados, espaço, grupos de pesquisa, amostragem e as estratégias de entrada no campo (DESLANDES, 2010). Por esse motivo, essa fase é de suma importância, pois é nela que são norteados os rumos da pesquisa. Além disso, por não se tratar de um estudo linear, essa fase ocorrerá durante todo o processo investigativo.

Após todas as etapas realizadas na fase exploratória, surge a necessidade de selecionar formas de investigação do objeto a ser estudado. Para isso, o **trabalho de campo** torna-se indispensável, visto que se apresenta como uma possibilidade de

⁵ Os destaques em negrito são ênfases minhas.

aproximação e criação do conhecimento do que se deseja estudar, a partir da realidade presente (NETO, 2010).

O trabalho de campo abrange, desde questionamentos feitos pelo pesquisador, levantamento bibliográfico e discussões sobre o tema de interesse, até o que Minayo (1992, *apud* Neto, 2010, p. 53) define como “um recorte que o pesquisador faz em termos de espaço”, ao se referir ao local escolhido para realizar o estudo. Esse local, definido pelo pesquisador, representa uma realidade empírica que deve ser estudada a partir de fundamentações teóricas sobre o objeto da investigação (NETO, 2010).

Em se tratando de pesquisa social e campo de pesquisa, Neto (2010) acrescenta que o lugar primordial no recorte espacial da pesquisa é onde os participantes estão envolvidos numa dinâmica de interação social. Nesse sentido, os participantes da pesquisa tornam-se sujeitos de uma história a ser investigada e, para tal, é fundamental uma construção teórica a fim de torná-los objetos de estudo. Com isso, “o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos” (NETO, 2010 p. 54).

Como mencionado anteriormente, a fase exploratória vai além da construção do projeto, acompanhando, também, o trabalho de campo. Na fase exploratória de campo, é importante ter alguns cuidados e considerar algumas questões que devem ser observadas na entrada do trabalho de campo. Primeiro, buscar uma **aproximação das pessoas** que participarão do estudo. Segundo, apresentar a **proposta de estudo** aos envolvidos na pesquisa para que haja um momento de troca de informações e as prováveis repercussões do processo investigativo (NETO, 2010). Nessa pesquisa, esses primeiros momentos aconteceram durante a entrevista coletiva, que será detalhada mais adiante.

O terceiro ponto diz respeito à **postura do pesquisador em relação à problemática a ser pesquisada**, pois é preciso que o pesquisador ignore o desejo de confirmar o que ele já sabe, mas busque compreender o campo de pesquisa como um local de novas revelações (NETO, 2010).

O último ponto que merece atenção no trabalho de campo é o **cuidado teórico-metodológico com a temática a ser estudada**, uma vez que, segundo Neto (2010) esse não se explica por si só, bem como a atividade de pesquisa não se restringe ao uso de técnicas refinadas de coleta de dados. Sendo assim, o autor sugere captar o significado

dinâmico que ocorre no espaço em estudo. Nesse caso, esse ponto corresponde à coleta de dados realizada durante cinco aulas.

Embora a **análise de dados em pesquisa qualitativa** seja a última fase da pesquisa, ela depende significativamente das fases anteriores, visto que se houver lacunas nas etapas anteriores, deve-se retornar a elas para resolver os possíveis problemas (GOMES, 2010). Por esse motivo, neste estudo, foi usado um número expressivo de instrumentos de coleta de dados.

É importante ressaltar que considero, nessa fase, não somente a análise de dados, mas também a interpretação deles, de modo a concordar com Gomes (2010, p.68), o qual compreende que “a análise e interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa”.

A justificativa para a escolha das características das abordagens metodológicas apresentadas é a de que acredito serem as mais adequadas para o tipo de pesquisa que busco desenvolver.

1.1.1 Linguística aplicada

A pesquisa aqui descrita baseia-se em uma visão de Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem” e transgressão em busca do conhecimento, conforme aponta Cezar (2002, *apud* FABRÍCIO, 2006, p.45) “a desaprendizagem é um requinte do conhecimento”. Julgo ser a partir dessa perspectiva que os estudos linguísticos, nos quais se insere esta pesquisa, devam analisar as formas de ser do sujeito, de construção de sentido e de produção de conhecimento contemporâneas. Dessa forma, as pesquisas em LA serão capazes de responder às contingências, problematizações e urgências mais fecundamente (FABRÍCIO, 2006). A autora aposta

nos descaminhos e na *desaprendizagem* de qualquer tipo de proposição axiomática como um refinamento no processo de conhecer aquele que se realiza no trânsito por diferentes regimes de verdades e diferentes áreas disciplinares, desfamiliarizando os sentidos neles presentes e modificando a experiência da própria área de conhecimento na qual se insere (FABRÍCIO, 2006, p. 61).

O momento contemporâneo opera em um campo que envolve uma série de novos significados, modos de produção de sentido, práticas, técnicas, instituições, procedimentos de subjetivação e relações discursivas, as quais necessitam de

explicações causais mais complexas a respeito dos fenômenos sociais existentes (FABRÍCIO, 2006). Por esse motivo, os estudos linguísticos atuais apresentam grande interesse em analisar a linguagem de uma perspectiva indisciplinar e transdisciplinar (SIGNORINI & CAVALCANTE, 1998 *apud* FABRÍCIO, 2006). Isso se justifica porque se entende que os fenômenos sociais estão inseridos em um campo de problematizações, dificultando o estudo da linguagem como objeto autônomo.

Conforme a demanda contemporânea sobre os estudos linguísticos tem se intensificado e conforme a LA tem procurado trabalhar com um conceito mais complexo, este estudo objetiva se adequar às necessidades da LA contemporânea. Dentre essas necessidades, estão: interrogar sobre a relevância social do tema e do objetivo geral do estudo; refletir sobre a temática; problematizar e contextualizar local e globalmente o objeto de estudo; estranhar dogmas mumificados e sentidos essencializados; ser cauteloso quanto às generalizações; visitar posições e reexaminar as escolhas (FABRÍCIO, 2006). Além destes conceitos apresentados, para nortear esse estudo, seguirei outros conceitos metodológicos também articulados por Nietzsche, Foucault e Wittgenstein (FABRÍCIO, 2006, p. 59-60):

Ter ciência de que nossas descrições e observações de eventos não são neutras e não podem ser feitas de fora de nossa linguagem nem da rede de significações que compõem o nosso repertório; Apresentar nossos trabalhos como fabricação de “edifícios” móveis cujos “alicerces” líquidos não permitem a solidificação do conhecimento “erguido”; Pensar, operando em uma dimensão ética, nos possíveis efeitos e consequências do caminho percorrido pelo pesquisador, interrogando-nos a quem eles podem atingir/beneficiar/prejudicar, e de que forma (FABRÍCIO, 2006, p. 59-60).

Conforme os procedimentos apresentados, este trabalho é norteado por uma LA problematizadora, por meio de questionamentos, embate de ideias e trocas argumentativas, e percebe a linguagem como questões políticas, sem respostas definitivas ou universais. Para isso, aposto no conceito de “desaprender” como um privilegiado meio de alcançar a fluidez e os entre-espaços para a construção de conhecimento na contemporaneidade (FABRÍCIO, 2006).

Acrescento, também, a esse estudo a perspectiva transgressiva da LA, e destaco a necessidade de separar transgressão de desordem. Aqui, o termo transgressivo se refere à necessidade crucial de ter instrumentos políticos e epistemológicos para transgredir os limites do pensamento e da política tradicionais. É nesse sentido que esta

pesquisa se direciona: penetrar nos territórios proibidos, pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito (PENNYCOOK, 2006).

Dentre as teorias transgressivas (ELDER, 2004; JENKS, 1999; KEARNEY, 1988; BEL HOOKS, 1994) apresentadas por Pennycook (2006) adoto, para este estudo, o conceito trazido por Hooks (1994), o qual sugere que a pesquisa deve

mover-se para além das fronteiras, o direito de escolher, de dizer a verdade e de exercer a consciência crítica, o direito de reconhecer as limitações, a mudança de paradigmas, e o desejo de ‘conhecer’ para além do que está imediatamente imperceptível (PENNYCOOK, 2006 *apud* HOOKS, 1994 p.75).

1.2. Coleta De Dados

Neste estudo, busco observar o processo de formação inicial de professores de inglês no tocante ao uso das TIC, inseridas na disciplina de Língua Inglesa I do Curso de Letras/Inglês da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL – Campus III – Palmeira dos Índios. Coloco em foco a minha prática e a perspectiva dos alunos quanto aos letramentos digitais, com base nos acontecimentos durante as aulas, a partir da minha experiência como professora-pesquisadora na interação com os alunos, participantes da pesquisa. O foco principal e organizador desse estudo é a tríade: ensino de língua inglesa, TIC e letramentos digitais, pois acredito que, por meio da junção e boa dinâmica desses elementos, o conhecimento e a compreensão podem ser alcançados.

O quadro a seguir apresenta o período de coleta dos dados, a disciplina, o número de aulas e a quantidade de participantes da pesquisa:

Quadro 1- Informações sobre a coleta de dados

Disciplina	Período de Coleta	Número de aulas	Participantes
Língua Inglesa I	Outubro de 2015	20 aulas em 5 encontros semanais ⁶	20

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro seguinte resume os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, os objetivos e os meios para alcançá-los:

⁶ Aulas com duração de 50 minutos.

Quadro 2 - Procedimentos Metodológicos

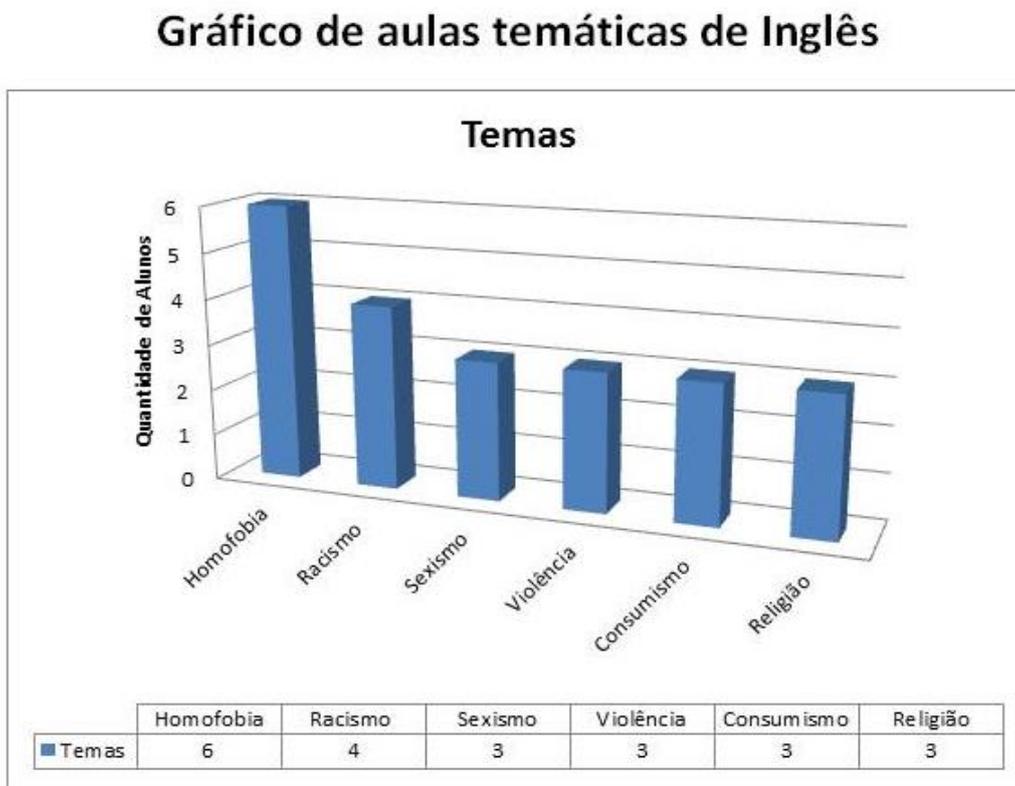
Objetivo Específico	Método de Coleta de Dados
(1) Inserir as TIC nas aulas de Inglês com vistas aos letramentos digitais na formação dos professores;	<ul style="list-style-type: none"> • Análise das autobiografias e questionário inicial dos alunos; • Elaboração de planos de aulas com base nos temas escolhidos pelos alunos e nas informações adquiridas até momento; • Proposta de atividades interativas que desenvolvam o senso crítico e reflexivo dos alunos; • Uso de recursos multimodais por meio das TIC.
(2) Implementar uma prática de sala de aula e extra sala e aula com vistas ao desenvolvimento dos letramentos digitais por meio de aulas temáticas sobre assuntos socialmente relevantes no ensino-aprendizagem de língua inglesa;	<ul style="list-style-type: none"> • Análise dos diários produzidos pelos alunos e pela professora-pesquisadora, atividades produzidas pelos alunos e gravações das aulas.
(3) Refletir a respeito das representações dos alunos, futuros professores, quanto ao uso das TIC nas aulas de Língua Inglesa.	<ul style="list-style-type: none"> • Análise das atividades propostas no grupo do <i>Facebook</i> e questionário 2 aplicado ao alunos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para facilitar a comunicação entre a professora-pesquisadora e os alunos, participantes da pesquisa, fora do local da pesquisa, dois grupos nas redes sociais foram criados, um no *Facebook* e outro no *Whatsapp*. Assim, atividades, avisos e discussões poderiam ser realizados além da sala de aula. A primeira atividade postada no grupo do *Facebook* foi a proposta de escolha dos temas para serem trabalhados durante as aulas. Para isso, listei vinte e cinco⁷ temas socialmente relevantes e pedi para que os alunos escolhessem cinco e, se desejassem, acrescentassem outros temas. O resultado foi o seguinte:

⁷ Violência; Fome; Pobreza; Desigualdade Social; Racismo; Sexismo; Homofobia; Feminismo/machismo; Pequenas corrupções; Religião; Sustentabilidade; Pluralidade Cultural; Redes Sociais; Ditadura da beleza; Política; Capitalismo/Socialismo; Drogas; Globalização; Consumismo; Comunicação; Modismos; Inclusão; Privacidade; Outros.

Figura 1- Temas das aulas



Fonte: Elaborada pela autora.

1.2.1 Cenário da pesquisa

O cenário escolhido para a realização dessa pesquisa foi o curso de Letras/Inglês da UNEAL – Campus III – Palmeira dos Índios, tanto por ter sido minha instituição formadora, também, quanto por ser, atualmente, meu local de trabalho. Além disso, é a instituição pública mais próxima e acessível ao contexto da pesquisa, em termos de formação de professores.

A instituição foi fundada em 1970, pela Lei Municipal nº. 719/70, como Fundação Educacional do Agreste Alagoano – FUNEC, em seguida, foi estatizada em 1990 pela Lei Estadual 5.119 de 12 de janeiro de 1990. Em 29 de dezembro de 1995 foi renomeada pela Lei Estadual 5.762, como Fundação Universidade Estadual de Alagoas – FUNESA e reestruturada em 2006 pela Lei 6.785/2006, de 21 de dezembro, como Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL (PPP – PROCAMPO, 2009).

Até 2005, a UNEAL era a única Universidade Pública do interior do Estado de Alagoas. Desde sua criação, tem sido responsável pela formação de professores no Agreste e no Sertão alagoanos.

Em 2006, após alguns problemas no quadro docente terem sido sanados, mediante concurso e feita avaliação da FUNESA por comissão externa de docentes nomeados pelo Poder Público, ocorreu o credenciamento da FUNESA como universidade, pelo Conselho Estadual de Educação, através do Parecer nº 100/2006 – CEE. Ainda em 2006, a instituição foi reestruturada administrativamente pelo Governo do Estado de Alagoas, por meio da Lei 6.785/2006, de 21 de dezembro de 2006 e em 27 de dezembro do mesmo ano. Seu Estatuto foi aprovado pelo Decreto Nº 3.538, passando de Fundação a Autarquia e tendo sua denominação alterada para Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Foram criados os Campi de São Miguel dos Campos e União dos Palmares, como Campus IV e Campus V, respectivamente (PPP – PROCAMPO, 2009).

A UNEAL passa a existir como instituição detentora de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial nos termos do Artigo 207 da Constituição Federal e do Artigo 53 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Com 46 anos de existência, a UNEAL é a instituição de ensino superior mais importante do interior do Estado de Alagoas. Atualmente, a instituição oferta cursos de graduação em seis *Campi*, distribuídos, estrategicamente, pelo interior do Estado e na Capital. Os *Campi* da UNEAL estão localizados em Arapiraca (Campus I), Santana do Ipanema (Campus II), Palmeira dos Índios (Campus III), local desta pesquisa, São Miguel dos Campos (Campus IV) União dos Palmares (Campus V) e Maceió (Campus VI).

A localização geográfica dos *Campi* da UNEAL, expressa no mapa a seguir, permite perceber o significado sociocultural hoje alcançado pela instituição.

Figura 2- Mapa de Localização dos *Campi* da UNEAL



Fonte: IBGE, 2010⁸

O quadro seguinte apresenta a área de alcance em número de municípios das microrregiões atendidas pela UNEAL. Pode-se perceber que o alcance da instituição é de um terço dos municípios alagoanos, ainda que esse número de alcance da instituição vá além da organização geográfica apresentada. Segue a configuração de abrangência:

Quadro 3 - Configuração de Abrangências dos *Campi* da UNEAL⁹

Campus	Município Polo	Abrangência	Região
I	Arapiraca	Arapiraca, Campo Grande, Coité do Nóia, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, São Sebastião e Taquarana.	02
II	Santana do Ipanema	Santana do Ipanema, Carneiros, Dois Riachos, Maravilha, Ouro Branco, Palestina, Pão de Açúcar, Poço das Trincheiras, São José da Tapera e Senador Rui Palmeira.	09
III	Palmeira dos Índios	Palmeira dos Índios, Belém, Cacimbinhas, Estrela de Alagoas, Igaci, Mar Vermelho, Maribondo, Minador do Negrão, Paulo Jacinto, Quebrangulo e Tanque d'Arca.	07
IV	São Miguel dos Campos	São Miguel dos Campos, Anadia, Boca da Mata, Campo Alegre, Coruripe, Junqueiro, Roteiro e Teotônio Vilela.	10
V	União dos Palmares	União dos Palmares, São José da Laje, Ibateguara, Colônia Leopoldina, Joaquim Gomes, Branquinha, Santana do Mundaú, Chã Preta, Capela, Pindoba e Cajueiro.	12

⁸ Os destaques em vermelho e os nomes dos *campi* são edições minhas.

⁹ Fonte: PPP – PROCAMPO, 2009. Não apresenta dados sobre o campus VI – Maceió.

Atualmente, a universidade oferta os cursos de Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Direito, História, Letras/Português, Letras/Inglês, Letras/Francês, Letras/Espanhol, Geografia, Matemática, Química, Ciências Biológicas, Pedagogia, Administração Pública, e Zootecnia.

Ao longo de sua existência, a UNEAL vem auxiliando o desenvolvimento no interior de Alagoas, principalmente, por meio do ensino e da pesquisa. Apesar disso, ultimamente, o ensino superior estadual vem sendo negligenciado pelas autoridades competentes, o que causa grande transtorno para a sociedade nos diversos municípios de sua atuação. Dentre os problemas enfrentados pela instituição, a falta de professores é o mais expressivo. Após alguns anos da realização do último concurso público, com muita luta, em 2014 foi realizado concurso público para professor efetivo da UNEAL. Desse concurso, até o momento apenas 32 professores foram nomeados, um terço da real necessidade da instituição.

Apesar de todas as dificuldades que a UNEAL tem enfrentado, durante quase cinco décadas, a universidade tem democratizado o ensino superior no interior do estado, beneficiando toda a sociedade alagoana.

1.2.2 Relação entre cenário e pesquisadora

A UNEAL tem um papel fundamental na minha formação acadêmica. Ingressei na instituição em 2007, como graduanda do curso de Letras/Inglês no Campus I – Arapiraca. Particularmente, foi uma vitória sair da zona rural de Traipu, cidade com um dos piores Índices de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB¹⁰ do país, onde, para estudar o ensino fundamental II e médio, era preciso viajar cerca de 30 quilômetros em um pau-de-arara para a cidade mais próxima do povoado em que morava.

Considero o meu ingresso na UNEAL um exemplo, porque fui umas das primeiras pessoas da comunidade a ser aprovada em uma instituição pública de ensino superior, e a partir da minha entrada, consegui abrir caminhos para que outras pessoas da comunidade pudessem cursar o ensino superior também. Dentre eles, meus três irmãos mais novos cursaram licenciaturas na UNEAL, dois irmãos estudaram Geografia e uma irmã está cursando Letras/Inglês também.

¹⁰ O IDEB do município de Traipu em 2015 foi de 3,7, abaixo da média do Estado que foi de 4,3. Mais informações podem ser encontradas no site <http://www.qedu.org.br/cidade/5481-traipu/ideb>. Acesso em 20/10/2016.

A minha escolha pelo curso não foi por acaso. Desde cedo, sabia que seria professora pela minha facilidade em me relacionar e me comunicar com os outros. O desejo de lecionar era algo muito forte, talvez reflexo das minhas experiências durante a infância. A escolha em estudar inglês surgiu da paixão pela língua despertada durante o curso de inglês no Centro de Linguística Aplicada Instituto de Línguas Estrangeiras - ILE¹¹, onde, mais tarde, tive a oportunidade de lecionar. Assim, foi por meio do curso ofertado pela UNEAL que pude unir o útil ao agradável: ensinar inglês.

Como saí da zona rural do interior do Estado para morar em Arapiraca e minha família não tinha condições financeiras para me manter em outra cidade, tive que estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Pela manhã, dava aulas de inglês numa escola particular, à tarde estagiava no projeto de extensão Centro de Línguas Estrangeiras - CELE¹² ofertado pela UNEAL, à noite estudava.

Apesar de ter entrado na UNEAL em 2007, só consegui concluir o curso em 2012 devido a duas greves que enfrentamos durante esse período. Sofri na pele todos os problemas pelos quais a instituição passou e ainda tem passado, os quais vão desde a falta de professores e verba para manter as necessidades básicas da universidade, até de ordem estrutural do prédio.

No início de 2015, tive a oportunidade de retornar à instituição, como professora substituta, e lecionar língua inglesa no Curso de Graduação em Educação do Campo – PROCAMPO¹³, um projeto desenvolvido na instituição, o qual oferta curso superior aos professores das zonas rurais do estado que possuem apenas o magistério.

Após 11 anos sem concurso e uma grande carência de professores, em 2014 foi lançado edital para professor efetivo da UNEAL a cuja seleção me submeti e fui aprovada em primeiro lugar para professora de língua inglesa. Hoje, retorno à instituição onde me formei, agora, como professora efetiva.

¹¹ O ILE é uma instituição mista (pública e particular), fundada em 1999 na cidade de Arapiraca-Alagoas, dedica-se ao ensino de línguas estrangeiras e à pesquisa sobre ensino e aprendizagem de línguas.

¹² O CELE é um programa que objetiva expandir o ensino de línguas, especialmente Inglês, Espanhol, Francês e Alemão. É ofertado aos alunos de graduação da UNEAL, do ensino médio e da comunidade local e adjacentes. Mais informações no site <http://www.uneal.edu.br/programas/cele>. Acesso em 27/10/2016.

¹³ O PROCAMPO tem por objetivo formar e habilitar professores em Licenciatura Plena em Educação do Campo, para atuar nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio com áreas de concentração em Línguas, Artes e Literatura e Ciências da Vida, da Natureza e Matemática. O curso tem duração de quatro anos, divididos em oito semestres. É desenvolvido sob a forma de Pedagogia da Alternância formativa, envolvendo atividades em tempo-escola e tempo-comunidade (PPP, 2009).

Por todos os benefícios que a UNEAL ofertou à minha formação profissional e crescimento pessoal, e por todos os estudantes que essa instituição já formou e ainda formará, em forma de reconhecimento, escolhi-a como local para realizar minha pesquisa de mestrado e desejo poder trazer resultados positivos a fim de mantê-la firme, a beneficiar a sociedade alagoana.

1.2.3 A professora-Pesquisadora

Lembro-me da primeira vez em que tive contato com a língua inglesa. Estava na 4ª série (atual 5º ano) do ensino fundamental, quando comecei a folhear um livro didático de inglês de um amigo que estudava em outra escola. Desde então, fiquei fascinada pela língua. Para mim, aprender aquela língua era uma libertação, era como ganhar asas para alcançar novas culturas e povos.

Sou de uma família de cinco filhos e sempre estudei em escola pública. Apesar das poucas condições, meus pais sempre prezaram pela nossa educação. Sempre alcancei boas notas e creio ter sido nos primeiros anos escolares que o desejo de ser professora foi despertado. Mais precisamente na 3ª série do ensino fundamental, nas aulas da tia Maria¹⁴. Seu amor pela profissão, transmitidos por meio de gestos de carinho e dedicação para com os alunos foram fundamentais para despertar em mim o desejo de lecionar também.

A paixão pela língua inglesa levou-me até o Instituto de Línguas Estrangeiras, um curso de idiomas na cidade de Arapiraca-AL, onde estudei inglês durante seis anos. Mais tarde, comecei a lecionar nesse curso, onde aprendi muito. Em 2007, passei no vestibular para o curso de Letras/Inglês da UNEAL – Campus I e me mudei para a cidade de Arapiraca. No terceiro período da faculdade, já comecei a lecionar língua inglesa numa escola particular. Apesar da falta de experiência, ensinar durante a graduação foi muito importante para colocar em prática o que estava estudando naquele momento.

Além da língua inglesa, sempre tive fascinação por tecnologia. Apesar de não ter tido contato com a tecnologia desde criança, nem com falantes nativos da língua inglesa, sempre vi a tecnologia como um recurso fundamental para o processo de ensino-aprendizagem e imersão na cultura da língua-alvo. No entanto, durante a

¹⁴ Nome fictício.

graduação, não fui orientada a utilizar os recursos tecnológicos de forma pedagógica. A minha formação didático-tecnológica, portanto, foi desenvolvida fora e depois da graduação.

Em 2012, concluí o curso de graduação e entrei no curso de especialização em Língua Inglesa ofertado pelo Centro de Ensino Superior Arcanjo Mikael de Arapiraca – CESAMA. A maioria do corpo docente dessa especialização era composta por professores da minha graduação. Apesar de todo ensinamento adquirido nessa especialização, o fato de ter o mesmo corpo docente da graduação e a grade do curso, não me proporcionaram conhecer novas metodologias de ensino.

Antes de concluir a primeira especialização, submeti-me a uma seleção de alunos para o curso de especialização em Linguagens e Práticas Sociais ofertado pelo Instituto Federal de Alagoas – IFAL – Campus Arapiraca. Passei na seleção e, durante alguns meses, cursei as duas especializações concomitantemente. Foi difícil manter os dois cursos ao mesmo tempo, mas a escolha em fazer outra especialização foi fundamental para ampliar meus conhecimentos adquiridos na graduação.

Em 2014, fui aprovada no concurso da prefeitura de Arapiraca para professora de inglês. A busca por aprender mais era alimentada pela minha atuação como professora da rede municipal, a qual exigia de mim novas estratégias de ensino que pudessem motivar os alunos, diante das possibilidades que a escola pública ofertava. Foi durante a segunda especialização que comecei a pesquisar e escrever sobre as minhas experiências em sala de aula e a procurar soluções para alguns problemas enfrentados, por meio de discussões e palestras realizadas nos seminários e congressos de que participei.

A especialização em Linguagens e Práticas Sociais foi tão importante para a minha formação, inquietando-me e despertando o meu olhar para a pesquisa, que, antes mesmo de concluí-la, ingressei no mestrado em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. É importante ressaltar que cursei duas disciplinas como aluna especial no curso de mestrado, antes de ingressar como aluna regular. Cursar as disciplinas, Linguística Aplicada e Tópicos Avançados em Linguística Aplicada, foi fundamental para a compreensão do universo da pesquisa.

1.2.4 A disciplina e os participantes da pesquisa

A escolha da disciplina para a realização dessa pesquisa dependeu, significativamente, dos participantes dela, visto que eu lecionava três disciplinas no ano de 2015.2: Língua Inglesa I, Língua Inglesa II e Metodologia do Ensino de Língua Inglesa. Em todas elas, a pesquisa poderia ser realizada.

A princípio, eu acreditava que a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Inglesa era a mais adequada para a pesquisa, uma vez que poderia aplicar as estratégias pedagógicas de uso das TIC na sala de aula. No entanto, para que a escolha não dependesse somente de um conceito inicial meu, resolvi realizar entrevistas coletivas em todas as turmas. Surpreendentemente, a escolha de trabalhar com o 2º período na disciplina de Língua Inglesa I deu-se a partir dos resultados das entrevistas, já que além de essa turma ser a mais numerosa, foi a que cuja maioria dos alunos demonstrou interesse em se tornar professores, diferente dos alunos das outras duas turmas. Sendo assim, escolhi essa turma e essa disciplina por acreditar que, futuramente, os alunos, enquanto professores de inglês, aplicarão em suas aulas o que aprenderiam na formação docente.

A ementa da disciplina Língua Inglesa I é de 2009 e apresenta os seguintes direcionamentos: “introdução às práticas de compreensão e produção orais e escritas da língua, através do uso de estruturas e funções comunicativas elementares. Além da introdução ao sistema fonológico da língua inglesa” (PPP-UNEAL, 2009, p.108).

Os participantes da pesquisa são os vinte alunos com faixa etária entre 17 e 30 anos, matriculados na disciplina Língua Inglesa I, cuja maioria mora na cidade de Palmeira dos Índios, enquanto os demais moram em cidades circunvizinhas, como Igaci, Quebrangulo, Dois Riachos, Cacimbinhas, Estrela de Alagoas e Maribondo. Há, também, alunos do Estado de Pernambuco, da cidade de Bom Conselho – PE, que faz divisa com Palmeira dos Índios.

A seguir, serão listados os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa, bem como suas definições, justificativas de escolhas, objetivos e períodos de coleta.

1.3 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram os planos de aula e os diários reflexivos da professora-pesquisadora. Além disso, como esse estudo se interessa, também, pelas representações dos alunos sobre o processo formativo, optei pelos seguintes instrumentos: autobiografias, diários reflexivos dos alunos, entrevista coletiva e questionários. Também servirão para análise as gravações das aulas, os textos e discussões nos grupos nas redes sociais e produções dos alunos em sala de aula.

O quadro a seguir apresenta, sucintamente, os instrumentos de coleta, os objetivos de cada um deles, período de coleta de dados e as respectivas localizações dos instrumentos nos apêndices e anexos. Mais adiante, explicarei os motivos e objetivos de escolha de cada instrumento de coleta de dados e seus embasamentos teóricos.

Quadro 4 – Instrumentos, Objetivos, Período de Coleta e Localização

Instrumentos de Coleta	Objetivos de Coleta	Período da Coleta	Localização
Planos de aula	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar e orientar as aulas; • Registrar as atividades para revisões; • Refletir e analisar a eficácia da metodologia das aulas; • Confrontar os planos de aula com outros instrumentos. 	02-30 de outubro de 2015 (Durante as aulas)	Apêndices D ao H pág. 92-99
Diários reflexivos da professora	<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar reflexão crítica; 	02-30 de outubro de 2015 (Durante as aulas)	Apêndices I ao M Pág. 100-107
Diários reflexivos dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Obter informações sobre a metodologia das aulas. 	02-30 de outubro de 2015 (Durante as aulas)	Anexos 34 ao 45 Pág. 161-172
Autobiografias	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os participantes da pesquisa e seus interesses; • Promover reflexão crítica nos participantes da 	18 de setembro a 02 de outubro de 2015	Anexos 1 ao 15 Pág. 110-124

	pesquisa.		
Entrevistas ¹⁵ Coletivas	<ul style="list-style-type: none"> • Escolher a turma a ser pesquisada; • Obter informações; • Esclarecer dúvidas; • Promover interação social; • Democratizar as escolhas e informações. 	De 25 a 28 de agosto de 2015	Sem registro
Questionários	<ul style="list-style-type: none"> • Obter informações mais detalhadas; • Comparar os dois questionários utilizados; • Verificar os resultados da pesquisa. 	11 de setembro de 2015 (primeiro) e 23 de novembro de 2015 (segundo)	Questionário 1 Anexos 16 ao 33 Pág. 125-160 Questionário 2 Anexos 46-56 Pág. 173-191

Fonte: Elaborado pela autora.

1.3.1 Planos de Aula

O planejamento das aulas é uma tarefa indispensável para a profissão docente, uma vez que permite ao professor realizar uma previsão das atividades para alcançar os objetivos traçados, bem como possibilita uma revisão e adequação durante o processo de ensino. Além disso, o momento do planejamento é muito importante para o crescimento tanto do professor quanto da qualidade das aulas, pois ao programar as ações a serem executadas durante as aulas, o professor pesquisa e reflete sobre a sua prática (LIBÂNEO, 1994).

Segundo Libâneo (1994), a aula organiza o processo de ensino e possibilita criar situações docentes. Em outras palavras, “as condições ou meios necessários para que os alunos assimilem ativamente conhecimentos, habilidades e desenvolvam suas capacidades cognoscitivas (LIBÂNEO, 1994 p.241)”. Para isso, é preciso estabelecer objetivos, pois deles dependerão os métodos e procedimentos de transmissão e assimilação de conteúdos, como também as formas de avaliação.

Outro ponto importante no plano de aula é o desenvolvimento metodológico que deverá ser dividido nas seguintes etapas: preparação e introdução do assunto; desenvolvimento e estudo ativo do assunto; sistematização e aplicação; tarefas de casa

¹⁵ Não houve registro das entrevistas coletivas.

(LIBÂNEO, 1994). Com base nisso, é útil mencionar que tais procedimentos foram adotados nos planos de aula dessa pesquisa e colocados em prática durante as aulas.

Nesse trabalho, os planos de aula exercem várias funções: (1) servem como roteiro para a aplicação das etapas das aulas; (2) registram as atividades para posteriores revisões; (3) e proporcionam autorreflexão na elaboração e análise da eficácia da metodologia das aulas.

No quadro que segue estão as principais informações sobre os planos de aula dessa pesquisa:

Quadro 5 - Informações sobre os Planos de Aula¹⁶

Número de planos de aula	Duração dos planos	Aspectos dos planos
5	120 a 150 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Objetivos • Previsão das dificuldades • Avaliação • Procedimentos metodológicos • Tarefa de casa • Material utilizado • Referências

Fonte: Elaborado pela autora

1.3.2 Diários Reflexivos

Os diários reflexivos podem ser entendidos como um espaço narrativo do pensamento, isto é, como documentos da expressão e da elaboração do pensamento e dos dilemas de quem os escrevem (LIBERALI, 2003), no caso dos participantes desta pesquisa, alunos e professora-pesquisadora. Além disso, os diários são capazes de revelar a relação do aluno com o conteúdo, com o professor, com outros colegas, com a metodologia adotada e com experiências vivenciadas anteriormente (SOARES, 2005).

Neste trabalho, os diários reflexivos são considerados gêneros que atuam como instrumentos para a reflexão crítica (LIBERALI, 2003) dos alunos e professora-pesquisadora, ao final de cada aula. O objetivo da escrita dos diários pelos alunos, nesta pesquisa, é de proporcionar um olhar crítico para o processo de ensino-aprendizagem,

¹⁶ Apêndices D ao H.

de maneira a repensar outras formas de ensinar e aprender, além de obter suas representações sobre as aulas de inglês, em especial, aos letramentos digitais por meio do uso das TIC. Isso só é possível porque, segundo Soares (2005), o diário é um espaço legítimo no qual o aluno pode expressar, com sua própria voz, suas representações e sentimentos sobre a escola. Desse modo, o trabalho com diários reflexivos torna-se importante para que os participantes da pesquisa reflitam criticamente sobre as práticas sociais, suas implicações no ambiente escolar, bem como as necessidades do mundo contemporâneo.

Dada a importância de avaliar a prática do professor no processo de ensino-aprendizagem destacada por Libâneo (1995, p.243) ao afirmar que “o professor consciencioso deverá fazer uma avaliação da sua própria aula”, nesta pesquisa, os diários reflexivos da professora-pesquisadora foram utilizados por serem ferramentas fundamentais para a avaliação da evolução das aulas. Acredito que a escrita do diário reflexivo é um momento de repensar as ações planejadas e executadas, bem como os respectivos resultados. Além disso, o momento da escrita dos diários proporciona a reflexão do professor sobre sua prática.

Por se tratar de uma ferramenta escrita, o diário exige certo grau de elaboração linguística e discursiva mais estável. Segundo Liberali (2003, p.113), deve apresentar as seguintes características: **Escrever**¹⁷ - sustentação dos pontos de vista por meio da descrição concreta das ações; **Informar** – explicações das ações; **Confrontar** – apresentação dos pontos de vista através de critérios referentes aos aspectos sociais, culturais e políticos; e **Reconstruir** – descrição de sugestões sustentadas para reformulações das práticas descritas a partir dos critérios descritos no confrontar.

É conveniente esclarecer que neste trabalho, embora os diários da professora-pesquisadora devam apresentar tais características, não se espera o mesmo dos diários produzidos pelos alunos, uma vez que eles não foram orientados para a elaboração. Vale ressaltar que os diários produzidos pelos alunos ao final de cada aula foram dissertativo-argumentativos, isto é, apresentaram suas representações sobre cada aula.

A seguir, o quadro apresenta informações relevantes sobre os diários reflexivos utilizados neste estudo:

¹⁷ Grifos meus.

Quadro 6 - Informações sobre os Diários Reflexivos

Quantidade de diários reflexivos da professora	Quantidade de diários reflexivos dos alunos	Data da produção dos diários	Aspectos dos diários reflexivos
5	Aula 1 – 11 diários Aula 2 – 13 diários Aula 3 – Sem diários ¹⁸ (filme) Aula 4 – 15 diários Aula 5 – Sem diários ¹⁹ (karaokê)	Aula 1 – 02/10/15 Aula 2 – 09/10/15 Aula 3 – 16/10/15 Aula 4 – 23/10/15 Aula 5 – 30/10/15	Representações sobre cada aula

Fonte: Elaborado pela autora

1.3.3 Autobiografia

Na literatura, a autobiografia conquistou um papel importante como meio de reflexões pessoais e aprendizagens vicárias²⁰. A exemplo disso, Romero (2010) cita “As Confissões” de Santo Agostinho, publicada no ano de 400, na qual o filósofo e teólogo cristão compartilha os dramas de sua conversão. Elaboradas, principalmente, com o objetivo de revelar verdades, como é o caso da obra supracitada, as autobiografias, posteriormente chamadas por Foulcaut “tecnologias do eu”, “são procedimentos que potencialmente levam indivíduos ao autoconhecimento, visando ao entendimento, questionamento, avaliação, manutenção ou à transformação de identidade” (UYENO, 2007 *apud* ROMERO, 2010).

Uma das principais características da autobiografia é promover reflexão crítica naquele que a escreve. Nesse sentido, as autobiografias permitem que os participantes da pesquisa reflitam criticamente sobre as práticas sociais do mundo contemporâneo (ROMERO, 2010), aspecto extremamente relevante nesta pesquisa. Além disso, a escrita da autobiografia possibilita uma reflexão sobre a identidade profissional dos participantes da pesquisa. De acordo com Vieira (1999, *apud* ROMERO, 2010, p.142), “a identidade profissional é resultante de interações sociais anteriores que não se restringem à escola, mas vão além, revelando culturas com que se esteve ou se está inserido, além de pessoas significativas com quem se conviveu”.

¹⁸ Nessa aula, os alunos não produziram diários porque foi solicitada uma atividade sobre o filme que, provavelmente, traria as representações dos alunos sobre o assunto abordado no filme.

¹⁹ Não foram solicitados diários nessa aula porque, ao final da aula, os alunos tiveram que responder ao questionário final da pesquisa. De certo modo, os questionários trouxeram representações dos alunos sobre a pesquisa, de modo geral.

²⁰ Na aprendizagem vicária, um organismo aprende um comportamento por meio da observação do comportamento de um outro organismo e através dos estímulos antecedentes e consequentes à resposta do outro organismo.

Desse modo, reconhecendo a função da autobiografia, Bailey et al. (1996, *apud* LIBERALI, 2003, p.108), afirmam que o foco específico da autobiografia

é a reconstituição consciente dos aspectos da identidade profissional que se inicia no início da vida escolar do futuro professor, quando este ainda é aluno e começa a construir suas representações sobre a função docente através da observação da prática de seus professores (BAILEY et al. 1996 *apud* LIBERALI, 2003, p.108).

Por esse motivo, considerando a importância de resgatar as representações dos alunos com seus professores, creio ser por meio da escrita de autobiografias e das discussões daí decorrentes que os alunos compreenderão como chegaram à escolha profissional atual, em quais professores se inspiraram e que tipo de profissional eles querem ser.

Assim, compreendo que a autobiografia também permite transformar a vida em texto, passível de revisão. Nas palavras de Bruner (1995, p.149), “é só pela textualização que podemos ‘conhecer’ a vida de alguém. O processo de textualização é complexo, uma interminável interpretação e reinterpretação”. Por esse motivo, a autobiografia é, sem dúvida, um dos instrumentos mais importantes desta pesquisa. Não somente por permitir deflagrar reflexões nos próprios autores sobre suas identidades²¹, ideologias²², escolhas e inspirações profissionais e suas relações com as tecnologias, mas, principalmente, porque a autobiografia me permitiu, antes mesmo de iniciar a pesquisa, conhecer melhor os alunos participantes da pesquisa, para, assim, preparar e adequar as aulas com base nos perfis e necessidades de cada um deles.

Em seguida, apresento algumas informações referentes às autobiografias usadas neste trabalho:

²¹ Nesse trabalho, adoto o conceito de identidade, com foco na pós-modernidade, cunhado por Bauman (2001) o qual a define como autodeterminação, isto é, o eu postulado. Segundo o sociólogo, as identidades estão relacionadas às comunidades como sendo as entidades que as define. Adoto ainda, o conceito trazido por Hall (2006) que conceitua identidades como “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosa e nacionais.

²² Conforme as teorias bakhtinianas, ideologia abrange um grande universo: a arte, a filosofia, a ciência, religião, ética, política. Assim, todo produto ideológico parte de uma realidade (natural ou social), possui um significado e remete a algo que lhe é exterior.

Quadro 7 - Informações sobre as Autobiografias²³

Quantidade de autobiografias	Período de produção e de envio	Objetivo da autobiografia
15	Enviadas para a pesquisadora pelo Facebook, de 18 de setembro de 2015 a 02 de outubro de 2015.	Conhecer o perfil dos alunos e suas representações sobre experiências de aprendizagem anteriores.

Fonte: Elaborado pela autora

1.3.4 Entrevista coletiva

Optei pelo uso da entrevista coletiva como primeiro instrumento de coleta de dados da pesquisa por se tratar de um instrumento dinâmico, criativo e flexível. O objetivo do uso da entrevista era escolher a turma com a qual a pesquisa seria realizada e conhecer os interesses de cada turma, como já foi dito anteriormente. Acredito que por meio da entrevista seria possível envolver os grupos entrevistados e revelar questões fundamentais para a escolha da turma a ser pesquisada.

A escolha pelo uso desse instrumento é baseada na definição de entrevista apresentada por Miguel (2010), caracterizando-a como uma técnica de interação social e interpenetração informativa, que possibilita a quebra de isolamentos grupais, individuais e sociais, servindo também à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.

O principal motivo de se realizar uma entrevista, de acordo com Seidman (1991), é porque temos interesse nas histórias de outras pessoas, compreender suas experiências e significados. Ademais, segundo Lüdke e André (1994, p.34), a entrevista “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a torna sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas”.

Foi ancorado nesses conceitos de entrevista coletiva e objetivando ouvir os alunos, seus interesses pelo curso e pela profissão escolhida, suas relações com as tecnologias e com o inglês, que esse instrumento foi utilizado nessa pesquisa. A entrevista coletiva foi realizada informalmente, sem aviso prévio, nem gravação, apenas elaborei um roteiro e tomei nota de alguns pontos relevantes da entrevista com três turmas de disciplinas distintas: Língua Inglesa I, Língua Inglesa II e Metodologia do Ensino de Línguas Inglesa.

²³ Anexos 1-15.

As entrevistas foram diferentes nas três turmas, por serem dinâmicas e fluidas, tomaram rumos distintos, mas o objetivo foi alcançado. A turma escolhida para a realização da pesquisa foi a da disciplina Língua Inglesa I, como mencionado anteriormente, por se tratar da turma em que a maioria dos alunos gostaria de lecionar inglês. A postura da referida turma mostrou-se diferente do observado nas outras e foi crucial para a escolha, já que não faria sentido aplicar a pesquisa numa turma cuja maioria dos alunos poderia não aplicar o conhecimento adquirido durante a pesquisa.

O quadro seguinte traz informações sobre as entrevistas coletivas deste estudo:

Quadro 8 - Informações sobre as Entrevistas Coletivas

Quantidade de participantes entrevistados por turma	Período de realização das entrevistas	Objetivo das entrevistas	Roteiro²⁴ de perguntas das entrevistas coletivas
Língua Inglesa I – 20 alunos pesquisados (total de 20 alunos) Língua Inglesa 2 – 10 alunos pesquisados (Total de 10 alunos) Metodologia do Ensino de Língua Inglesa - 17 alunos pesquisados (Total de 22 alunos)	25 a 28 de agosto de 2015	Escolher a turma a ser pesquisada com mais profundidade, levando em conta as várias etapas do estudo.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Por que vocês escolheram esse curso? 2. Vocês se inspiraram em algum professor? 3. Vocês desejam lecionar? Por quê? 4. O que a língua inglesa significa para você? 5. Como vocês aprenderam inglês? 6. Qual a metodologia utilizada? 7. Qual a sua relação com as TIC? 8. Em sua opinião, qual a influência das TIC no ensino de inglês? 9. Você sabe o que são letramentos digitais? 10. Em sua opinião, o que deve ter em uma boa aula de inglês?

Fonte: Elaborado pela autora

1.3.5 Questionário

O questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas relacionadas ao tema de interesse do pesquisador, que devem ser

²⁴ As entrevistas não seguiram rigorosamente o roteiro, pois como se tratava de um grupo de alunos, conforme cada aluno falava, as conversas tomavam rumos distintos. Dessa forma, as perguntas eram feitas com base no assunto abordado no momento das discussões.

respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador (MARCONI e LAKATOS, 2010).

Marconi e Lakatos (2010) apontam algumas vantagens do uso do questionário em pesquisas: (a) economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados; (b) obtém respostas mais rápidas e mais precisas; c) há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato; d) há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas; e) há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador; f) há mais tempo para responder e em hora mais favorável; g) há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.

Nesta pesquisa, foram aplicados dois questionários, um no início, outro no final, com o objetivo de saber qual o conhecimento dos alunos sobre o tema abordado durante a pesquisa, suas opiniões sobre a metodologia utilizada nas aulas, além de confrontar as respostas dos alunos nos dois questionários para compreender se o processo da pesquisa trouxe mudanças de opinião. É válido mencionar que, apesar de informar que os questionários poderiam ser anônimos, todos os alunos os assinaram.

A seguir, o quadro apresenta informações sobre os questionários aplicados durante a pesquisa:

Quadro 9 - Informações sobre os Questionários

Quantidade de questionários	Data da aplicação dos questionários	Quantidade de participantes
Questionário 1	11 de setembro de 2015	19 alunos
Questionário 2	23 de novembro de 2015	11 alunos

Fonte: Elaborado pela autora

CAPÍTULO II

2 LETRAMENTOS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Neste capítulo, discorro acerca dos fundamentos teóricos nos quais essa pesquisa está ancorada. A princípio, discuto sobre o panorama social da contemporaneidade, aspecto indispensável nesta pesquisa, visto que busco, neste estudo, apresentar caminhos inovadores para facilitar, tornar efetivo e significativo o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Nesse caso, língua inglesa, visando ao desenvolvimento da criticidade, autonomia e criatividade dos alunos.

Em seguida, discuto a respeito das TIC na Educação, a partir da compreensão de que essas ferramentas trouxeram mudanças significativas à educação como um todo, de modo especial ao ensino-aprendizagem de línguas. Na seção seguinte, apresento o conceito de letramentos digitais adotado nesta pesquisa bem como sua relação com o ensino-aprendizagem de língua inglesa. Em seguida, mostro como o *Facebook* pode ser uma ferramenta facilitadora do ensino-aprendizagem de inglês. Por fim, discuto sobre os principais aspectos da formação de professores de inglês e concluo o capítulo com reflexões sobre o professor como agente de letramentos.

2.1 Panorama social da contemporaneidade

As transformações tecnológicas que temos vivenciado têm alcançado todos os aspectos da vida, incluindo desde atividades rotineiras, até o ambiente de trabalho e as práticas de aprendizagem (BARTON e LEE, 2015). Por exemplo, as práticas de fotografia foram em grande medida digitalizadas, isto é, câmeras digitais e compartilhamentos *online* tomaram o lugar das antigas câmeras fotográficas e álbuns impressos. Assim, atualmente, as pessoas preferem compartilhar fotos com os amigos nas redes sociais a se reunirem com os amigos em casa para folhearem álbuns de fotografias (BARTON e LEE, 2015). Outro exemplo de mudança contemporânea, citado por Barton e Lee (2015), são as práticas acadêmicas. Poucas pessoas escrevem um livro à mão, ou enviam uma carta ou bilhete. Em outras palavras, as práticas de escrita, pesquisas, reuniões e até mesmo orientações acadêmicas mudaram.

Esse processo pelo qual as tecnologias são integradas à vida das pessoas para facilitar suas atividades cotidianas é chamado de “domesticação da tecnologia”

(BERKER et al., 2005 *apud* BARTON e LEE, 2015, p.12). Essas mudanças têm acontecido de forma imperceptível e num período relativamente curto, mas tem afetado as pessoas em todos os setores e em todas as partes do mundo.

Para Barton e Lee (2015), as mudanças contemporâneas advindas das tecnologias digitais têm alcançado consequências sociais amplas e é parte central nas mudanças na linguagem e nas práticas sociais, embora não seja o elemento principal desse processo. Segundo Kress (2003, *apud* BARTON e LEE, 2015), atualmente, há quatro processos simultâneos de mudanças: o primeiro diz respeito às relações de poder social, que tratam de abolir as hierarquias existentes e busca reconstruir novas; o segundo se refere às mudanças econômicas, nas quais a escrita assume papéis diferentes perante uma economia em que a informação é cada vez mais valorizada; o terceiro trata das mudanças na comunicação, na qual a imagem torna-se o modo dominante, no lugar da escrita, provocando uma alteração na lógica das práticas comunicativas; a última mudança refere-se às virtualidades tecnológicas, as quais deslocam a mídia das páginas de jornais, para as telas de computadores e *smartphones*, por exemplo.

Além dessas mudanças, o desenvolvimento tecnológico, sobretudo no setor comunicativo, tem trazido à sociedade uma experiência no processo educacional que, além de facilitar a interação humana, possibilita um exercício crítico individual e compartilhado, de modo que nos tornemos protagonistas das nossas próprias histórias. Nesse contexto, as semioses, o hipertexto, a interação, a garantia de um espaço para autoria e circulação de discursos polifônicos desenham novas práticas de letramentos na hipermídia (ROJO, 2013).

Tais mudanças sociais, provocadas pelos letramentos digitais, não são consequências somente dos avanços tecnológicos, mas, segundo Rojo (2013), estão relacionadas a uma nova mentalidade vigente a qual pode ou não ser exercida pelas tecnologias digitais. Esta nova mentalidade, apresentada por Rojo (2013), diz respeito às novas maneiras de criar, distribuir e negociar significados de acordo com os objetivos e necessidades dos aprendizes.

Corroborando com Rojo (2013), é importante ressaltar que as tecnologias, por si sós, não provocam mudanças automaticamente em nossas vidas. Nas palavras de Barton e Lee (2015, p.13) “novas atividades na vida não são tecnologicamente determinadas”. É nesse sentido que esta pesquisa se direciona, na compreensão de que, na relação entre

sociedade e tecnologia, o essencial é o que **as pessoas fazem com a tecnologia**²⁵ para construir sentido em suas práticas de aprendizagem.

2.1.1 As TIC na educação

A priori, é preciso reforçar que as TIC são todos os procedimentos, métodos e equipamentos utilizados para processar informação e para comunicação (RAMOS, 2008), tais quais projetores multimídia, DVD *players*, celulares, MP3, *whiteboards*, etc. (PAIVA, 2013). De acordo com Ramos (2008), as TIC surgiram no contexto da Revolução da Informática e foram desenvolvidas, principalmente, nos anos 90. De fato, estas tecnologias agilizaram e tornaram menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para a captação, transmissão e distribuição das informações as quais podem assumir a forma de texto, imagem estática, vídeo ou som. Desse modo, o advento das TIC e sua distribuição na sociedade têm contribuído para o surgimento da sociedade da informação (RAMOS, 2008).

No entanto, apesar de estarmos na era da informação, como nos informa Ramos (2008), há diferença entre os termos informação e conhecimento. Essa distinção faz-se importante, no contexto desta pesquisa, porque, muitas vezes, o aluno só tem acesso à informação, cabendo ao professor orientá-lo no processo de transição entre informação e conhecimento.

Crawford (1994, *apud* BACALÁ, 2014) afirma que a informação é a matéria-prima para alcançar o conhecimento. Em outras palavras, a informação constitui-se de dados organizados que apresentam coerência e que pode ser armazenada, compartilhada ou eliminada. Já o conhecimento resulta da inferência de habilidades obtidas através da informação para mudar uma situação e, conseqüentemente, produzir outros conhecimentos (BACALÁ, 2014). Nas palavras de Morin (2004, p.15), “O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inseridos no contexto delas”. Se não for desse modo, as informações se constituirão, somente, “parcelas dispersas do saber”, especialmente, se tratando das mídias (MORIN, 2004).

Na educação, a sigla TIC faz referência ao uso de qualquer tecnologia adotada para mediar os processos de ensino e de aprendizagem, tais quais, jornais, televisão,

²⁵ Grifo meu.

livro, filme, dentre outros (MIRANDA, 2007 *apud* SANTOS, 2016). Contudo, para que o uso das TIC transforme a informação em conhecimento, é necessário um conjunto de fatores que serão discutidos mais adiante.

É inegável que as TIC exercem um papel fundamental na educação. Um exemplo disso é que se pode observar em relação ao crescimento da oferta e demanda dos cursos à distância em todo país. No entanto, o grande desafio é que o uso das TIC atenda às necessidades dos aprendizes e de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de forma satisfatória. Para que isso aconteça, a meu ver, quatro fatores são essenciais para se alcançar o sucesso com a introdução das TIC na educação.

O primeiro deles diz respeito ao ambiente escolar, uma vez que, é necessário que a escola utilize as ferramentas tecnológicas, não apenas para desenvolver conhecimentos técnicos, mas para contribuir para o desenvolvimento nos alunos das competências exigidas no século XXI. Em meio às demandas atuais, surge a necessidade de revisar práticas antigas e lançar um olhar diferenciado para o novo. A respeito disso, Rojo (2013, p.7) afirma que “é preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas”.

Atualmente, o formato da sociedade tecnológica e interativa demanda uma postura diferenciada dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem frente aos desafios impostos. Nesse sentido, o segundo fator fundamental para que o processo de inserção das TIC na educação seja exitoso, é o desenvolvimento de um conjunto de competências e habilidades nos alunos, tais quais, colaboração, inovação, criatividade e pensamento crítico. A respeito disso, Rojo (2013) afirma que estamos vivenciando a era das linguagens líquidas²⁶, na qual competências variadas são exigidas. Por exemplo, se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências de leitura e produção de textos também devem mudar, para que os alunos possam participar de práticas de letramento atuais.

²⁶ O termo líquido foi utilizado pela primeira vez pelo sociólogo polonês Zygmund Bauman (2001) para caracterizar a modernidade imediata. Ele cunhou o conceito de “Modernidade Líquida” para se referir ao tempo presente. Para o sociólogo, a metáfora do líquido ou fluidez caracterizam bem as mudanças da sociedade atual por não conservarem suas formas por muito tempo.

Dessa forma, as práticas atuais devem conduzir o aluno na construção do seu próprio conhecimento, de modo a torná-lo um cidadão crítico e interveniente no mundo. Essa perspectiva educacional é apontada por Moran (2000) como mais um desafio da escola contemporânea.

educar é colaborar para que professores e alunos transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar espaços pessoais, sociais e profissionais e tornando-os cidadãos realizados e produtivos. (MORAN, 2000, p. 155).

O terceiro fator e, talvez, o mais importante de todos, visto que dele depende, em grande parte, o sucesso dos outros, é a postura do professor quanto ao uso das TIC na sala de aula. Isto é, as metodologias utilizadas pelo professor para contribuir no desenvolvimento das habilidades dos alunos, citadas por Rojo (2013). Para isso, é preciso que o professor se aproprie das diferentes linguagens presentes no mundo da mídia, pois não basta simplesmente decifrar códigos, é preciso fazer uma interpretação crítica²⁷ dos conteúdos que circulam nos meios de comunicação (TERUYA, 2006, *apud* SAITO e RIBEIRO, 2013).

A respeito da postura do professor frente ao uso das TIC na sala de aula em prol do desenvolvimento da cidadania e criticidade, Bacalá (2014) acrescenta que

faz-se necessária a adoção de novas metodologias de ensino que atendam ao desafio do desenvolvimento de capacidades cognitivas e outras habilidades objetivando alcançar o pensamento autônomo, criativo, crítico, da formação geral e tecnológica do trabalhador, além de dar subsídios ao aprendiz para atuar como cidadão que busca transformar a comunidade local e global em que vive (BACALÁ, 2014, p.17).

Embora seja necessária a adoção de novas práticas de ensino, Teruya (2006 *apud* SAITO e RIBEIRO, 2013) reconhece as limitações materiais, como a falta de equipamentos tecnológicos, além de limitações humanas enfrentadas pelos professores, tais quais baixa autoestima causada pelas condições precárias em que trabalham, como a remuneração salarial baixa, cobranças sociais diversas, falta de tempo para uma formação continuada, dentre outras.

Não tenho a intenção, neste trabalho, de responsabilizar o professor pelo sucesso ou insucesso ao utilizar ou não as TIC na educação, pelo contrário, busco destacar a

²⁷ Entendo por interpretação crítica a atribuição de significados advinda de problematizações e questionamentos individuais e/ou coletivo sobre os diversos temas circulantes.

importância desse profissional nesse processo. Ademais, acredito que, inevitavelmente, as mudanças sociais atingem diversos setores e, conseqüentemente, a sala de aula, por isso, a necessidade de o professor acompanhar as mudanças atuais. Libâneo (2001, p.21) reforça que “a transformação geral da sociedade repercute, sim, na educação, nas escolas, no trabalho dos professores”.

O último fator refere-se às políticas públicas (provimento de infraestrutura tecnológica) responsáveis pela introdução e manutenção das ferramentas tecnológicas no ambiente escolar. Segundo Couto e Coelho (2013), apesar de as TIC estarem no contexto escolar há duas décadas, as políticas públicas pensadas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, a prática pedagógica e o contexto escolar ainda apresentam-se de forma desarticulada.

Desse modo, é preciso ratificar que, muitas vezes, há um descompasso entre teoria e prática na inserção de tecnologias nas escolas públicas. Diante disso, corroboro com Couto e Coelho (2013 *apud* MAINARDES e MARCONDES 2009, p.06), quando afirmam que as políticas educacionais são pensadas e escritas com base nas melhores escolas possíveis, com pouco reconhecimento de variações de contexto, em recursos ou em capacidades locais.

Em pesquisa realizada por Couto e Coelho (2013), sobre políticas públicas para inserção das TIC nas escolas, as autoras concluíram que nas escolas ainda não há um projeto pedagógico para que os professores utilizem as TIC para potencializar suas aulas. Para as autoras, “parece que há um hiato entre o fazer dos professores, a gestão da escola e as políticas educacionais” (COUTO e COELHO, 2013, p.09).

Apesar do ambiente escolar ser considerado o lugar de inclusão e socialização, conforme preconizam os PCN (1998) e OCEM-LE (2006), Couto e Coelho (2013, p.13) concluem que “a escola está imersa na sociedade contemporânea, mas a sua estrutura ainda é linear, anacrônica, com tempos e espaços delimitados numa lógica que parece não atender as condições de aprendizagem no mundo da cibercultura”.

Desse modo, conforme apresentado anteriormente e com base em diversos estudos, concluo que, para que a inclusão digital aconteça de modo a contribuir para a melhoria da educação, é necessário um empenho conjunto de todos os envolvidos no processo educacional. Ademais, não basta inserir tecnologia no ambiente digital, é

preciso desenvolver os letramentos digitais. A seção seguinte é dedicada à discussão dessa temática.

2.2 Letramentos Digitais

Conforme mencionado anteriormente, esse estudo é composto pela tríade TIC, ensino de língua inglesa e letramentos digitais. Esses três elementos juntos, se bem articulados, são, a meu ver, fundamentais para uma aprendizagem significativa frente às demandas atuais da sociedade. Desse modo, busquei, nessa pesquisa, utilizar as tecnologias digitais para ensinar língua inglesa por meio dos letramentos digitais. Para compreender essa dinâmica, creio ser indispensável apresentar o conceito de letramentos digitais em que se fundamenta esse estudo.

A princípio, julgo ser fundamental trazer uma breve evolução dos estudos e apreciação do termo letramentos. Nesta perspectiva, Monte-Mor²⁸ (2017) identifica três momentos dos letramentos no Brasil. O primeiro momento diz respeito à alfabetização que, segundo a autora, tem sido uma meta do governo na tentativa de realizar um trabalho colaborativo com a sociedade no sentido de melhorar os índices de analfabetismo. O segundo momento é caracterizado por uma fase em que vários estudiosos começam a questionar o tipo de alfabetização que se praticava, isto é, a alfabetização em que os alunos deveriam entender códigos e era voltada, especialmente, à leitura e ao estudo da língua materna. O terceiro e último momento refere-se ao momento em que estamos vivendo e trata-se de um estudo amplo dos letramentos, pois não se limita a uma prática voltada apenas para língua materna ou ao desenvolvimento da leitura. Esse novo momento fez com que as escolas começassem a introduzir outras formas de letramentos, como por exemplo, a imagem e o som. Segundo Monte-Mor (2017) essa nova linguagem é absolutamente importante para os jovens da sociedade atual e acrescenta que essa proposta está preocupada em fazer uma ligação entre a escola e a sociedade da forma em que ela se apresenta, de fato.

Isto posto, em se tratando de letramentos digitais, apesar de se entender a necessidade de saber manusear as ferramentas tecnológicas como pré-requisito para fazer uso efetivo das tecnologias digitais, o conceito de letramentos digitais vai além dessa habilidade. Ser “letrado eletronicamente” exige o domínio de habilidades que

²⁸ Em entrevista concedida ao professor Dr. Ruberval Maciel sobre Estudos de Letramentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/ruberval.maciell?fref=ts>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2017.

permitam a construção de sentidos a partir da informação na tela, considerando as práticas de aprendizagem de ler e escrever nesse novo contexto, conforme aponta Warschauer (1999).

No contexto do ensino de língua Inglesa, os letramentos digitais tornam-se essenciais porque permitem que o aluno interaja com o mundo, através das TIC, por meio de diversos gêneros textuais disponíveis no ambiente virtual e, até mesmo, fora dele. Além disso, permitem que o aluno desenvolva diversas competências que auxiliam na formação do cidadão, possibilitando uma maior aproximação de um mundo cada vez mais digital e dinâmico.

Embora o termo letramentos digitais não apareça explicitamente nos documentos oficiais, é possível inferir que a ideia que os letramentos digitais propõem também é encontrada em alguns documentos oficiais. A exemplo disso, a Resolução CNE/CP 2 (2015) propõe que a formação de professores deve contemplar e conduzir o aluno ao uso competente das TIC, conforme foi apresentado na justificativa desta pesquisa, ainda “à promoção de espaços para a reflexão crítica sobre as diferentes linguagens e seus processos de construção, disseminação e uso, incorporando-os ao processo pedagógico, com a intenção de possibilitar o desenvolvimento da criticidade e da criatividade²⁹”. Entendo, portanto, que utilizar as TIC de forma competente em prol do desenvolvimento da criticidade e da criatividade do aluno, os professores estarão trabalhando os letramentos digitais na sala de aula.

Devido à relevância do tema, atualmente, vários autores têm se preocupado em definir o termo letramentos digitais. Dentre eles, há dois conceitos apresentados por Lankshear e Knobel (2008) que se distanciam expressivamente. O primeiro conceito entende letramentos digitais como o domínio de habilidades e técnicas específicas fundamentais para o trabalho em ambientes virtuais. Já o segundo conceito define letramentos digitais como o domínio de ideias, cuidadosa avaliação de informações e capacidade de síntese e análise.

Neste estudo, adoto o segundo conceito trazido por Lankshear e Knobel (2008), pois apesar de reconhecer a importância do domínio técnico das TIC, essa pesquisa está relacionada às práticas sociais e contextualizadas de ensino que consideram os aspectos

²⁹ Resolução CNE/CP 2 (2015), Art. 5º, VII.

cognitivos e socioculturais que visam ao desenvolvimento da criatividade, autonomia e posicionamento crítico do aluno. Assim, essa pesquisa se apoia na definição trazida por Saito e Souza (2011):

Letramentos que se dão em vários meios digitais e que preocupam-se com a tomada de posição crítica do usuário frente aos textos que pesquisa, lê, produz, comenta em ambientes digitais; sua consciência das ferramentas e várias semioses para construção de sentido, sempre situado e intencional; sua compreensão e adequação às práticas discursivas do meio digital, que se manifestam através de vários gêneros emergentes (*e-mail, blog, comments, scrap, etc.*); a reflexão sobre suas ações e interações, assim como seu compromisso ético nas práticas digitais; sua tomada de poder: 1) ao estabelecer uma identidade plena de crenças, valores, ideologia, determinada em relação com a alteridade; 2) ao exercer a criticidade e a cidadania em ambiente digital (SAITO; SOUZA, 2011, p. 136).

Entretanto, é preciso mencionar aqui que, apesar de os autores citarem que os letramentos digitais se desenvolvem em ambiente virtual, diante dos percalços enfrentados durante a pesquisa, como por exemplo, a impossibilidade de acesso à internet durante as aulas, algumas alternativas foram criadas para dar continuidade à proposta da pesquisa por meio da utilização de vídeos e músicas durante as aulas. Essa decisão foi tomada com base na perspectiva de Cope e Kalantzis (2003, *apud* NACIMENTO, 2014, p. 54) que afirmam existirem “novos modos de construção de significado além do linguístico que têm se tornando cada vez mais importantes: o visual, o sonoro, o gestual espacial e o multimodal”. Os autores completam que o multimodal é mais significativo, pois ele se dá por meio da integração dinâmica dos demais.

É preciso, pois, reconhecer que a escola (em todos os níveis) precisa se preparar para se adaptar às mudanças e às demandas contemporâneas. Os professores também devem refletir a respeito de suas práticas pedagógicas e ensinar o aluno a aprender por meio de ações continuadas, não restringindo à sala de aula tradicional (PEREIRA, TARCIA, SIGULEM, 2014). Nessa perspectiva, embora a universidade ainda não esteja preparada fisicamente para a aplicação da pesquisa, foram propostas atividades extras em redes sociais para que o desenvolvimento dos letramentos digitais fosse estendido para fora dos muros da universidade.

2.2.1 O Facebook como ferramenta de ensino-aprendizagem

Estamos vivenciando o que Jenkins (2009) chama de cultura da convergência que consiste em três ações: compartilhar informações, manter-se informado e influenciar outras pessoas. Em consequência disso, surge a chamada cultura participativa, isto é “fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos (JENKINS, 2009, p.378).” Nesse contexto, o *Facebook* torna-se um dos melhores representantes da cultura da convergência (BARTON e LEE, 2015) e, conseqüentemente, da cultura participativa.

O *Facebook* surgiu nos Estados Unidos em 2004, inicialmente, com o objetivo de facilitar a comunicação dos estudantes universitários de Harvard. Em seguida, se espalhou pelo mundo todo de modo a se tornar a rede social com o maior número de usuários. Segundo Hachman (2012, *apud* BARTON e LEE, 2015), em abril de 2012, essa rede social já contava com mais de 900 milhões de usuários ativos de diversas partes do mundo.

O *Facebook* se estrutura em forma de perfis de usuários e seu *layout* e funcionalidades foram redesenhados e modificados inúmeras vezes. O principal espaço de escrita desse *site* é o campo de atualização de *status* ou *posts*, originalmente criado como um espaço para *microblogging*³⁰. Esse recurso trabalha, principalmente, como uma frase motivacional (“No que vocês está pensando?) seguida de uma caixa de texto, cujo limite de caracteres chega a 5.000, além de vários conteúdos multimodais, tais como vídeos, músicas ou fotos, podem ser anexadas às atualizações de *status* (BARTON e LEE, 2015).

Devido ao seu poder de alcance, o *Facebook* torna-se uma ferramenta fundamental para o ensino-aprendizagem. Segundo Silva e Vieira (2010) quando estão *online*, a maioria dos internautas brasileiros passam mais tempo acessando as redes sociais do que outros *sites*. Os autores acrescentam que os adolescentes são os principais usuários e, por esse motivo, utilizar essa ferramenta para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem, torna-se uma iniciativa estratégica dos professores.

Essa rede social comporta diversas ferramentas que podem ser grandes aliadas no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Uma delas é a possibilidade de os usuários se conectarem facilmente a *sites* externos, tais quais artigos de jornais, *blogs*,

³⁰Refere-se à composição de mensagens curtas na web, projetadas para o autorrelato do que se está fazendo, sentindo ou pensando naquele momento (BARTON e LEE, 2015).

vídeos e músicas. Ao clicar no botão “curtir” o usuário, automaticamente, cria conexões intertextuais entre textos e recursos disponíveis *online* (BARTON e LEE, 2015). Outra possibilidade dessa rede social é a comunicação privada com outros usuários (individuais ou em grupos) por meio da função *chat* que possibilita uma maior interação entre os usuários.

Os grupos nas redes sociais são outras ferramentas essenciais para o ensino-aprendizagem de línguas, pois eles funcionam como um grupo de estudos tradicional o qual se limita a temática abordada e possibilita aos alunos e professores o compartilhamento de informações úteis que darão continuidade às atividades desenvolvidas em sala de aula. Ao criar um grupo no *Facebook*, o professor passa a ser administrador e mediador das interações entre os usuários. Essas interações acontecem, na maioria das vezes, abaixo dos *posts* por meio de comentários, que servem como minifóruns de discussões. Além disso, professores e alunos podem postar arquivos com atividades, músicas, vídeos e *links* de *sites* de interesse comum e discutirem sobre os temas propostos.

Magrin (2013) apresenta uma tabela com uma lista contendo a definição das ferramentas dos grupos no *Facebook* e sua funcionalidade no ambiente educacional:

Característica	Definição	Uso educacional
Mural	O mural é um local público de publicações. É o local de abertura quando se acessa um determinado grupo.	Postar comunicados importantes, mensagens em geral e anúncios. Alunos podem responder os posts diretamente ou curtir uma postagem.
Eventos	A função eventos permite criar lembretes para os membros do grupo.	Lembrar os alunos de provas, reuniões ou sessões de estudo.
Documentos	A ferramenta Documentos permite submeter arquivos para download, ou a criação de documentos de texto compartilhados.	Instrutores podem compartilhar matérias para leitura e estudos tais como documentos, apresentações, etc.
Bate-papo	O Bate-papo é uma ferramenta síncrona similar aos comunicadores instantâneos tradicionais.	Se comunicar com os estudantes em tempo real.

Para concluir, segundo Paiva³¹ (2017) o *Facebook* pode ser considerado um sistema complexo, isto é, estudo em conjunto de agentes em redes, que é composto de agentes em interação. A autora acrescenta, ainda, que o *Facebook* é um sistema ecológico complexo que se organiza por meio de processos semelhantes ao da seleção natural na evolução biológica, de modo que os usuários, além de se ajudarem mutuamente, executam também ações altruístas propiciando o comensalismo. Paiva (2017) conclui que o *Facebook* é apenas uma projeção da sociedade, no sentido de refletir as interações reais na rede social. Nessa perspectiva, seguindo essa linha de pensamento, nesta pesquisa, essa ferramenta foi utilizada como extensão da sala de aula.

Na pesquisa, o grupo funcionava da seguinte forma: como não havia internet na sala de aula, ao final de cada aula era pedida aos alunos uma atividade que deveria ser postada no grupo do *Facebook* até a aula seguinte. Assim, o grupo servia como uma extensão da sala de aula, uma vez que possibilitava a continuação das discussões realizadas durante as aulas e a realização de atividades que, por falta de internet, não poderiam ser realizadas na sala de aula. Além disso, após cada aula, eu modificava a imagem da capa do grupo por uma imagem relacionada ao tema abordado na aula anterior. O grupo também servia como espaço de troca de informações e avisos.

2.3 A formação de professores de inglês

A necessidade de investigar a formação de professores de inglês à luz dos letramentos digitais se justifica de várias formas: em primeiro lugar, devido à escassez de pesquisas nessa perspectiva; a identificação de currículos tradicionais, sobretudo, na formação universitária; a necessidade de repensar a formação docente frente às novas demandas da era digital (DUBOC, 2012) e ainda, a opção por essa linha de pesquisa também parte de motivações pessoais, tanto em termos de formação de professores, como também, pela instituição pesquisada, conforme discutido na justificativa desta pesquisa.

De modo geral, a formação de professores, tem sido, não raro, tema de discussões acadêmicas nos últimos trinta anos. Tais discussões têm possibilitado o desenvolvimento de várias pesquisas de ordem empírica e teórica e, apesar disso, as mudanças na formação de professores ainda são quase imperceptíveis (IALAGO e

³¹ Em transmissão ao vivo via *Facebook* da Aula Magna na UFMG sobre "Facebook: uma comunidade ecológica virtual" no dia 11 de março de 2017.

DURAN, 2008). Nessa perspectiva, Duboc (2012) afirma que o crescente número de pesquisas no Brasil, a respeito da formação de professores, poderia, a princípio, sinalizar para uma melhoria na qualidade do ensino. Todavia, a autora (2012) acrescenta que esse aumento das pesquisas na área pode se tratar de uma denúncia do quadro atual da educação no que diz respeito às diversas dicotomias, tais como, teoria e prática; disciplinas específicas e disciplina pedagógicas; licenciatura e bacharelado, formação inicial e formação continuada (ANDRÉ et al, *ibid.*; MELLO, 2000; LUDKE et al, 1999; SAVIANI, 2009; *apud* DUBOC, 2012), dentre outras.

Não discutirei a respeito de todas as dicotomias apresentadas, mas, em se tratando de teoria e prática, já foi possível perceber, durante as discussões deste trabalho, que existe um hiato que separa esses dois aspectos, de modo a impossibilitar, que a formação de professores contemple, adequadamente, a dinâmica entre o conhecimento e a sua aplicação. Essa distância entre teoria e prática que, por vezes, dificulta a formação inicial dos professores, tem persistido durante muito tempo. A exemplo disso, desde 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDBE - Lei nº 9.394, estabelece que o ensino médio tenha, dentre outras finalidades, a compreensão dos fundamentos científicos-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996, Art. 35, IV).

Por exemplo, a obrigatoriedade da realização dos estágios curriculares supervisionados é uma possibilidade dos graduandos colocarem em prática as teorias aprendidas durante o curso, além de aproximá-los de seus futuros ambientes de trabalho. Esse momento seria ideal para relacionar, efetivamente, teoria e prática, não fossem as dificuldades enfrentadas pela maioria das licenciaturas quanto a programação e controle dos estágios.

Para Gatti (2009), os estágios são considerados pontos críticos na formação de professores, uma vez que a maioria dos cursos de licenciaturas não possui projetos institucionais de estágios em articulação com as escolas, nem supervisor para acompanhar as atividades. Por conseguinte, a participação dos licenciandos nos estágios torna-se precária ao depender da disponibilidade das escolas. Por outro lado, segundo Paiva (2005) os estágios deveriam servir também como uma instância de formação

continuada, por meio da qual professores em serviço e pré-serviço poderiam aprender/ensinar através de interação sistêmica e do compartilhamento de projetos.

A situação dos estágios se agrava ainda mais nas licenciaturas que funcionam no turno noturno, uma vez que grande parte dos alunos trabalha durante o dia e, conseqüentemente, não sobra tempo para a realização dos estágios (GATTI, 2009).

No intuito de amenizar os problemas advindos dos estágios, foi criado o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID³² - para auxiliar na formação dos professores. O foco principal do programa é incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, contribuindo para a valorização do magistério e elevando a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, por meio da integração entre educação superior e educação básica. Nesse programa, os alunos-bolsistas dedicam 20 horas semanais de trabalho no subprojeto, dentre elas, 16 horas são dedicadas às aulas na área de formação em uma das escolas conveniadas, além de participarem de reuniões e congressos.

Até então, as dificuldades na formação de professores, discutidas nessa seção, dizem respeito à maioria das licenciaturas. Em se tratando, especificamente, da formação de professores de inglês, várias pesquisas têm mostrado um quadro cada vez mais inquietante no que diz respeito à formação de professores e as demandas atuais (DUBOC, 2012; IALAGO; DURAN 2008; NASCIMENTO, 2014; TAVARES; STELLA, 2014; PAIVA 1997).

De acordo com Paiva (1997, p.1), o ideal seria que os professores de inglês tivessem consciência política, dominassem a língua que ensinam, nas modalidades escrita e oral e, por fim, tivessem uma formação pedagógica aprofundada na linguística aplicada. A autora (1997) afirma que o número de profissionais dentro do perfil ideal ainda é relativamente pequeno.

Para compreendermos melhor o panorama atual da formação de professores no Brasil, apresento os dados de uma pesquisa intitulada “O ensino de inglês na escola pública brasileira³³” realizada em 2015 e elaborada pelo Plano CDE³⁴ para o British

³² Mais informações podem ser encontradas no *site*: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em 30/07/2017

³³ A pesquisa analisou o Censo Escolar 2013 e realizou entrevistas com 1269 professores de escolas municipais e estaduais nas cinco regiões do país, além de entrevistas com coordenadores pedagógicos, gestores públicos da área de línguas estrangeiras, das secretarias estaduais de ensino e do MEC.

Council³⁵. De modo geral, a pesquisa buscou compreender o contexto do ensino público no Brasil.

Dentre os temas abordados na pesquisa, os resultados sobre a formação de professores de inglês chamam atenção: cerca de 87% dos professores possuem ensino superior, esse número seria positivo não fosse pela falta de formação superior específica na língua inglesa. Os dados mostram que apenas 39% dos professores de inglês do país têm formação superior em língua inglesa, incluindo a dupla habilitação, e que a grande maioria dos docentes que ensinam inglês têm formação em língua portuguesa ou pedagogia.

O que mais chama atenção nos dados obtidos é que apenas 13% dos professores de inglês do Brasil possuem curso superior em Letras-inglês e que um em cada cinco professores de inglês tem formação superior fora da área de línguas. Essas porcentagens são, de fato, preocupantes e podem ser um dos fatores que explicam os problemas no processo de ensino-aprendizagem de inglês nas escolas públicas bem como a dificuldade que alguns professores têm ao ensinar inglês.

A pesquisa também revelou que somente 42% dos professores de inglês se graduaram em instituições públicas, enquanto os 58% restantes se formaram em instituições privadas. Ao serem questionados sobre as principais dificuldades enfrentadas na formação³⁶, mais da metade dos professores afirmaram não terem tido oportunidade para conversar em inglês; 22% responderam ter dificuldade com a língua falada; 9% disseram ter dificuldades em ler materiais em inglês; somente 4% afirmaram ter dificuldades na escrita; Contudo, quase um terço dos professores pesquisados afirmou não terem vivenciado algumas das situações apresentadas.

Além das dificuldades na formação, muitos professores também se encontram sobrecarregados em suas rotinas de trabalho com muitas turmas, de modo que podem chegar a três turnos de trabalho. Além disso, geralmente eles lecionam outras

³⁴ A plano CDE é uma empresa de consultoria e pesquisa de mercado especializada no entendimento da dinâmica de vida de consumo das classes C, D e E e na oportunidade de negócios e de relacionamentos com esse público.

³⁵ A pesquisa na íntegra está disponível no *site*: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf

³⁶ Questão: Em relação à sua formação como professor de inglês, gostaria de saber se você vivencia com frequência alguma das seguintes situações: (1) tem oportunidade de falar inglês; (2) tem facilidade com a língua falada; (3) Lê materiais em inglês; (4) tem facilidade com a língua escrita; (5) vivencia ou não essas situações.

disciplinas, além do inglês, para complementar suas cargas horárias. Em muitos casos, os professores investem com recursos próprios em suas formações e capacitações. No entanto, muitos deles não têm acesso à formação específica, pelos fatores já mencionados anteriormente.

Em contexto local, o estado de Alagoas tem uma das maiores taxas de analfabetismo do país. Segundo dados oficiais³⁷, o estado encontra-se em primeiro lugar em analfabetismo em crianças de 10 anos de idade; cerca de 22% da população não sabe ler nem escrever; o IDEB estabelece índice de 2,7 para as séries finais do fundamental público (TAVARES; STELLA, 2014). Esses dados influenciam significativamente na formação de professores. Nesse caso, em especial, na formação de professores de inglês.

Nesse contexto apresentado, uma pesquisa realizada em 2012 por Tavares e Stella (2014) com 21 professores de inglês de escolas públicas de ensino médio, revelou que 66% dos professores pesquisados possuem dupla habilitação em português e inglês. De certo modo, esse fato impede um aprofundamento maior na língua estrangeira. As consequências disso podem ser atribuídas aos seguintes dados: 40% dos professores afirmaram terem estudado gramática na graduação, 20% tradução de textos, 15% leitura de texto e 20% estão divididos entre outras habilidades (TAVARES; STELLA, 2014).

Em reflexo aos dados anteriores, a possibilidade desses professores reproduzirem as mesmas práticas de ensino advindas da graduação aumenta significativamente, conforme pode-se observar nos dados seguintes: 64% dos professores focalizam leitura e gramática nas suas aulas; 34% dos pesquisados utilizam a abordagem tradicional; enquanto que 23% afirmam trabalhar com a gramática contextualizada (TAVARES; STELLA, 2014).

Os dados apresentados nos mostram a importância da universidade na formação dos professores e seu “papel fundamental na contribuição para o desenvolvimento educacional do estado com a formação de docentes aptos a atuarem criticamente dentro de processos de ensino e aprendizagem (TAVARES; STELLA, 2014)”. Desse modo, a formação de quem vai formar também deve ser refletida, conforme objetiva esta pesquisa e, com base nos argumentos de Gatti (2009) que propõe que a formação de

³⁷ IBGE e IDEB.

professores, torne-se central nos processos educativos e busque preservar uma civilização com possibilidades melhores de vida.

Embora tal responsabilidade seja atribuída à universidade, Leffa (2001) argumenta que é uma ilusão achar que os professores possam ser formados nos “bancos da universidade”, apesar de concordar que os professores-formadores precisarão acreditar nessa ilusão para dar continuidade a seus trabalhos. Na mesma linha de pensamento, Paiva (1997) atribui uma boa formação ao esforço próprio do professor, pois, segundo a autora, “os cursos de licenciatura, em geral, ensinam sobre a língua e não aprofundam conhecimentos na área específica de aprendizagem de língua estrangeira (PAIVA, 1997, p.1)”. Leffa (2001) justifica que não há tempo e nem condições para formar um “profissional reflexivo, crítico, confiável e capaz de demonstrar competência e segurança no que faz (LEFFA, 2001)”.

Diante da disparidade entre o que se espera da formação de professores e o que, de fato, se tem, deixo os questionamentos de Monte-Mór (2011 *apud* TAVARES; STELLA, 2014, p. 95) sobre a formação de professores de inglês na era digital para as reflexões que seguem.

Em tempos de linguagem digital, comunicação multimodal, internet, redes sociais, interações online em que os alunos e professores se deparam com inúmeras transformações nas vivências, comunicações pessoais, nas relações de trabalho, na forma de participação social, o que muda na formação do professor E, na formação do professor de línguas? (MONTE-MÓR, 2011 *apud* TAVARES; STELLA, 2014, p. 95).

Em se tratando de formação de professores para os letramentos digitais, creio ser pertinente mencionar a existência do Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (ProInfo Integrado)¹, dada sua importância na formação tecnológica do professor e, conseqüentemente, no desenvolvimento dos letramentos digitais em sala de aula. O programa, além da distribuição de equipamentos nas escolas, oferece conteúdo e recursos multimídia e digitais pelo Portal do Professor, pela TV Escola e DVD Escola, pelo Domínio Público e pelo Banco Internacional de Objetos Educacionais (PAIVA, 2013). Dentro do programa, são ofertados vários cursos, tais quais Introdução à Educação Digital com duração de 40 horas, no qual se ensinam o manejo de computadores e de internet, processadores de texto, apresentações

multimídia, recursos da Web para produções de trabalhos escritos/multimídia, pesquisa e análise de informações na Web, comunicação e interação (PAIVA, 2013).

2.3.1 O professor como agente de letramentos

Partindo da premissa de que o professor, assim como em outras profissões, precisa de reposicionamentos sociais que moldam sua identidade profissional (Kleiman, 2006) para acompanhar as mudanças da sociedade contemporânea, trago a discussão sobre a importância de formar professores agentes de letramentos. Antes de tudo, creio ser pertinente informar que usarei o termo agente de letramentos, no plural, por entender que existem vários tipos de letramentos e que o professor pode desenvolver, não somente um, mas muitos letramentos na sala de aula, bem como fora dela.

Dessa forma, cabe definir o que vem a ser o termo agente de letramentos. Primeiramente, a palavra agente³⁸ refere-se àquele que opera, atua ou agencia. Assim, no contexto escolar, agente de letramentos refere-se ao professor que aproveita bem o ambiente escolar para inserir os seus alunos em práticas de letramentos³⁹. Nas palavras de Kleiman (2006), o agente de letramentos é "um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições" (KLEIMAN, 2006, p. 08).

Para ilustrar melhor a definição de agente de letramentos, uso o exemplo de uma situação descrita por Kleiman (2006) citando Tinoco (2003) na qual o professor insere seus alunos em uma prática de letramento no ambiente escolar ao orientá-los a escreverem uma carta solicitando ao órgão competente um ônibus para assistirem a uma peça teatral. Ao realizar a tarefa solicitada pelo professor, os alunos estariam executando diversas ações práticas de ordem social, tais quais, pesquisar o endereço de envio, organizar os materiais para a escrita da carta, negociar o que será escrito, enviar pelo correio, renegociar a solicitação, etc. (TINOCO, 2003 apud KLEIMAN, 2006).

O professor agente de letramentos difere de outras concepções adotadas anteriormente, como por exemplo a concepção de mediador que remete à função

³⁸ Fonte: Dicionário Aurélio, 2017.

³⁹ Entendo por práticas de letramento as produções sociais e/ou atividades humanas concretas que envolvem não somente o que as pessoas fazem, mas o que elas fazem a partir do que sabem e o que elas pensam sobre o que fazem (BAYNHAM, 1995).

intermediária e a concepção de detentor do saber. Ao contrário, enquanto agente de letramentos, o professor, juntamente com seus alunos, tornam-se construtores das ações desenvolvidas para fins sociais.

Em se tratando do professor de inglês, por sua vez, esse não está no ambiente escolar, simplesmente para desenvolver atividades relacionadas à estrutura da língua, mas, acima de tudo, para desenvolver atividades sociais. Para isso, é preciso que o professor desenvolva habilidades que o conduzirão à práticas de ensino significativas. Kleiman (2006) entende que a reflexão permite ao professor em formação identificar-se como agente de letramentos e sugere a utilização de diários reflexivos pela sua capacidade de gerar sentidos próprios ao verbalizar suas experiências em sala de aula, contudo, sobretudo porque, por meio da escrita do diário reflexivo, o professor torna-se um “mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade” (KLEIMAN, 2006, p. 80) de modo a facilitar a participação dos demais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, o agente de letramentos é capaz de identificar as oportunidades de aprendizagem na prática pedagógica. Em outras palavras, aquilo que Duboc (2012) chama de brechas, isto é, momentos em que os docentes oferecem aos alunos “encontros com a diferença⁴⁰” com o objetivo de possibilitar a transformação dos envolvidos nas práticas sociais através do confronto de saberes (DUBOC, 2012).

Acredito que o professor enquanto agente de letramentos, além das qualidades já apresentadas, deve habituar-se a analisar, interpretar e questionar os documentos que regem o ensino com vistas a mudanças necessárias e adequações das propostas ao ambiente escolar. É o que discuto no capítulo subsequente.

⁴⁰ Termo utilizado por Jordão (2010) citado por Duboc (2012).

CAPÍTULO III

3 ANÁLISE DO PPC DO CURSO DE LETRAS/INGLÊS DA UNEAL

Analisar os documentos escritos possibilita a observação entre homem e sociedade, uma vez que ao funcionar dentro do contexto em que foi produzido, o documento escrito fixa, preserva e transmite saberes constituídos em um determinado tempo e espaço e, conseqüentemente, reflete pontos de vistas sobre esse momento histórico (CHARTIER, 1999 *apud* TAVARES E STELLA, 2012).

Ainda de acordo com Tavares e Stella (2012), a importância do Projeto Pedagógico de Curso se destaca porque é um documento que reflete o posicionamento do grupo no momento de sua produção, funcionando como centro organizador das ações docentes. Por esse motivo, entendo a importância e a necessidade de analisar o PPC de Letras/Inglês da UNEAL, na tentativa de entender o funcionamento do curso no que se refere aos letramentos digitais na formação de professores.

É importante justificar que, ao me referir ao PPC enquanto texto, baseio-me na definição bakhtiniana de que texto é o único objeto concreto de acesso ao outro, disponível para o estudos das interações, o qual permite, nesse caso em especial, observações e reflexões (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1977] 2010).

O PPC do curso de Letras/Inglês da UNEAL, até a realização dessa análise, teve sua última versão em 2010 com 274 páginas e contou com a colaboração de vários professores dos diversos *campi* da instituição. O projeto está dividido em sete partes: (1) Dados de Identificação, nos quais são apresentados os diversos *campi* e seus respectivos endereços; (2) Caracterização do Curso de Letras, nesse item são apresentadas as habilitações, carga horária total do Curso, modalidade e número de vagas ofertadas; (3) Apresentação; (4) Marco Referencial, que menciona o corpo docente e titulação, o perfil do formando do curso de Letras e as competências, habilidades e atitudes; (5) Marco Operacional, com objetivos de estudo do Curso de Letras, atividades de pesquisa e extensão, currículo, avaliação, formas de ingresso, prática de ensino, monografia final do curso e biblioteca; (6) Marco Teórico e (7) Matriz Curricular do Curso de Letras, contendo as habilitações e ementas.

A princípio, não posso deixar de destacar a ausência da palavra “político” no título do documento. Embora a palavra não esteja registrada no título do texto, julgo que o documento não deixa de ser político. A esse respeito Freire (2001, *apud* TAVARES e STELLA, 2012), afirma que um projeto deve ser não somente pedagógico, como também político, uma vez que deve sempre interferir na realidade no sentido de mudá-la para melhor. Os autores acrescentam que é impossível pensar a história e as relações humanas no seu aspecto processual e dialético “sem projeto de natureza político-pedagógica no sentido da transformação ou da reinvenção do mundo” (FREIRE, 2001 *apud* TAVARES e STELLA, 2012, p.18).

Em se tratando das inúmeras transformações ocorridas no mundo contemporâneo e levando em consideração que o PPC foi elaborado em 2010, friso a necessidade de que esse documento seja constantemente discutido, a fim de adequá-lo às demandas sociais atuais. No entanto, logo nas primeiras linhas da apresentação, o texto apresenta que “o curso de Letras tem como meta a formação do profissional/professor pesquisador, um **agente de mudanças**⁴¹, voltado para uma prática de educação libertadora, sem perder de vista a formação para a cidadania” (PPC, 2010, p.7).

Concordo com o texto que o professor deva promover mudanças, no entanto, entendo que, apesar do texto reconhecer que o professor deva ser “agente de mudanças”, para que ele possa transformar a realidade para melhor, dentre outros fatores, é necessário, primeiramente, que as diretrizes que guiam e formam esse profissional, nesse caso o PPC, estejam atualizadas, isto é, adequadas às mudanças e que as instituições deem condições para tal.

A contradição referente à importância que o documento dá às mudanças e à questão temporal de atualização do documento pode ser percebida na seguinte afirmativa: “pode-se dizer que esse projeto pedagógico acompanha o ritmo das mudanças e assegura um ensino compatível com os anseios da comunidade acadêmica, ou seja, ensino/pesquisa/extensão e as aspirações da sociedade hodierna (PPC, 2010, p.8)”.

Ao tratar do perfil do formando do curso de Letras, o texto faz a seguinte sugestão:

O profissional do Curso de Letras deverá ser uma pessoa que desenvolva sua capacidade intelectual e criativa por meio da linguagem, considerada nas suas

⁴¹ Grifo meu.

múltiplas funções, apreendida na diversidade das línguas e na produção literária; que seja capaz de encontrar soluções imediatas e, para isso, precisa ser integrado ao meio (PPC, 2010 p. 16-17).

Isso posto, o texto nos mostra, através do trecho “deverá ser uma pessoa que desenvolva sua capacidade intelectual e criativa [...] e que seja capaz de encontrar soluções imediatas”, que esse é o perfil ideal do profissional do curso de Letras. Assim sendo, percebe-se que existe um distanciamento entre o perfil ideal e real do formando do curso de Letras, visto que o próprio documento define o público real do curso quando afirma ter realizado um diagnóstico a partir do qual se constatou que “a formação anterior desses alunos pode ser considerada, de certo modo, insuficiente para alunos universitários, apesar de a maioria já atuar na área de educação” (PPC, 2010, p.17). Apesar de ter demonstrado preocupação em diagnosticar o público real do curso e constatar divergência entre o público ideal e real, não foram identificadas alternativas de adaptação.

No item “Competências, Habilidades e Atitudes”, o texto lista uma série de atribuições, as quais, nesse trabalho, nos interessam as seguintes:

Preparação profissional atualizada⁴² de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho; **Domínio dos métodos e técnicas pedagógicas** que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino; **Capacidade para aplicar seus conhecimentos de forma independente e inovadora**, acompanhando a evolução do setor e contribuindo na busca de soluções nas diferentes áreas de aplicação (PPC, 2010, p.18).

Os três itens acima reforçam o foco central desta pesquisa ao se referirem à “preparação profissional atualizada, domínio de métodos e técnicas pedagógicas e capacidade para aplicar seus conhecimentos de forma independente e inovadora”. Entendo que os itens destacados são interdependentes, isto é, para aplicar conhecimentos de forma inovadora e independente, é necessário conhecer métodos e estratégias pedagógicas e isso depende de preparação profissional atualizada.

Nessa perspectiva, para reforçar a importância de se ter conhecimento sobre determinada prática, destaco o uso da palavra “domínio” utilizada em “domínio de métodos e técnicas”. Compreendo que ao utilizar a palavra “domínio”, o texto sugere que o profissional deva apropriar-se de métodos e técnicas capazes de facilitar a

⁴² Grifos meus.

construção do conhecimento. Do contrário, o profissional estará fora do padrão exigido pela sociedade.

Dessa forma, a atualização profissional torna-se o ponto inicial para que os outros itens, apresentados anteriormente, sejam desenvolvidos. É nesse sentido que o uso das TIC faz-se indispensável, devido à sua mediação nos processos interacionais e ao seu grande potencial nos processos de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, segundo Morin (2000, *apud* TAVARES e STELLA, 2012), as tecnologias educacionais deixam de ser encaradas como meras ferramentas que tornam mais eficientes e eficazes o processo de ensino-aprendizagem, mas passam a ser consideradas como elementos estruturantes de um outro modo de pensar a educação.

O PPC também se posiciona em relação ao global e local,⁴³ apontando os pontos positivos e negativos desse processo:

Em termos sócio-ideológicos, a globalização é uma tendência mundial que se caracteriza paradoxalmente. Por um lado, **alto desenvolvimento tecnológico⁴⁴, com uma rede de comunicação intercontinental**, que faz de todas as pessoas, em qualquer lugar do planeta, um cidadão do mundo. E, por outro lado, **forma conglomerados econômicos internacionais e massifica minorias étnicas e religiosas** (PPC, 2010, p.26).

Segundo Morin (2000, *apud* TAVARES e STELLA, 2012), as discussões acerca da globalização⁴⁵ devem se estender historicamente durante a formação da modernidade, devido à herança das conquistas estabelecidas no início da era moderna e aos processos coloniais a partir do século XIX. Isso porque, segundo os autores, há pré-construídos de que as nações europeias, nações soberanas e detentoras do saber, deveriam transmitir o conhecimento. Enquanto que as outras nações, passíveis de crédito, deveriam descartar sua sabedoria local e substituí-la pela sabedoria imposta. Morin (2000 *apud* TAVARES e STELLA, 2012) conclui que imposições globais sobre locais irão existir constantemente.

Em se tratando de conhecimento, Morin (2000 *apud* TAVARES e STELLA, 2012) nos conforta, desfazendo a ideia apresentada no texto acima sobre pontos positivos em “alto desenvolvimento tecnológico, com uma rede de comunicação intercontinental” e

⁴³ A relação entre global e local refere-se, diretamente, ao termo globalização, na medida em que essa, está relacionada ao processo de alongamento, isto é, as conexões entre diferentes regiões e contextos sociais na superfície terrestre (GIDDENS, 1991). Ver definição de globalização.

⁴⁴ Grifos meus.

⁴⁵ Termo usado por Morin (2000) para relacionar global e local.

negativos da globalização⁴⁶ ao mencionar que “forma conglomerados econômicos internacionais e massifica minorias étnicas e religiosas”, ao sugerir que global e local devam interagir de forma a construírem sentido para ambas as partes.

Ao reconhecer as constantes transformações no mundo contemporâneo, o PPC apresenta a seguinte afirmação:

Por tudo isso, faz-se necessário demonstrar que assim como a sociedade está passando por transformações, a universidade, como parte integrante desta, também **sofre** nesse processo, daí, decorre o desafio de fazer uma universidade de qualidade (PPC, 2010, p.26).

Entendo que ao utilizar a palavra “sofre”, ao se referir à universidade face às constantes transformações, os autores parecem assumir que as novas mudanças advindas da globalização trazem consigo consequências que afetam os diversos segmentos da universidade.

A respeito do poder que a palavra carrega, Bakthin/Volochinov ([1977] 2010) afirma que nas palavras da língua circulam valores éticos, morais, ideológicos e históricos. O autor acrescenta que “a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem” (BAKTHIN/VOLOCHINOV, [1977] 2010, p.6).

O texto reconhece, ainda, que há outros espaços de construção de conhecimento, ao afirmar que

apesar da importância que se dá à formação universitária de qualidade, hoje a universidade não é por excelência o lugar onde se adquire conhecimento. Ela **perdeu**⁴⁷ esse espaço para os meios de comunicação que levam informações mais rápidas (PPC 2010, p.26-27)”.

Assim, o texto ressalta a importância dos meios de comunicação na busca por informações, mas parece não reconhecer a diferença entre informação e conhecimento, uma vez que mesmo relacionando a universidade com o conhecimento ou ausência dele e as informações com os meios de comunicação, afirma que a universidade “perdeu” o espaço para os meios de comunicação. Desse modo, conforme discutido anteriormente, é preciso lembrar que há diferença entre informação e conhecimento, sendo necessárias estratégias específicas para transformar a informação em conhecimento a partir da

⁴⁶ Para Giddens (1991, p.60), a globalização pode ser definida como “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”.

⁴⁷ Grifo meu.

utilização dos meios de comunicação. É preciso, pois, reconhecer que as TIC são aliadas nesse processo de construção de conhecimento. Nesse sentido, Cope e Kalantzis (2007 *apud* ROJO, 2013) “avaliam que as instituições continuam mantendo a tradição de assimilar de maneira incompleta aquilo que lhes poderia oferecer vantagens em termos pedagógicos” (ROJO 2013, p.138).

Embora o PPC entenda que a “universidade não é por excelência o lugar onde se adquire conhecimento”, o texto menciona que “atualmente a profissão de educador exige que este se mantenha atualizado sobre novas metodologias de ensino e desenvolva práticas pedagógicas mais eficientes. **A universidade é o melhor lugar para se aprender a lecionar**⁴⁸ (PPC, 2010 p.27)”. Nesse momento, o texto parece reconhecer a importância dos profissionais estarem atualizados e de adquirirem novas metodologias de ensino, reconhece também que a universidade é o lugar ideal onde se aprende a lecionar.

De modo a reconstruir uma nova postura em relação à importância da tecnologia na formação do professor, o texto cita Libâneo para mostrar alguns objetivos para uma educação básica de qualidade: “formação geral e preparação para o **uso da tecnologia**⁴⁹ desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, formação para o exercício da cidadania crítica e ética (PPC, 2010 p.27)”. E acrescenta que:

Como Libâneo as coloca: mediação, aprendizagem ativa, a prática interdisciplinar, estratégia do ensinar a pensar, aprender a aprender, perspectiva crítica dos conteúdos, trabalho de sala de aula como um processo comunicacional, desenvolver capacidade comunicativa, **reconhecer o impacto das novas tecnologias na sala de aula**, atender à diversidade cultural e respeitar as diferenças no contexto da sala de aula investindo na atualização científica, técnica e cultural, como ingredientes do processo de formação continuada e integrar no exercício da docência a dimensão afetiva (PPC 2010, p.27)

Diante das controvérsias apresentadas durante a leitura do PPC, percebo que o texto parece não ter um posicionamento firme quanto à importância de inserir as TIC na formação dos professores e formar para os letramentos digitais. Apesar de citar o “uso da tecnologia” e “reconhecer o impacto das novas tecnologias na sala de aula” percebo que na matriz curricular do curso de Letras/Inglês não há uma disciplina direcionada, especificamente, à formação para os letramentos digitais dos graduandos, futuros professores. Vale, ainda, ressaltar nesse sentido que o curso contém apenas uma

⁴⁸ Grifo meu.

⁴⁹ Grifo meu.

disciplina eletiva, intitulada “Educação e Tecnologias” com carga horária de 40 horas, a qual, normalmente, não é ofertada.

Desse modo, diante do que foi discutido até o momento, destaco a importância de não se ter apenas uma disciplina que instrua os alunos, futuros professores, a utilizarem as tecnologias de forma didática, mas que essa prática seja desenvolvida ao longo de todas as disciplinas da grade curricular, a exemplo da proposta dessa pesquisa que insere as TIC na disciplina de Língua Inglesa.

CAPÍTULO IV

4 PROPOSTAS DE TRABALHO E REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS SOBRE AS AULAS

Deste ponto em diante, analiso e interpreto os dados coletados durante a pesquisa e faço uso do processo de triangulação, o qual permite obter um olhar diversificado na coleta de dados por meio do uso variado de instrumentos de coleta (CROKER, 2009), tais quais autobiografias, planos de aula, diários reflexivos da professora-pesquisadora e dos alunos, entrevista coletiva, questionários, gravações das aulas, grupos nas redes sociais, atividades propostas e produções dos alunos, como bem apresentados na metodologia. Além disso, retomo algumas considerações feitas no decorrer deste trabalho.

A análise e interpretação dos dados da pesquisa estão organizadas em três capítulos, caracterizados com base no momento de aplicação dos instrumentos de coleta: este capítulo, intitulado Propostas de trabalho e representações dos alunos sobre as aulas, tem o objetivo de mostrar as representações iniciais dos alunos, como foram elaboradas as aulas e os porquês das escolhas das atividades. Essa fase conta com a análise das entrevistas coletivas⁵⁰, autobiografias, planos de aula⁵¹ e questionário 1. O capítulo seguinte traz reflexões acerca do processo crítico-reflexivo do aluno em sala de e analisa as atividades propostas, os diários reflexivos da professora-pesquisadora e dos alunos e as gravações das aulas; o último capítulo diz respeito ao desenvolvimento dos letramentos digitais extra sala de aula e formação pedagógica dos alunos, além de fazer uso do questionários 2 e produções dos alunos no grupo do *Facebook*. Nesta fase, reflito sobre o processo de extensão das aulas e as representações dos alunos em relação às aulas com TIC e os letramentos digitais desenvolvidos durante o processo da pesquisa.

É importante ratificar aqui que foram criados dois grupos nas redes sociais para coletar dados. Um grupo no *Whatsapp*, o qual não obteve êxito na aplicação das atividades, nesta pesquisa, visto que, por se tratar de um aplicativo muito dinâmico e fluido, as conversas tomavam rumos distintos rapidamente. Desse modo, as atividades

⁵⁰ Na metodologia desta pesquisa foi explicada que as entrevistas coletivas serviram para a escolha da turma pesquisada. Por isso, não serão analisadas nesse capítulo. No entanto, foram mencionadas nessa seção porque fazem parte da fase de Elaboração da Proposta.

⁵¹ Dentre os cinco planos de aula desenvolvidos durante a pesquisa, um deles foi escolhido para ser analisado.

propostas se perdiam em meio às conversas paralelas, servindo apenas para troca de informações referentes às aulas, lembretes e avisos. O outro grupo foi criado no *Facebook* e servia efetivamente como canal de contato e ensino-aprendizagem antes e depois das aulas e, por isso, esse instrumento de coleta será analisado no último capítulo deste trabalho.

É uma prática comum minha criar grupos fechados no *Facebook* para as turmas com as quais trabalho, por entender que atualmente essa é uma das formas mais práticas de contatar os alunos, além de reconhecer a utilidade dessa ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, o grupo no *Facebook* já havia sido criado antes mesmo da escolha da turma, participante da pesquisa. Entretanto, nesta pesquisa, só serão analisados os dados datados após a escolha da turma, realizada em 28 de agosto de 2015.

Como mencionado na metodologia, a escolha da turma foi feita com base nos resultados das entrevistas coletivas. Prefiro dizer que a turma escolheu a pesquisa, pois a maioria dos alunos dessa turma afirmava desejar seguir a carreira docente e demonstrava grande interesse por tecnologias e assuntos socialmente relevantes, características centrais desta pesquisa. Com a turma escolhida, expliquei o contexto da pesquisa aos alunos, apontando o problema, a justificativa e os objetivos que desejava alcançar. Com a aceitação total dos alunos, iniciei a pesquisa solicitando que os alunos escrevessem autobiografias⁵² em que contassem sobre suas histórias na educação, sobretudo no ensino-aprendizagem de inglês, bem como suas experiências de aprendizagem, o grau de sucesso delas e de que forma suas experiências influenciaram na escolha da profissão. Meu objetivo com as informações das autobiografias era conhecer os alunos (BRUNER,1995) e, então, planejar os próximos passos com base nas informações adquiridas.

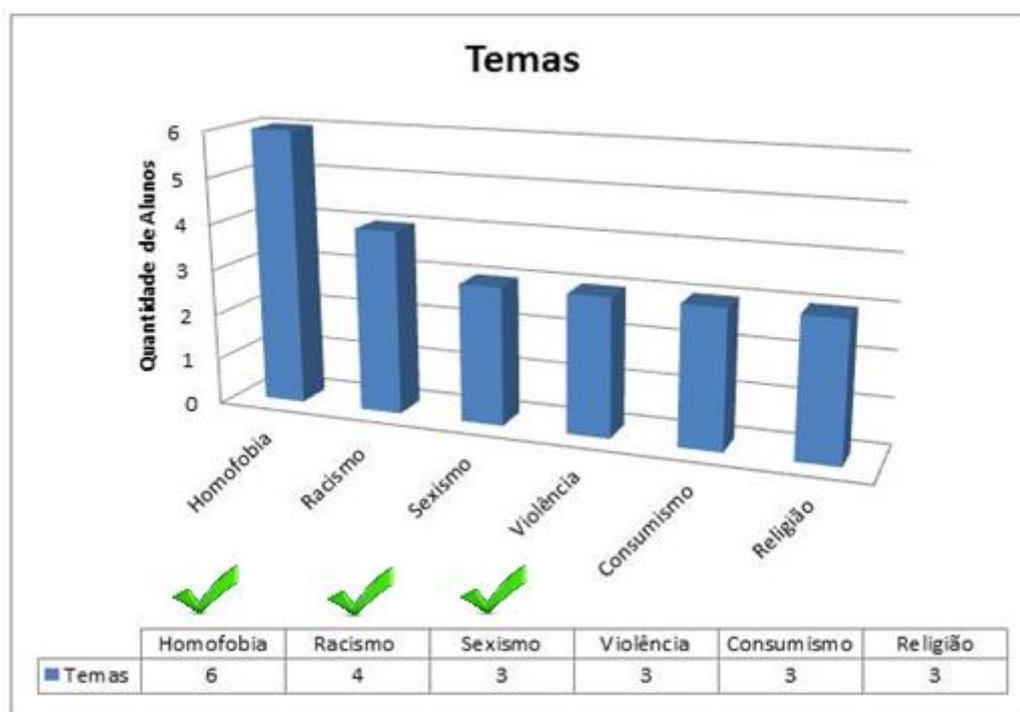
Após receber as autobiografias, o passo seguinte foi pedir aos alunos que escolhessem os temas das aulas seguintes, isto é, das aulas em que a coleta de dados seria feita. Para isso, postei uma lista de 20 temas socialmente relevantes e pedi para que eles escolhessem os seis temas que gostariam de discutir nas aulas. Caso desejassem, poderiam escolher outros temas que não tivessem sido citados. Essa decisão

⁵² Ao solicitar as autobiografias, dei-lhes algumas orientações, tais quais, escrever em primeira pessoa, definir o objetivo da autobiografia, destacar os pontos relevantes da temática abordada, etc.

foi tomada por acreditar que seria mais confortável e interessante para os alunos discutirem temas de interesse deles.

A sugestão de trabalhar com seis temas foi feita porque acreditei que seis aulas seriam suficientes para a coleta de dados. No entanto, durante o processo de aplicação, só foi possível trabalhar os três primeiros temas escolhidos pelos alunos, homofobia, racismo e sexismo, já que a pesquisa tomou rumos diferentes do planejado inicialmente. Apesar de ter sido informado de que os alunos poderiam escolher outros temas que não estivessem na lista sugerida, todos os temas escolhidos pelos alunos foram da lista que sugeri. Os seis temas escolhidos e os três temas trabalhados podem ser vistos na tabela seguinte:

Figura 3 - Lista de temas das aulas⁵³



Fonte – Elaborada pela autora

Antes do planejamento das aulas e elaboração dos materiais a serem utilizados nelas, foi necessário fazer um levantamento dos recursos disponíveis na instituição, pois se o objetivo da pesquisa era trabalhar com as TIC na sala de aula, é óbvio que precisaria da disponibilidade dos recursos tecnológicos. Essa foi a primeira grande dificuldade enfrentada durante a pesquisa, visto que o único recurso tecnológico

⁵³ Os 20 temas propostos foram inspirados nos temas transversais descritos no item “escolhas temáticas” propostos pelos PCN-LE (1998, p.44).

disponível na sala de aula era um projetor. Além disso, a instituição não disponibilizava internet para os alunos, nem mesmo para os professores. Foi possível perceber que alguns setores da instituição possuíam acesso à internet, como o laboratório de informática, por exemplo. Contudo, o acesso era limitado a esse setor. Nesse contexto, foi preciso adquirir alguns equipamentos para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida. Dentre esses equipamentos, comprei uma caixa de som, um cabo para adaptar o meu notebook ao projetor, extensão e adaptador. A falta de acesso à internet não foi solucionada, o que inviabilizou a realização de algumas atividades previamente planejadas. Por isso, foi preciso adaptar o planejamento à realidade do ambiente pesquisado.

Isto posto, na seção seguinte apresentarei algumas informações que considero importantes advindas das autobiografias dos alunos e análise do primeiro questionário. Em seguida, com base nas informações adquiridas, apresento-lhes a elaboração da proposta de trabalho com o planejamento da aula.

A elaboração da proposta de utilização das TIC na sala de aula para o desenvolvimento dos letramentos digitais nas aulas de inglês foi feita com base nas informações adquiridas sobre os alunos por meio das entrevistas coletivas, que serão mencionadas nessa seção, bem como das autobiografias dos alunos e do primeiro questionário aplicado à turma pesquisada. Em seguida, apresentarei o plano da primeira aula.

Solicitei a todos os alunos que enviassem as autobiografias pelo grupo do *Facebook*. Dos 20 alunos participantes da pesquisa, 15 enviaram as autobiografias⁵⁴, as quais serão analisadas a seguir. Vale salientar que as autobiografias não foram escritas de forma livre e aleatória, mas sim a partir de alguns direcionamentos dados por mim para que os alunos não perdessem o foco principal da pesquisa. Contudo, alguns alunos se sentiram tão à vontade na escrita que acabaram trazendo outras informações que, embora não previstas, são pertinentes e também serão discutidas aqui.

⁵⁴ Para garantir a preservação das identidades dos alunos, participantes da pesquisa, a partir de agora eles serão tratados pela letra A de aluno e um número correspondente a cada um deles, sendo os mesmos em todas as análises, por exemplo, A1, A2 e assim por diante.

4.1. O ensino de inglês na escola pública

Foi possível perceber, por meio da leitura das autobiografias, que a maioria dos alunos é advinda de escolas públicas de diversos municípios vizinhos à cidade de Palmeira dos Índios-AL, local da pesquisa. Nesse contexto, algumas informações importantes sobre o ensino-aprendizagem de inglês na escola pública vieram à tona. Vejamos no quadro a seguir alguns trechos das autobiografias dos alunos que fazem referência ao ensino público:

Quadro 10 - Comentários dos Alunos sobre o Ensino Público

Alunos ⁵⁵	Excerto das autobiografias ⁵⁶
A3	Ingressei no curso de Letras por gostar muito de línguas, e para poder aprender mais, pois sempre fui estudante de escola pública, onde o ensino era ⁵⁷ e é, arrastado e pobre.
A6	Estudei o ensino médio na escola ⁵⁸ [...], localizada na cidade de Batalha-al, lá não aprendi muita coisa na disciplina de língua inglesa, talvez pela falta de um bom ensino em escolas da rede pública.
A7	Concluí o ensino médio aos 17 anos, posso dizer que foi uma fase bastante turbulenta , pois o professor de língua inglesa não dava a mínima para suas próprias aulas , em outras palavras não ensinava nada , e então surgiu uma pequena discussão entre o mesmo e eu, onde reuni o conselho escolar e consegui juntamente com outros alunos a substituição do professor.
A8	Comecei a estudar com 3 (três) anos em escola de esfera pública no município de Igaci/Al, ingressei nas séries iniciais sabendo ler, pois, tinha aprendido em casa; era uma escola grande, mas, o que dificultava a aprendizagem era a falta de capacitação docente.
A9	No ensino fundamental, na escola [...] tive uma professoras de inglês, ela só falava de um tal de verbo “Two Bee”.
A10	Confesso que minhas professoras de inglês não eram muito boas, e não me ajudaram muito nesse aspecto, pois eu mesmo, ao final do ensino médio, já sabia mais que elas.
A12	Meu aprendizado na língua inglesa foi pouco , sempre estudei em escola publica e nunca tivemos uma aula que fosse realmente de qualidade, por falta de motivação dos professores e também devido aos alunos.
A15	Um pouco mais tarde, no ensino médio, tive meu primeiro contato com o verbo “to be”, o método ensinado não era tão fácil de assimilar, pois era apenas no quadro e só ouvia a voz do professor. As atividades rotineiras eram sempre sobre gramática inglesa, aliás, era nisso que se baseava a aula, gramática inglesa, era uma das piores aulas que tínhamos, e isso com certeza faz com que o aluno fique desmotivado

⁵⁵ O número de cada aluno corresponde à ordem de envio das autobiografias.

⁵⁶ Os comentários foram apresentados tal qual foram feitos.

⁵⁷ Todas as palavras em negrito são grifos meus.

⁵⁸ O nome da escola foi retirado por questões éticas.

para aprender inglês.

Fonte – Autobiografias dos alunos – Anexos 1-15

A tabela anterior mostra que dos 15 alunos que fizeram as autobiografias 8 deles trazem relatos pessoais de fracasso no ensino de inglês em escolas públicas. Isso pode ser percebido a partir das palavras em negrito do aluno A3, ao afirmar que o ensino “era e é, arrastado e pobre”, indicando que o ensino continua ruim. Além disso, o aluno A6 declara não ter aprendido “muita coisa” e aponta o ensino público como o principal responsável, ao justificar que isso se deve “talvez pela falta de um bom ensino nas escolas da rede pública”.

O mesmo foi constatado durante as entrevistas coletivas, nas quais a maioria dos alunos se mostrou desmotivada com o ensino de inglês na escola pública. Alguns alunos relataram que as aulas de inglês não passavam de “sessões de tradução⁵⁹” e/ou aulas baseadas no ensino da gramática da língua tendo como principais instrumentos a lousa e o giz. Essas informações reforçam o que foi relatado na justificativa dessa pesquisa.

De fato, o ensino público tem sido alvo de diversas críticas, especialmente o ensino de inglês. Esse insucesso tem atraído diversos pesquisadores a desenvolverem estudos, no intuito de verificar se é possível ou não aprender inglês na escola pública, quais fatores influenciam para a situação atual e quais metodologias podem ser usadas para melhorar o ensino público. Pesquisas realizadas por Monte Mor (2010) trazem algumas “crenças” e representações acerca do ensino-aprendizagem de língua inglesa na escola pública:

Essas crenças ou percepções revelam que alunos, pais de alunos, professores, enfim, envolvidos no ensino público acreditam que a escola de educação básica não se constitui o lugar no qual se aprende a língua inglesa; ou de que esse idioma só tem aprendizado eficaz fora da escola, na maioria das vezes em cursos de idiomas (MONTE MOR, 2010 p. 577).

Para reforçar essa afirmação, um estudo realizado por Paiva (1997) sobre a identidade do professor de inglês revelou alguns mitos em que esse profissional acredita. Dentre eles, acredita-se que o curso livre é o lugar para aprender língua estrangeira. A autora alerta, ainda, que o senso comum reforça esse mito. A partir dos depoimentos dos alunos e destas pesquisas podemos perceber a descrença da sociedade em relação à aprendizagem de inglês na escola pública.

⁵⁹ Termo usado por um aluno.

A esse respeito, é sabido que, no Brasil, a proliferação de cursos livres tem crescido significativamente⁶⁰, obviamente, devido às demandas sociais. Entretanto, a escola pública⁶¹ oferece a disciplina língua inglesa desde o ensino fundamental. Contudo, as condições oferecidas nos dois estabelecimentos de ensino são completamente distintas. Se por um lado, os cursos livres oferecem estrutura física, equipamentos tecnológicos adequados e o número de alunos por turma é reduzido. Por outro lado, a maioria das escolas públicas carece de manutenção, tanto no espaço físico quanto nos equipamentos disponíveis, além de salas de aula superlotadas.

Além disso, os objetivos da escola regular e dos cursos livres são completamente distintos. Segundo Tavares e Stella (2014), a escola regular não deve reproduzir as metodologias dos cursos livres. A esse respeito, os autores acrescentam que “na escola regular, o ensino deve servir para a inclusão do aluno no mundo que o rodeia, permitindo que utilize a língua como meio de construção de conhecimento para si e para os outros” (TAVARES e STELLA, 2014, p.86-87).

Ainda nessa perspectiva, de acordo com os PCN-LE (1998), a leitura é a habilidade que deve ser priorizada na educação básica, pois, segundo o documento, somente um número relativamente pequeno de pessoas tem a oportunidade de utilizar a língua estrangeira, mesmo para fins de trabalho. O documento diz que “a leitura atende, por um lado às necessidades da educação formal, e por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato” (PCN-LE, 1998, p. 20). Por esse motivo, cria-se um conformismo em relação à (não) aprendizagem de inglês na escola pública. Conseqüentemente, muitas pessoas procuram os cursos livres para desenvolver as quatro habilidades (*Reading, writing, speaking e listening*), necessárias para a aprendizagem integral de qualquer língua estrangeira.

Ainda em relação às análises, percebe-se que os demais alunos, implicitamente, denunciam a situação do ensino de inglês público, apontando o professor como um dos principais responsáveis pelo insucesso. Isso pode ser percebido a partir do discurso do aluno A7 quando assegura que o professor “não dava a mínima para suas próprias aulas” e conclui que ele/ela “não ensinava nada”. Ainda nesse sentido, o aluno A10

⁶⁰ Em pesquisa “Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil”, elaborada pelo Instituto de Pesquisa Data Popular para o British Council. Mais informações em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagem_pesquisa_completa.pdf
Acesso em: 21 de julho de 2017.

⁶¹ Bem como, a escola particular. Contudo, na rede privada, geralmente, o ensino de inglês é ofertado a partir da educação infantil.

acrescenta que suas professoras “não eram muito boas e não o ajudaram muito” e atesta que ao final do ensino médio, “já sabia mais que elas”. Para concluir, o aluno A12 diz que “aprendeu pouco” e que nunca teve “uma aula que fosse realmente de qualidade”. Todas essas declarações responsabilizam o professor denunciando o seu despreparo. No entanto, é preciso lembrar que a educação, de modo geral, não depende somente do professor, mas sim, de diversos fatores que influenciam positiva e negativamente para o seu funcionamento.

Os demais alunos arriscam apontar os motivos pelos quais o ensino-aprendizagem de língua inglesa não acontece de forma satisfatória. Alguns acreditam que a metodologia utilizada pelo professor não era atrativa. Tal afirmação pode ser percebida por meio do discurso do aluno A9 ao recordar que “ela só falava de um tal de verbo ‘Two Bee’”. Esse mesmo raciocínio é feito pelo aluno A12 que também menciona o uso do verbo “To Be” e acrescenta que “o método ensinado não era tão fácil de assimilar, pois era apenas no quadro e só ouvia a voz do professor”. O mesmo aluno reforça que a metodologia era baseada em “atividades rotineiras” sobre gramática e que isso tornava as aulas de inglês “as piores”. Para concluir a responsabilização dos professores, o aluno A8 arrisca dizer que “a falta de capacitação docente” é o que dificulta a aprendizagem de inglês.

Parece-me necessário mencionar aqui duas noções de língua existentes. A primeira, adotada pelos professores citados pelos alunos, entende a língua como um sistema estável de signos (SAUSSURE, 2006), ou seja, um conjunto de regras gramaticais e que só é possível aprendê-la por meio da memorização dessas regras. A segunda diz respeito à noção de língua adotada nessa pesquisa, a qual acredita que a língua é abstrata e que é por meio da interação que as práticas sociais produzem sentido (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010).

Ademais, apesar de Bakhtin concordar com a visão saussuriana de que a língua é fundada da necessidade de comunicação, contrapõe-se a ele e critica que a língua seja um sistema de regras. Bakhtin/Volochinov (2010) defende que a língua está presente em todas as esferas da atividade humana em suas diversas formas. Assim, a língua vive e evolui historicamente por meio das interações verbais concretas. Nesta perspectiva, corroboro com a teoria bakhtiniana de que a língua não é um sistema estável, homogêneo, sincrônico e desvinculado de valores ideológicos. Portanto, creio que a

língua não deve ser ensinada nessa perspectiva, como o exemplo apresentado na introdução desse trabalho e segundo o qual o professor só ensinava sobre a língua, isto é, os aspectos gramaticais, mas sim, como atividade social, dinâmica, fluida e carregada de valores ideológicos. A perspectiva de língua que este trabalho defende será melhor representada no capítulo seguinte, no qual apresentarei as atividades realizadas durante a aula.

Em relação aos depoimentos dos alunos, eles mostram, ainda, que não é somente os professores que estão desmotivados em suas aulas, como afirma o aluno A12, mas também os próprios alunos. Isso pode ser percebido por meio do discurso dos alunos A12 e A15 que declaram estarem desmotivados com o ensino de inglês. Nesse contexto, vale ressaltar que enquanto a motivação pode ser considerada um fator determinante para o sucesso do ensino-aprendizagem em qualquer disciplina, em contrapartida, a desmotivação, por sua vez, pode ser uma das causas do fracasso na educação, de modo geral. Holden (2009) argumenta que, hoje, um dos desafios dos professores é manter e estimular o entusiasmo e criatividade dos alunos, “além de pensar nos alunos, você também precisa encontrar maneiras de se motivar e desenvolver suas habilidades pedagógicas” (HOLDEN, 2009, p.17).

Neste sentido, é preciso refletir sobre as metodologias adotadas no ensino de inglês, o que falta na formação do professor e, conseqüentemente, qual o perfil ideal do professor de inglês. Paiva (1997) alerta que existe um número bem reduzido de profissionais com o perfil ideal e assegura que esse percentual é, muitas vezes, fruto de esforço pessoal, visto que, em geral, os cursos de licenciatura não formam especificamente para a aprendizagem de língua estrangeira. O que se vê são licenciaturas em línguas estrangeiras que ensinam sobre a língua, formando professores que não conhecem a língua que ensinam.

Posso afirmar, com isso, que sou um exemplo de que, infelizmente, a universidade nem sempre forma professores fluentes no idioma no qual irão ensinar. Do mesmo modo, na maioria das vezes, não forma professores letrados digitalmente, foco dessa pesquisa. Enquanto aluna da graduação nesta mesma instituição, simultânea à graduação, precisei fazer um curso de inglês num curso livre, uma vez que as aulas na universidade não eram suficientes para adquirir fluência. Além disso, assim como Paiva (1997) relatou sobre esforço pessoal, realizei vários cursos e participei de diversos

seminários e congressos (não necessariamente promovidos pela universidade) por conta própria e com o objetivo de suprir as carências do curso.

Nesse sentido, enfatizo a necessidade de a universidade rever a formação dos professores, pois, além das características do professor de inglês citadas anteriormente, destaco, ainda, o papel do professor de inglês na formação da identidade social do cidadão, uma vez que, ao aprender uma língua estrangeira, o aluno desenvolve uma nova identidade social específica (SHOR, 1999, *apud* MATTOS, 2011). Além disso, são os professores os responsáveis por socializar essa nova visão de mundo trazida pela língua Estrangeira (GEE, 1986, *apud* MATTOS, 2011).

Por outro lado, reitero que o professor não é e não deve ser o único responsabilizado pela decadência no ensino, seja ele público ou privado. Há diversos fatores, que foram e serão citados nesta pesquisa, que mostram que o sucesso no ensino público não depende exclusivamente do professor, mas de um conjunto de fatores que compõem o ambiente escolar. A esse respeito, o Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas (2014, p.21) apresenta, como exigência às escolas básicas, organização no sentido de favorecer e melhorar cada vez mais “a utilização pedagógica das tecnologias de informação e comunicação; a formação dos docentes; a valorização da profissão docente e a infraestrutura e equipamentos necessários para a qualidade do ambiente escolar”. Além disso, o documento alerta que

Cabe à escola se constituir cada vez mais como espaço propício para o desenvolvimento das potencialidades de todos – estudantes, profissionais e comunidade escolar – promovendo relações humanas éticas, solidárias, fraternas e construtivas; assumindo o compromisso com educação de qualidade, pluralismo de ideias, ampliação do universo cultural e exercício da cidadania; incentivando o cuidado com a natureza e com o espaço público (ALAGOAS, 2014, p.21).

Para que essas mudanças aconteçam é preciso um movimento constante e urgente de ação-reflexão-ação entre todos os envolvidos na educação na busca pela qualidade do ensino-aprendizagem.

4.2 Língua inglesa e escolha profissional

Mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas no ensino público, outros pontos que ficaram bastante evidentes nas autobiografias foram a fascinação dos alunos

pela língua inglesa, a motivação para a escolha do curso e a influência das TIC no processo de ensino-aprendizagem. Os comentários sobre esses assuntos podem ser vistos no quadro seguinte:

Quadro 11- Interesse pela Língua Inglesa

Aluno	Excerto das autobiografias
A5	Meu interesse pela língua inglesa começou quando eu tinha quatorze (14) anos quando estava cursando o 2º ano do ensino médio, por causa de um clipe musical (Not This Time) do meu ídolo (Gusttavo Lima), fiquei curiosa para saber o que a letra da música dizia, e fui ficando cada vez mais fascinada pelo inglês.
A7	Aos 11 anos entrei para o fundamental das séries finais (do 6º ao 9º) e foi na aula de um professor de inglês , cujo havia cursado graduação na UNEAL-Universidade Estadual de Alagoas, que o interesse pela língua inglesa surgiu [...]
A9	Aos 11 anos entrei no ensino fundamental II e foi aí que começou meu real contato com o inglês , minha maior influencia para gostar do inglês são as músicas, desde o rock que meu pai ouvia (Scorpions, Queen, RHCP etc.) até os CDs pop que tinha dos anos 2000 (faz tempo kkkk).
A15	Comecei a gostar de inglês ainda na infância , sempre gostei de jogos no quais a língua predominante era o inglês.

Fonte – Autobiografias – Anexos 1-15

Ao analisar os discursos dos alunos, pude perceber que eles, desde muito cedo, sentem-se atraídos pela língua inglesa. Tal afirmação pode ser percebida nos trechos dos discursos dos alunos A5, A7, A9 e A15, respectivamente, ao lembrarem que “Meu interesse pela língua inglesa começou quando eu tinha quatorze (14) anos”, “aos 11 anos entrei para o fundamental das séries finais e foi na aula de um professor de inglês [...] que o interesse pela língua inglesa surgiu”, “Aos 11 anos entrei no ensino fundamental II e foi aí que começou meu real contato com o inglês” e “Comecei a gostar de inglês ainda na infância”. Esses discursos sinalizam, portanto, que os alunos escolheram a profissão por gostarem da língua inglesa, bem como por, desde a infância, sentirem prazer em aprendê-la, o que, conseqüentemente, ocasionou suas escolhas profissionais.

Além da fascinação pela língua, a escolha pelo curso foi motivada, também, por admiração aos professores de língua inglesa que os alunos tiveram na educação básica e/ou suas metodologias de ensino. Isso pode ser observado no discurso do aluno A7 quando afirma que “foi na aula de um professor de inglês [...] que o interesse pela língua inglesa surgiu”. Esse fato também foi constatado nas entrevistas coletivas quando

os alunos relataram com entusiasmo as boas experiências que tiveram com alguns professores de inglês na educação básica. Além disso, nos questionários⁶² aplicados aos alunos no início da pesquisa, foi possível confirmar a admiração deles pelos seus professores. Vejamos alguns excertos extraídos dos questionários dos alunos:

Quadro 12- Interesse pela Língua Inglesa

Aluno	Como se interessou por estudar língua inglesa?
A7	Observando os professores de inglês lecionando e muitos deles sentiam prazer naquilo que faziam.
A15	Na escola as aulas de inglês me motivaram bastante e por ser gamer me tornei fã da língua.
A18	A partir de uma professora do ensino médio.
A20	Pelas aulas que tive no ensino médio.

Fonte – questionários dos alunos – Anexos 16-33

Conforme pode ser observado nos excertos anteriores, embora os alunos tenham relatado fracasso no ensino-aprendizagem de inglês na educação básica, de certo modo, a maioria deles se inspirou em seus professores na escolha profissional. Essa informação permite-me inferir que o ensino de inglês não foi, de modo geral, um fracasso para eles.

Percebo, ainda, por meio dos relatos, que alguns alunos se inspiram em seus professores da universidade. Isto pode ser confirmado com base no trecho seguinte da autobiografia do aluno A7:

Quadro 13- Motivação Profissional

Aluno	Excerto da autobiografia
A7	Tenho isso como uma forma de superação e motivação, algo também que me motiva é o fato de hoje uma professora minha e bastante competente ter sido fruto da mesma universidade que estou e isso é mais uma forma de mostrar que podemos ir além do que a sociedade impõe que sejamos, não tendo que limitar-se a nada. Never say never.

Fonte – Autobiografia – Anexos 1-15

Pude constatar durante as aulas, que o aluno A7 se referia a mim, - quando afirma que se sente motivado a superar as dificuldades no trecho “hoje uma professora minha e bastante competente ter sido fruto da mesma universidade que estou”, - ao ser lembrada pelo próprio aluno de que, no primeiro dia de aula na universidade, contei-

⁶² Dos 20 alunos pesquisados 19 responderam ao primeiro questionário.

lhes sobre a minha formação, bem como relatei ter vindo de escola pública e estudado na mesma universidade em que hoje trabalho. Além disso, notei que sou/serei inspiração para alguns alunos ao ler o seguinte excerto do aluno A1:

Quadro 14 - Inspiração Profissional

Aluno	Excerto da autobiografia
A1	No começo eu não tinha nem um professor que me inspirasse apesar de ter tido professores muito bem capacitados mais hoje eu tenho essa mulher que me fez ter mais certeza do que eu quero desde a primeira aula que tivemos foi ali que eu soube e pensei um dia eu quero ser como ela e hoje é nela que eu me espelho. Obrigado Joyce por ter me feito reforçar tudo aquilo que eu já tinha certeza pra minha vida.

Fonte – Autobiografia – Anexos 1-15

O excerto anterior mostra que o aluno A1 aprova e certifica de que adotará a mesma metodologia usada pela professora-pesquisadora ao afirmar que “desde a primeira aula que tivemos foi ali que eu soube e pensei um dia eu quero ser como ela e hoje é nela que eu me espelho”. É importante lembrar que o aluno refere-se à metodologia utilizada antes das aulas da coleta, uma vez que as autobiografias foram solicitadas no início da pesquisa. Tal afirmação reforça a responsabilidade do professor-formador que além de ensinar os conteúdos e habilidades, promover a criticidade e autonomia, formar cidadãos conscientes do seu papel na sociedade, deve adotar e ensinar a utilizar metodologias inovadoras que promovam a aprendizagem significativa, isto é, aprendizagem prática que deverá ser utilizada no cotidiano do futuro professor.

Desta forma, enquanto professora, pesquisadora e formadora me é dada uma tripla missão: (1) ensinar língua inglesa por meio da (2) utilização de métodos de ensino eficazes e, ao mesmo tempo, (3) conscientizar os alunos de sua função social. Além disso, o professor-formador é encarregado de motivar os alunos, futuros professores, que chegam à universidade desmotivados e descrentes da aprendizagem de inglês no ensino público, conforme foi constatado por meio das entrevistas coletivas e das autobiografias.

4.3 Relação entre Língua Inglesa e Tecnologias

Outro aspecto relevante para essa pesquisa, presente nos discursos dos alunos, foi a relação entre a língua inglesa e as tecnologias. Vejamos o que os alunos escreveram a esse respeito no quadro a seguir:

Quadro 15 - Influência da TIC no Processo de Ensino-Aprendizagem

Aluno	Excertos das autobiografias
A5	Meu interesse pela língua inglesa começou quando eu tinha quatorze (14) anos quando estava cursando o 2º ano do ensino médio, por causa de um clipe musical (Not This Time) do meu ídolo (Gusttavo Lima), fiquei curiosa para saber o que a letra da música dizia, e fui ficando cada vez mais fascinada pelo inglês.
A6	Foram músicas, filmes e jogos que despertaram em mim uma enorme curiosidade e uma grande vontade de aprender e falar Inglês fluente.
A7	Aos 11 anos entrei para o fundamental das séries finais (do 6º ao 9º) e foi na aula de um professor de inglês, cujo havia cursado graduação na UNEAL-Universidade Estadual de Alagoas, que o interesse pela língua inglesa surgiu , ele havia levado um plano de aula baseado na música “Dust in the Wind”-scorpions e achei muito interessante o fato de aprender cantando , de poder cantar em aulas, já que na época era proibido os celulares ou fones de ouvido durante as aulas, e isso foi uma forma de quebrar esse tabu e mostrar que o uso das TICS em sala de aula é bastante atrativo para o aluno , principalmente alunos como eu, que sou apaixonada por música.
A9	Aos 11 anos entrei no ensino fundamental II e foi aí que começou meu real contato com o inglês, minha maior influencia para gostar do inglês são as músicas , desde o rock que meu pai ouvia (Scorpions, Queen, RHCP etc.) até os CDs pop que tinha dos anos 2000 (faz tempo kkkk).
A10	Logo no primeiro ano, fiz amizade com um menino que entendia muito de inglês. Confesso que fiquei com um pouco de inveja, pois sempre gostei da cultura norte-americana, mas nem sabia sequer o idioma da mesma. Passei então a estudar na internet, entre blogs e fóruns sobre a língua inglesa.
A11	Porém uma metodologia de ensino adotada por esse professor, eu achava válida e me ajudou a não passar o Ensino Médio em branco, sempre que possível ele trazia violão e nos apresentava músicas na sala de aula. Acho que essa minha dificuldade, juntamente pela admiração pela língua e cultura Inglesa, despertaram meu interesse pelo curso e querer me tornar um professor de Inglês.
A15	Comecei a gostar de inglês ainda na infância, sempre gostei de jogos no quais a língua predominante era o inglês.

Fonte – Autobiografias – Anexos 1-15

Percebi, no quadro 04, que todos os alunos mencionam metodologias de aprendizagem que utilizam algum tipo de tecnologia. Por exemplo, A7 afirma que

“músicas, vídeos e jogos” despertam-lhe o interesse. A10 acredita que “estudar na internet, entre blogs e fóruns sobre a língua inglesa” é uma boa forma de aprender a língua alvo. Ainda, A15 confessa: “sempre gostei de jogos no quais a língua predominante era o inglês”. Os demais alunos relatam que as músicas foram/são essenciais para despertar o interesse em aprender inglês. Por fim, o aluno A7 conclui que “o uso das TIC em sala de aula é bastante atrativo para o aluno”.

Ao analisar os questionários dos alunos, percebi que a ideia de trabalhar com tecnologias na sala de aula, adotada nesta pesquisa, além de despertar o interesse do aluno ao levar para sala de aula atividades mais atrativas, possibilita uma aprendizagem significativa, ao relacionar o conteúdo com aspectos do cotidiano dos alunos por meio de discussões sobre temas socialmente relevantes. Os alunos A7, A11 e A16 confirmam esse pensamento nos seguintes excertos extraído do questionário:

Quadro 16 - Relação entre Língua Inglesa e Tecnologia

Aluno	Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua inglesa e as TIC?
A7	Sim, com as tecnologias hoje em dia basta ter força de vontade que você consegue aprender o inglês. Com as TIC podemos realmente ouvir “conviver” com o real idioma e isso facilita e muito o aprendizado.
A11	Sim, existe uma relação elementar, para uma aula menos tediosa e um melhor entendimento.
A16	Sim, uma aula de língua inglesa sem as TIC é apenas uma aula comum de gramática. Para aprender a língua as TIC auxiliam bastante.

Fonte: Questionário 1 – Anexos 16-33

O aluno A7 demonstra convicção de que só é preciso “força de vontade” para aprender inglês, pois, segundo ele, as TIC proporcionam um contato real com a língua-alvo. Da mesma forma, o aluno A16 defende a necessidade de utilizar as TIC nas aulas de inglês ao afirmar que “sem as TIC é apenas uma aula comum de gramática”. Embora seja possível uma aula comum de gramática com as TIC, o aluno parece relacionar o uso das TIC com uma aula diferenciada, na qual ele terá um contato maior com a língua viva.

De maneira análoga, o aluno A11 reforça o raciocínio dos demais colegas citados anteriormente e argumenta relacionando o uso das TIC com “uma aula menos tediosa” para uma aprendizagem mais efetiva. Por exemplo, alguns alunos, na tabela 10, citaram o ensino do verbo *to be* relacionando-o a aulas tediosas. Isso não quer dizer que o professor não deva ensinar o verbo *to be*, mas sim que ele o ensine de forma

significativa e contextualizada, de modo que o aluno compreenda na prática o conteúdo estudado. Nesse sentido, apesar de concordar com o aluno A16, segundo o qual as TIC auxiliam na aprendizagem de uma língua, discordo que “uma aula de língua inglesa sem as TIC é apenas uma aula comum de gramática”, uma vez que é possível trabalhar outras habilidades sem o uso das TIC, não necessariamente ensinando a gramática estrutural.

Em relação aos dois tipos de gramática: estrutural e funcional, percebe-se que o ensino da gramática estrutural, a qual tem como base a estrutura e a forma da linguagem, é o tipo de aula que os alunos costumam rejeitar. Já o ensino da gramática funcional, sugestão dada anteriormente para uma aula mais significativa e menos tediosa, “analisa o idioma em função do modo como é usado, e não por sua estrutura” (HOLDEN, 2009, p.113).

Destarte, é preciso, também, que a escola enxergue o aluno como o nativo digital que é e potencialize sua capacidade de utilizar as tecnologias otimizando, assim, as aulas de inglês. Para Cope e Kalantzis (2007 *apud* TANZI NETO et al., 2013) é preciso que os professores, por meio do uso das tecnologias, tornem-se produtores de conhecimento e promovam uma aprendizagem colaborativa, de modo a levar os alunos a se tornarem produtores de conhecimento também, e não apenas consumidores. (COPE e KALANTZIS, 2007 *apud* TANZI NETO et al., 2013) Eles sugerem, ainda, que

Frente às novas formas de aprendizagem e, conseqüentemente, novas possibilidades de ensino contemporâneas, que se busque formular uma pedagogia para os multiletramentos, levando em conta ações pedagógicas específicas que valorizem todas as formas de linguagem (verbal e não verbal), cujo foco deve ser o aprendiz, que passa a ser o protagonista nesse processo dinâmico de transformação e de produção de conhecimento e não mais um simples reproduzidor de saberes (COPE e KALANTZIS, 2008a *apud* TANZI NETO et. al, 2013, p.138).

Nessa perspectiva, procurei elaborar o plano de aula com base nas informações que os alunos apresentaram nas autobiografias, questionário e entrevista coletiva. Para complementar essas informações, perguntei no questionário inicial, o que os alunos esperavam de uma boa aula de inglês, pois acreditei que essas informações me seriam úteis na elaboração dos planos de aula. As respostas em comum entre os alunos que mais me chamaram atenção podem ser vistas a seguir:

Quadro 17 - Aula de Inglês

Aluno	O que você espera de uma boa aula de Inglês?
A1	Além de muita diversão com a língua me refiro a música, posso também citar um professor(a) que se comunique com os alunos, mas disso não posso reclamar pois a Joyce é ótima.
A3	Dinâmica e interação, para que o interesse em aprender aflore e seja empolgante a aprendizagem de uma língua nova.
A5	Interatividade, novidades e aprender mais.
A8	Interação, participação e professores que dominem o conteúdo.
A11	Acho que uma boa e interessante aula de língua inglesa deve haver uma mescla entre tecnologia e gramática, tendo interação de todos os alunos.
A14	Que eu possa interagir bem com os conteúdos da matéria e possa alcançar o meu objetivo de sair falando inglês fluentemente.
A15	Interação, métodos que facilitem o aprendizado, dinâmicas, muita música, e coisas da atualidade.
A16	Aula dinâmica, com diálogos.
A17	Interatividade e dinamismo para que meus colegas aprendam com mais facilidade.
A20	Que não seja apenas livro e quadro, mas que aja (sic) dinâmicas que possa proporcionar o desejo de aprender mais e mais.

Fonte: Questionários dos alunos – Anexos 16-33

Ao analisar os discursos dos alunos, não pude deixar de notar que duas palavras foram mencionadas várias vezes. A palavra interação⁶³ foi citada sete vezes pelos alunos e a palavra dinâmica cinco vezes. Não é minha intenção, aqui, fazer uma análise quantitativa, mas me parece fundamental considerar que a recorrência a estas duas palavras tem um significado importante para esta pesquisa, principalmente porque me respaldo nas representações dos alunos para elaborar as aulas.

De acordo com o dicionário Aurélio⁶⁴, interação significa o fenômeno que permite a certo número de indivíduos constituírem-se em grupo, e que consiste no fato de que o comportamento de cada indivíduo se torna estímulo para outro. Recorro, portanto, à noção de interação verbal, presente na teoria de Bakhtin/Volochinov (2010), que se estabelece a partir das situações enunciativas constituídas por dois ou mais indivíduos socialmente organizados. A interação social está presente em todas as esferas e manifestações da atividade humana em relação ao outro e fundamenta-se na enunciação. Desse modo:

⁶³ As palavras interagir e interatividade também foram citadas pelos alunos, ambas estão inclusas nessa contagem por conter o mesmo significado de interação, nesse contexto.

⁶⁴ Esta definição foi retirada do sítio eletrônico Dicionário Aurélio, disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/interacao>. Acesso em 25/01/2017.

a enunciação enquanto tal é um produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições da vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 121).

Nesse sentido, é por meio da relação com o outro, da interação entre os interlocutores, da elaboração do discurso e da compreensão ativa e responsiva que a língua se estabelece e produz os efeitos de sentido. Entendo, portanto, que os alunos desejam ter aulas comunicativas por meio da interação com os interlocutores.

Já a palavra dinâmica é entendida, nesse contexto, como a utilização de atividades que envolvam e motivem os alunos a aprenderem de forma prazerosa. Em outras palavras, significa fugir de aulas tradicionais, como foi mencionado nas entrevistas coletivas. Além disso, essas atividades devem ser capazes de estimular a reflexão sobre assuntos do cotidiano dos alunos.

Nesse sentido, a análise dos instrumentos de coleta apresentados até o momento foi fundamental para compreender as representações e necessidades de cada aluno, bem como foi determinante para os encaminhamentos futuros, como por exemplo, a elaboração das aulas, conforme apresento na seção seguinte.

4.4 Análise do Plano de aula – Homofobia

Diante do que foi analisado até o momento, ficou claro que investir em novas práticas de ensino na formação inicial dos professores pode contribuir significativamente para que mudanças relevantes ocorram nas aulas de língua inglesa, tanto na universidade, como, conseqüentemente, nas escolas onde os alunos, futuros professores, irão atuar.

Para que as práticas de ensino deem resultados significativos, é preciso desenvolver um planejamento voltado ao público-alvo e aos objetivos que se buscam alcançar. A esse respeito, Moretto (2007) responde que

A questão porque planejar parece ter resposta óbvia; planeja-se porque “não há ventos favoráveis para quem não sabe para onde navega”. Na prática, no entanto a questão do planejamento no contexto escolar não parece ter a importância que deveria ter. Há quem pense que tudo já está planejado nos livros-texto ou nos materiais adotados como apoio ao professor. Há, ainda, quem pense que sua experiência como professora seja suficiente para ministrar suas aulas com eficiência (MORETTO, 2007, p. 100).

Isto posto, o plano de aula que desenvolvi foi elaborado com base nas informações apresentadas pelos alunos e analisadas até o momento. Assim, a proposta defendida aqui envolve a tríade: ensino de língua inglesa, tecnologias e letramentos digitais, de modo que prevê a incorporação efetiva das TIC nos modos atuais de usar a leitura e a escrita, nos quais a língua estará presente durante todo tempo. Vale, ainda, ressaltar que esse trabalho deve ocorrer de modo a destacar a importância de discutir questões de relevância social e cultural para o desenvolvimento de práticas letradas e do senso de criticidade.

Com base nisso, o primeiro tema escolhido pelos alunos na enquete disponível no grupo do *Facebook* foi homofobia. Ao propor os temas no grupo, corri o risco de provocar desconforto nos alunos ao abordar temas polêmicos. Apesar disso, decidi discuti-los, pois, a meu ver, são extremamente importantes para o crescimento pessoal e profissional de todos os envolvidos na pesquisa. Além disso, ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação (FREIRE, 1996). As demais informações básicas do plano de aula⁶⁵ podem ser vistas a seguir:

Figura 4 - Plano de Aula 1

	
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL – CAMPUS III – PALMEIRA DOS ÍNDIOS – LETRAS/ INGLÊS	
PROFESSOR: JOYCE RODRIGUES DA SILVA MAGALHÃES	
PLANO DE AULA 1	
ASSUNTO: HOMOFOBIA	
Duração da aula: 120 a 150 min	Turma: 2º período de Letras - Inglês
Data: 02 de outubro de 2015	Disciplina: Língua Inglesa I

Fonte: Plano de aula 1 – Apêndice D

A figura a seguir apresenta os objetivos geral e específicos do plano de aula:

Figura 5 - Objetivos do Plano de Aula

⁶⁵ O plano de aula na íntegra se encontra no Apêndice D.

Objetivo geral:

Refletir e discutir sobre o tema homofobia em língua Inglesa através da inserção de TIC na sala de aula.

Objetivos de aprendizagem:

- Promover uma reflexão crítica sobre homofobia através dos recursos disponíveis e da interação entre os alunos;
- Encorajar os alunos a utilizarem a língua inglesa para exporem suas opiniões;
- Disponibilizar acesso ao vocabulário, pronúncia e gramática de forma contextualizada através de vídeos e músicas ;
- Despertar o interesse em utilizar TIC com vistas ao desenvolvimento do letramento digital.

Fonte: Plano de aula 1 – Apêndice D

Já no objetivo geral é perceptível a proposta da pesquisa ao relacionar língua, tecnologia e letramentos digitais. Ao propor uma reflexão e discussão sobre o tema abordado por meio das tecnologias, busco promover a compreensão dos conhecimentos em suas várias faces perante a sociedade para uma possível transformação. Nessa perspectiva, corroboro com a visão de Vasconcellos (2006) quando afirma que a reflexão é uma mediação no processo de transformação. O autor acrescenta, ainda, que “para quem deseja a mudança resta, pois, a possibilidade de interagir com a intencionalidade dos sujeitos, favorecer a interação entre eles, de forma que possam ter uma ação pautada numa nova concepção (VASCONCELLOS, 2006, p.11)”.

Ainda sobre isso, Freire (1996, p. 45) ressalta que, “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. É nesse sentido que esse estudo se fundamenta, isto é, na reflexão crítica sobre a ação, para melhorar a ação seguinte.

Os objetivos de aprendizagem também mostram, claramente, a tríade proposta neste trabalho. O primeiro objetivo é promover uma “reflexão crítica sobre homofobia”. Para isso, farei uso das tecnologias para despertar a curiosidade dos alunos sobre o tema e de atividades interativas, como debates, por exemplo. A curiosidade, por sua vez, é um ato inicial de transcendência do contexto em que estamos inseridos e, por isso, despertá-la traz consigo o surgimento de novas perspectivas e possibilidades. Para reforçar a importância de despertar a curiosidade dos alunos para o desenvolvimento da criticidade e autonomia como antídoto contra a alienação irracional, cito Freire (1996):

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o

desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que podemos nos defender de “irracionalismos” decorrentes ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado. E não vai nesta consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas de outro a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa (FREIRE, 1996, p.15).

O segundo objetivo específico “é encorajar os alunos a utilizarem a língua para exporem suas opiniões”. O verbo “encorajar” foi utilizado porque os alunos precisam de um estímulo para utilizar a língua alvo, pois devido à timidez percebida em aulas anteriores, não é tarefa fácil tê-los expressando suas opiniões em inglês uma vez que se trata da disciplina Inglês I, na qual o nível de inglês da maioria dos alunos ainda é básico.

No terceiro objetivo, destaco a palavra “contextualizada” no que concerne ao ensino do vocabulário, pronúncia e gramática. Quando se ensina língua, é preciso ir além da proposta de memorização de listas de palavras para aprender o vocabulário novo e/ou uma série de regras gramaticais. É nesse sentido que a contextualização do ensino se torna fundamental, pois ela permite ao aluno perceber que o conhecimento está próximo dele, nas ações do dia a dia, e permita que ele reconheça a funcionalidade do que foi aprendido em sala de aula em suas práticas diárias. Dessa forma, é preciso que o professor busque relacionar o conhecimento e a vida social dos alunos por meio de atividades que despertem o interesse deles.

O último objetivo consiste em “despertar o interesse dos alunos em utilizarem as TIC com vistas ao desenvolvimento dos letramentos digitais”. É sabido que os alunos já utilizam tecnologias no seu dia-a-dia. Entretanto, é preciso, pois, que eles vejam o potencial educacional que as TIC têm e que façam uso dessas ferramentas de estudo dentro e fora da escola. Se para alunos, despertar para essa realidade já é importante, para futuros professores esse conhecimento torna-se fundamental.

A figura seguinte apresenta a previsão das dificuldades que, provavelmente, os alunos terão nas aulas de inglês.

Figura 6- Previsão das Dificuldades

Previsão de dificuldades:

- Como se trata de uma turma de nível iniciante, talvez os alunos tenham dificuldades em se comunicar em língua Inglesa. Assim, sempre que os alunos não puderem explicar sua ideias na língua alvo, eles poderão utilizar a língua materna.

Todo professor precisa ter a sensibilidade para identificar as limitações dos seus alunos ao executar quaisquer atividades e procurar a melhor forma para contornar a situação. Nesse caso, a proposta era de uma aula baseada na abordagem comunicativa, mas como já havia sido identificado que os alunos dessa turma têm níveis de inglês diferenciados, foi dada a oportunidade de se comunicarem em português para que não houvesse exclusão nas discussões e interações.

A figura que segue relata os procedimentos metodológicos traçados para a aula sobre homofobia.

Figura 7- Procedimentos Metodológicos

Warm-up: Introdução do tema através de apresentação das imagens de três artistas famosos no projetor, questionando-os sobre quais semelhanças existem entre eles. Continuar com a imagem "I'm not homophobic but...". Pedir para que os alunos completem a frase com o que eles costumam ouvir. Se possível, em Inglês.

Procedimentos:

1. Mostrar um vídeo aos alunos intitulado "Imagine A World Where Being 'Gay' The Norm & Being 'Straight' Would Be The Minority! [Short Film];
2. Pedir aos alunos para responderem perguntas sobre o vídeo em grupo, se preciso, utilizar o celular para auxiliá-los na escrita em inglês.
3. Promover um debate em grupos sobre o tema abordado no vídeo, encorajando os alunos a falarem em Inglês: Ex: I think...; In my opinion...; If I were...;
4. Falar sobre a história da música "I kissed a girl" de Katy Perry, tocar e pedir para os alunos responderem uma atividade sobre vocabulário e tradução;
5. Encorajar os alunos a refletirem e discutirem sobre o tema abordado na música.

Homework:

6. Mostrar alguns memes contra homofobia, inclusive um pessoal, e pedir para que eles criem memes com suas fotos e postem no grupo do Facebook.

Fonte: Plano de aula 1 – Apêndice D

A proposta inicial foi apresentar fotos de três artistas homossexuais e perguntar aos alunos o que eles teriam em comum. O objetivo dessa atividade foi inserir o tema a partir das representações dos alunos sobre o quão importante para eles é a opção sexual dos artistas, a depender das respostas que eles irão dar.

Em seguida pretendi apresentar um meme⁶⁶ como a frase "I'm not homophobic but..." para que os alunos, primeiramente, tentassem estruturar frases simples em inglês,

⁶⁶ O conceito de "meme" teria sido criado pelo escritor Richard Dawkins, em 1976, quando escreveu no livro "The Selfish Gene" (O Gene Egoísta) que, segundo o autor, assim como o gene, o meme é uma unidade de informação capaz de se multiplicar entre os indivíduos, através de ideias e informações.

em seguida, refletissem sobre as “justificativas” que as pessoas costumam dar para convencer outras pessoas de que não são homofóbicas.

Os passos seguintes foram baseados em um *short film* que apresenta uma história inversa à realidade que vivemos. Nesse vídeo, todos são homossexuais, com exceção de uma garota que se apaixona por um colega na escola e é perseguida, agredida verbal e fisicamente por sua condição e chega a cometer suicídio. A meu ver, a utilização do filme na sala de aula causa estranhamento em relação aos valores e provoca uma reflexão sobre os papéis instituídos historicamente na sociedade. Essa foi a minha intenção: problematizar e promover um debate sobre o tema para que os alunos reflitam criticamente e produzam sentido na aprendizagem da língua.

No plano de aula, propus, então, que os alunos reúnam-se em grupos de quatro e respondam à perguntas sobre o vídeo. Em seguida, realizei um debate com todos os alunos. Meu objetivo foi que os alunos compartilhassem suas opiniões e ideias sobre o tema. Antes disso, expliquei algumas formas de apresentar suas opiniões em inglês.

Em seguida, levei a música “I kissed a girl” da Katy Perry, pois além de ser um *hit*, a música está diretamente relacionada ao tema em discussão. Após passar o clipe da música, e antes de promover uma discussão sobre os significados dela, levei uma atividade “fill in the blanks” e tradução.

Por fim, o *homework* surgiu como uma proposta de extensão da aula para o grupo nas redes sociais. Apresentei um meme que criei com dois amigos homossexuais que diz “All we need is love. Stop Homophobia”. Esse meme serviu de inspiração para que os alunos criem seus próprios memes contra a homofobia e postarem no grupo do *Facebook*.

Creio que esse planejamento envolveu os três pilares da pesquisa e trouxe à tona um tema que precisa ser refletido e discutido na escola a fim promover uma reflexão crítica sobre a importância do respeito ao próximo.

CAPÍTULO V

5 REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO CRÍTICO-REFLEXIVO DO ALUNO EM SALA DE AULA

Este capítulo visa a analisar e interpretar os dados coletados durante as aulas, incluindo as atividades propostas, as gravações das aulas e os diários reflexivos da professora-pesquisadora e dos alunos. O objetivo dessa análise é refletir sobre as implicações da aplicação das atividades e o desenvolvimento dos letramentos digitais na sala de aula. Para esta análise, farei uso das informações coletadas durante a primeira aula sobre homofobia, dando continuidade ao mesmo tema da análise do capítulo anterior.

Na primeira aula, dos vinte alunos, participantes da pesquisa, apenas 12 compareceram. As aulas seguintes também não contaram com a presença de todos os alunos, de modo que o número máximo de alunos presentes em uma aula foi 16. A justificativa dada pelos alunos, para tantas ausências, era a de que o horário da aula, sexta à noite, não era favorável devido à proximidade com o final de semana e os eventos na cidade. De modo geral, nesses dias e horário, a universidade contava com um número reduzido de alunos.

Primeiramente, ao iniciar a aula, solicitei que os alunos sentassem em um semicírculo, como pode ser percebido no excerto do diário seguinte:

*Diário 2 da professora-pesquisadora⁶⁷ - A aula iniciou-se às 19:30 com 12 alunos em sala. A disposição das cadeiras na sala é em formato de dois semicírculos, um dentro do outro, e a maioria dos alunos estava de um lado da sala uns atrás dos outros. Pedi para que eles ficassem no **semicírculo**⁶⁸ menor uns em frente aos outros, para que se vissem e a **interação** fosse mais efetiva.*

A disposição das cadeiras em sala de aula pode parecer um detalhe, mas ela pode influenciar muito no processo de ensino-aprendizagem. Por exemplo, a disposição das cadeiras em semicírculo ou círculo proporciona uma maior aproximação entre os alunos e entre a professora, na medida em que facilita a interação dos participantes por meio da

⁶⁷ Apêndice D, p.129.

⁶⁸ Pedi para que ficassem em semicírculo e não em círculo (a meu ver, seria mais adequado) porque era necessário um espaço para assistirem ao projetor.

possibilidade de veem e ouvirem uns aos outros, conforme destacam Teixeira e Reis (2012, p.171) “já que cada lugar está igualmente disposto em relação ao outro: as pessoas estão num mesmo patamar, voltadas para o centro do círculo, podendo olhar e dirigir-se a qualquer outra, sem qualquer dificuldade”. Desse modo, os meus objetivos com o semicírculo, conforme pode ser observado no excerto anterior do diário, foram desconstruir a ideia tradicional de aprendizagem e proporcionar um ambiente mais propício para as discussões. Isso porque o círculo proporcionou que a figura da professora deixasse de ser vista como a detentora do saber e os alunos se sentissem mais à vontade para expor suas ideias a respeito do tema, conforme orientam algumas teorias pedagógicas contemporâneas já discutidas nesse trabalho.

Conforme as ideias de vários linguistas de que os alunos aprendem a falar na segunda língua através da interação (KAYI, 2006), as aulas foram desenvolvidas baseadas no ensino comunicativo e na aprendizagem colaborativa. Para Kayi (2006), o ensino comunicativo fundamenta-se em situações reais que requerem comunicação, nas quais os alunos terão a oportunidade de se comunicar na língua alvo. Desse modo, o professor deve criar um ambiente em sala de aula capaz de promover uma comunicação real, bem como atividades autênticas e significativas entre os alunos. Isso pode ocorrer quando os alunos trabalham colaborativamente em grupo para alcançar um objetivo.

Desse modo, a aula foi desenvolvida em língua inglesa, de maneira que apenas em alguns momentos recorri ao uso de mímicas ou, em último caso, à tradução, para que todos os alunos pudessem compreender de forma efetiva. A primeira atividade proposta foi mostrar aos alunos no projetor três fotos de artistas famosos e perguntar-lhes o que eles tinham em comum. As imagens foram as seguintes:

What do they have in common?



O meu objetivo com essa atividade foi problematizar, no sentido de fazer os alunos refletirem sobre o quanto a sexualidade das pessoas é considerada fator classificatório na sociedade. O excerto seguinte do diário mostra como a atividade foi desenvolvida:

Diário 2 da professora-pesquisadora - *Assim que eles tomaram suas novas posições, iniciei a aula, falando em Inglês, mostrando-lhes fotos de três artistas famosos no projetor e lhes perguntei seus nomes e profissões, após apresentar as três fotos de Elton Jhon, Jhon Travolta e Ricky Martin, lhes perguntei o que havia em comum entre eles. Rapidamente um aluno levantou a mão e disse “Tudo gay, tudo viado, tudo bicha”⁶⁹, após pedir que ele repetisse, ele se retratou dizendo “**todos homossexuais**”, em seguida eu perguntei se há mais algumas semelhanças entre eles, e os alunos acrescentaram são famosos e bonitos. **Aproveitei o momento para explicar alguns adjetivos sinônimos de bonito usados para homens (handsome, good-looking, attractive, gorgeous)**. Perguntei aos alunos porque eles disseram a primeira característica em comum “Gay” e o mesmo aluno respondeu em Inglês “**It was the first thing I thought**”. Perguntei se a sexualidade das pessoas é importante e ele disse que não.*

Os três artistas apresentados possuem várias características em comum, por exemplo, são homens, famosos, ricos, talentosos etc. No entanto, como mencionei anteriormente, o excerto anterior mostra, por meio da fala do aluno A17 no trecho “It was the first thing I thought”⁷⁰, que, apesar da existência de outras semelhanças entre os artistas, a primeira manifestação do aluno mencionou a sexualidade deles. Isso sinaliza para a importância de se discutir essas questões em sala de aula, pois é corriqueiro que as pessoas rotulem umas as outras pela sua sexualidade na sociedade atual. Além disso, o aluno utiliza termos pejorativos para classificar os artistas, tais quais “Tudo gay, tudo viado, tudo bicha”, o que, de certa forma, demonstra uma carga negativa que reflete sentidos de desaprovação de ordem psicológica e social.

A problematização que provoquei no excerto anterior, por meio dos questionamentos realizados, quando “perguntei aos alunos porque eles disseram a primeira característica em comum ‘Gay’ e o mesmo aluno respondeu em Inglês ‘It was the first thing I thought’”. e “perguntei se a sexualidade das pessoas é importante e ele disse que não”, creio que possivelmente isso motivou o aluno A17 a refletir sobre sua

⁶⁹ Grifos meus.

⁷⁰ Tradução: “essa foi a primeira coisa que eu pensei”.

própria ação, conforme pode ser observado do trecho seguinte do diário do referido aluno:

Diário do aluno A17⁷¹ – *Achei que nunca iria discutir sobre esse tema em sala de aula de uma forma tão aberta e dinâmica. Nessa aula eu aprendi que **tenho que rever alguns (Pré-conceitos)** sobre o que eu sou, talvez ser mais **tolerante** com a opinião dos outros, que eventualmente não concordam com meu ponto de vista. Além disso, eu reforcei várias ideias e tive a oportunidade de transmiti-las para os meus colegas. Em poucas palavras, foi F***⁷²!!!*

O trecho “tenho que rever alguns (Pré-conceitos) sobre o que eu sou” infere que as discussões realizadas durante a aula fizeram o aluno refletir sobre sua própria representação em relação ao tema discutido e os seus posicionamentos. Esse é o princípio do processo de “desaprendizagem”, que deve se tornar um exercício constante por meio de práticas problematizadoras como essa. Na linguística aplicada, essas práticas permitem a assunção aberta de escolhas ideológicas, políticas e éticas, além de possibilitar um reexame e estranhamento contínuos (FABRÍCIO, 2006), conforme foi discutido na metodologia desse trabalho.

Ainda, de acordo com Fabrício (2006, p.51), esse exercício permanente impossibilita a produção de “calcificações, engessamentos ou certezas” e oportuniza constantes deslocamentos que movimentam o ângulo de observação do centro para a “as franjas do sistema globalizado”, periferias, classes subalternas ou inferiores (em relação à sexualidade, à raça, à classe social, etc.), entre outros. A autora (2006) informa que trabalhos recentes em linguística aplicada sobre gênero, raça e sexualidade têm possibilitado que a abordagem teórica “navegue por novos mares”.

O “mar” da tolerância é, possivelmente, um dos rumos que essa pesquisa tomou, pois, além da autorreflexão sobre “Pré-conceito”, o aluno A17 aponta para uma possível ação, ao apontar a necessidade de “talvez ser mais tolerante com a opinião dos outros”. Nesse sentido, Freire (1995) apresenta dois tipos de tolerância. A primeira, trata-se de uma condescendência do tolerante para com o tolerado, como se o primeiro estivesse fazendo um favor ao segundo. Já o segundo tipo de tolerância, trata-se de uma virtude

⁷¹ ANEXO 39

⁷² Palavra alterada.

da convivência humana. Em outras palavras, a qualidade de conviver com o diferente, e não com o inferior. Creio, portanto, ser a tolerância genuína a que o aluno se refere:

O que a tolerância autêntica demanda de mim é que *respeite* o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opiniões, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por me ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente (FREIRE, 1995, p26).

É nessa perspectiva de aprendizagem com o diferente, com o embate de ideias que as atividades em sala de aula foram desenvolvidas, a começar pelo vídeo apresentado. Tratou-se de um *short filme*⁷³ com duração de 20 minutos sobre homofobia chamado “*Imagine A World Where Being 'Gay' The Norm & Being 'Straight' Would Be The Minority!*”⁷⁴. Após assistirem ao vídeo, pedi para que eles formassem grupos de 4 alunos. Assim, foram formados 3 grupos de 4 alunos. Para cada grupo foi dado um questionário⁷⁵ contendo 6 perguntas sobre o filme. Li todas elas e me certifiquei do entendimento de todas as perguntas e, em seguida, pedi que discutissem sobre elas. Durante as discussões, acompanhei cada grupo, problematizando e provocando as discussões⁷⁶. Após discutirem em grupos, todos os alunos compartilhariam as ideias discutidas nos grupos com toda a turma.

A escolha pelas discussões em grupos buscou proporcionar a interação dos participantes, tema já discutido no capítulo anterior, e está embasada na perspectiva freiriana de que

o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos [...] Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. (FREIRE, 1985, p.45)

Nessa perspectiva, as discussões seguiram em grupos. Em um dos grupos, presenciei os depoimentos de dois alunos homossexuais, A10 e A17, falando sobre suas histórias e relacionando-as com o vídeo que assistiram:

⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CnOJgDW0gPI>

⁷⁴ Tradução: “Imagine um mundo onde ser ‘gay’ é normal e ser ‘hétero’ seria minoria”.

⁷⁵ What most caught your attention in the video? What would you do if you were Ashley/ Ashley’s parentes/Ian/Ashley’s classmates? Do you agree with the parents/children/Ian behavior? Why? How do you relate the video with real life? What’s your opinion about homophobia? Has the video changed your point of view about homophobia?

Transcrição da discussão do A17 – *Eu me lembrei de quando eu era criança. Assim... Todo mundo olhava pra mim com olhar estranho, sabe? falavam com minha mãe: Esse menino é meio “afeminado” (gesto de aspas). Né?! Eu nem sabia o que era isso (risos). Desde que eu me conheço por gente que eu era excluído.*

Transcrição da discussão do A10 – *Ah! Comigo também foi assim... Eu era o estranho da minha família. Aí eu me vi na história daquela menina [protagonista do vídeo]. Só desse jeito, se colocando no lugar do outro pra ver como a gente sofre.*

O trecho desse diálogo traz algumas implicações sobre a importância de desenvolver trabalhos dessa ordem. Primeiro, no que diz respeito à relevância do tema. Isso porque ao sugerir os temas e destacar que seriam temas socialmente relevantes, referia-me a temas que, de algum modo, permeassem o universo dos participantes da pesquisa. Além disso, esse diálogo mostra o quanto presente a homofobia está na vida desses alunos, como visto nos termos “afeminado”, “excluído”, “estranho” e “a gente sofre” destacados pelos alunos A17 e A10, respectivamente. Assim, é preciso que, antes de buscar desenvolver a criticidade nos alunos, o professor reflita criticamente sobre suas escolhas didático-metodológicas de modo a relacionar os conteúdos a serem trabalhados de forma contextualizada com a inclusão do aluno no processo de ensino-aprendizagem. Aqui, o sentido de crítico refere-se “a possibilidade de agir (intervir) sobre a realidade problemática de forma responsável e com princípios éticos firmes” (TAVARES; STELLA, 2014, p.85 *apud* PENYCOOK, 1998).

Após vinte minutos de discussões em grupos, pedi para que os alunos retornassem aos seus lugares, formando um só grupo. Em seguida, começamos a discutir sobre as reflexões feitas no grupo menor, como pode ser observado no trecho seguinte do diário:

Diário 2 da professora-pesquisadora - *Esse foi o momento mais importante da aula, onde os alunos externaram suas reflexões sobre o assunto. Deixei claro para os alunos que eles podiam falar em português, se não se sentissem à vontade em falar em Inglês. Comecei fazendo a primeira pergunta do roteiro “What most caught your attention in the video?” e um aluno de cada grupo respondeu pelo grupo todo. Todos disseram que a situação inversa foi o que mais chamou a atenção deles.*

Nesse momento um representante de cada grupo comentou, obviamente com palavras diferentes, que o que mais lhes chamou a atenção foi a quebra dos padrões

sociais a partir da forma como o tema foi apresentado no vídeo. Para Fabrício (2008), explorarmos os espaços marginais e o modo como eles são focalizados permitem a ocorrência do novo e possibilita ao outro aprender a “ver com outros olhos”. A autora (2008, p. 52) completa afirmando que

as opções políticas envolvidas nessa ótica tem implicações para a construção do presente e do futuro sociais possíveis, menos aprisionadores e mais comprometido com a transformação de situações de exclusão social em diversas áreas, causadoras de sofrimento humano (FABRÍCIO, 2008, p 52).

Creio, portanto, que a forma como o tema foi apresentado, até o momento, e a liberdade de discutir abertamente foram fatores essenciais para desenvolver uma empatia nos alunos, reforçada pela autenticidade que a aula ganhou, no que diz respeito ao material⁷⁷ utilizado, ou seja, material “não produzido com o objetivo de ensinar língua” (NASSIM, 2013, p. 56), nesse caso, as imagens, vídeo e música. Além disso, a aula se tornou mais autêntica a partir dos depoimentos de alguns alunos, por meio do compartilhamento de suas experiências, que pode ser observado no excerto seguinte, em que apresento a continuação da discussão dos grupos, dessa vez para a turma inteira, a respeito do vídeo assistido:

P1⁷⁸ – Well...what would you do if you were Ashley?

A17 - Quando você tá na pele da Ashley... tipo... tipo já aconteceu comigo. Eu sou uma Ashley da vida e eu só contei pra os meus pais porque eles me perguntaram, mas se eles nunca tivessem perguntado eu também nunca teria dito.

P1 – Why?

A17 - Por que!?! Por medo! Medo... Medo de não ser aceito. Mais medo de não ser aceito por mim mesmo. Sabe?! Eu mesmo não tinha me aceitado. Eu tinha que me aceitar primeiro.

P1 – Was it hard?

A17 – A lot! Muito difícil! [silêncio]

A10 – Esse é o motivo. Por medo de não ser aceito. E as vezes não é nem só os parentes. É TODO MUNDO MESMO!

A17 – É na escola... Essa coisa de... é só uma fase... só uma fase. Vai passar. É uma fase que ele tá passando. Quando ele crescer vai pegar as meninas. Eu tinha um irmão que também

⁷⁸ Professora-pesquisadora.

era assim. E até eu pensava que era uma fase, mas não é! É assim e tem que ser assim. Tipo...e é normal! [silêncio]

O trecho anterior representa dois fatores relevantes. O primeiro deles diz respeito à autenticidade do tema, evidenciado por meio de exemplos reais de homofobia apresentados pelos alunos A17 e A10. Essa autenticidade presente na aula, seja por meio de materiais externos ou exemplos internos, contribui significativamente para o processo de ensino-aprendizagem de línguas, uma vez que pode possibilitar ao aluno uma exposição a situações reais de uso da língua, bem como a observação da função social e ideológica da língua viva (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006).

O segundo fator é a resposta ao questionamento de Freire (1996, p.15) “por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ com os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como alunos?”. Esse questionamento relaciona-se, diretamente, à iniciativa dos alunos de exporem publicamente suas experiências sociais, possivelmente, provocada por uma liberdade de expressão advinda de um ambiente escolar democrático que respeita o diferente, que desenvolve a tolerância, a ética e autonomia dos alunos.

Embora as discussões tenham trazido muitos consensos, principalmente porque suas consequências acometem alguns alunos da sala, conforme foi apresentado por eles mesmos, também trouxeram discursos controversos que, a meu ver, enriqueceram ainda mais as interações. Veja o diálogo seguinte:

P1 – What would you do if you were Ashley’s parents?

A11 – É como ele falou... Não é fácil para os pais aceitar um filho gay. (Silêncio) Mas tem que tentar aceitar.

P1 – Why is NOT it easy?

A11 – [Silêncio]

A17 – Because... por causa do pré-conceito que vem de lá de trás.

A11 – Mas a sociedade tá começando a aceitar. Né?!

No diálogo anterior, ao questionar o que os alunos fariam se fossem os pais da garota que sofria homofobia na escola, o aluno A11 respondeu que “não é fácil para os pais aceitar um filho gay”. Durante alguns segundos, todos os alunos ficaram em

silêncio, então eu perguntei ao aluno porque não era fácil, e ele ficou em silêncio. Somente depois que o aluno A17 justificou dizendo que era “por causa do pré-conceito que vem de lá de trás”, o aluno A11 mudou o discurso dizendo “mas a sociedade tá começando a aceitar”, de maneira a ignorar o questionamento anterior. Ao que parece, o silêncio do aluno e a mudança de opinião tratam-se de uma fuga do discurso, também observada no silêncio de outros alunos que preferiram não responder ao questionamento.

Desse modo, em se tratando de silenciamento, recorro às reflexões de Orlandi (2002) a respeito dos sentidos do silêncio numa perspectiva discursiva:

Chegamos então a uma hipótese que é extremamente incômoda para os que trabalham com a linguagem: **o silêncio é fundante**⁷⁹. Quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso (ORLANDI, 2002, p. 31).

Dada a importância da significação do silêncio no discurso, a autora (2002) acrescenta que no silenciamento “o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito, ao dizer ele está, necessariamente, não dizendo ‘outros’ sentidos.” (ORLANDI, 2002, p. 54-55). Desse modo, o que os alunos não dizem, no momento em que deveria ser dito, ou seja, no silenciamento, também se constitui significação.

Por outro lado, apesar de se tratar de um discurso verbalizado, os sentidos produzidos pelo trecho do diário seguinte são similares aos do silenciamento:

Diário 2 da professora-pesquisadora - *Uma aluna, que ainda não tinha comentado disse: “eu tenho um vizinho que é homossexual, que batalhou na vida, mas é uma boa pessoa”. No mesmo instante os alunos disseram: “é aí onde está o preconceito, no ‘but’”.*

Conforme discuti anteriormente, os sentidos produzidos no silêncio da aluna A20, à qual me refiro no diário, no trecho “que ainda não tinha comentado” reafirmaram suas representações sobre o tema no trecho “eu tenho um vizinho que é homossexual, que batalhou na vida, mas é uma boa pessoa”. Ao utilizar a conjunção adversativa “mas” a aluna parece inferir que por ser homossexual, seu vizinho, dificilmente, seria

⁷⁹ Grifo da autora.

uma pessoa boa, apesar de também mencionar que ele é um batalhador. O que mais me chamou atenção nessa interação, foi a imediata percepção dos alunos, verbalizada pelo aluno A17 em “é aí onde está o preconceito, no ‘but’”.

Nesse momento, percebo que houve, entre os alunos, reflexão seguida de uma análise crítica a respeito do tema debatido. De acordo com a pedagogia de Freire (2000), é por meio do diálogo intenso e aberto entre educadores e educandos, nesse caso futuros professores, que se formam “pessoas críticas, de raciocínio rápido, com sentido de risco, curiosas, indagadoras”. (FREIRE, 2000, p.45).

Ainda segundo Freire (1979), é a partir da criticidade que se alcança a conscientização. Desse modo, a conscientização é compreendida como um processo de criticidade das relações entre consciência e mundo, tornando-se essencial para as relações humanas frente ao contexto histórico-social (FREITAS, 2010). A respeito dessa temática, seguem alguns trechos dos diários dos alunos:

Diário do aluno A6 – Penso que qualquer homofóbico estando presente na aula de hoje mudaria de opinião. O debate foi maravilhoso, todos interagindo e percebendo que não é um tema difícil de ser abordado. Saindo da aula de hoje não consigo imaginar como ainda existem pessoas que não aceitam.

Diário do aluno A11 – Sempre tive convicção de que não era homofóbico, mas depois de assistir ao vídeo hoje em classe e ver o mundo pelo ponto de vista de uma pessoa que sofre preconceito por ser homossexual, me fez perceber que sou homofóbico, mesmo que em alguns atos cotidianos, com colegas de classe por exemplo.

Diário do aluno A14 – A aula foi bem proveitosa, aprendi também que devemos aprender a respeita [sic] mais o próximo, críticas vão existir, mas se começar por nós, primeiro por nós, o mundo muda, as ideias são outras.

Os três depoimentos anteriores mostram o quanto a aula foi importante na conscientização dos alunos sobre o tema homofobia. Além dos trechos “penso que qualquer homofóbico estando presente na aula de hoje mudaria de opinião” e “aprendi também que devemos aprender a respeita [sic] mais o próximo” dos alunos A6 e A14 respectivamente, o aluno A11 assume, no trecho “sou homofóbico, mesmo que em alguns atos cotidianos”, ter consciência dos pequenos atos homofóbicos que cometeu.

Nessa perspectiva, essa conscientização advinda dos alunos deve se tornar um processo constante na educação, de modo geral, visando sempre à reflexão sobre a realidade e “sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”. (FREIRE, 1979, p.19). Para isso é preciso, pois, um engajamento da ação transformadora, que prepare os homens para agirem na luta contra os obstáculos à sua humanização. (FREIRE, 1987), uma vez que “a conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão” (FREIRE, 1979, p.15).

A última parte da aula foi dedicada a atividades com a música “I kissed a girl” da cantora Katy Perry. As atividades com a música foram divididas em duas etapas: na primeira etapa, entreguei-lhes a letra da música para que acompanhassem o vídeo e respondessem a uma atividade de circular a palavra correta na música e associar a letra com a tradução. Passei o vídeo duas vezes e então fiz a correção da atividade, a qual realizaram sem dificuldade. Durante todas as atividades que realizei, embora tenham sido em proporções menores do que as atividades discursivas, fiz questão de trabalhar alguns aspectos estruturais da língua (vocabulário, gramática, etc.) de forma contextualizada, isto é, mostrando sempre ao aluno a funcionalidade da língua e o quão próxima ela está do seu cotidiano.

A segunda etapa constituiu-se de uma atividade em dupla, na qual os alunos analisaram e interpretaram a música com base em um questionário⁸⁰ que lhes entreguei. Ao perguntar no diário “What is the song trying to say?” quatro duplas deram as seguintes respostas:

Resposta do questionário sobre a música – A8 e A16 – *Tenta dizer que é normal. “apenas a natureza humana”.*

Resposta do questionário sobre a música – A6 e A11– *Que é apenas um ato da natureza humana.*

Resposta do questionário sobre a música – A10 e A17 – *Que não há nada errado em tentar experimentar coisas novas.*

Resposta do questionário sobre a música – A13 e A14 – *Que deveríamos estar abertos para novas experiências.*

⁸⁰ Apêndice E.

Nesse momento, após todas as discussões realizadas, já é possível perceber, por meio do discurso dos alunos, a naturalidade que o tema ganhou, de modo a desencadear inferências a respeito de outros temas, inclusive.

Após alguns minutos de discussão em dupla, toda a turma discutiu sobre os sentidos da música e suas implicações na vida real. Um dos momentos que mais me chamou atenção foi a inferência que um aluno fez a partir do questionamento que fiz a respeito da música. O trecho pode ser visto no recorte subsequente do diário:

Diário 2 da professora-pesquisadora - *Ao questionar se duas garotas que se beijam são gays, um aluno disse: “Não. E se fossem dois garotos? Eles seriam gays”.*

A reflexão feita pelo aluno A8, ao questionar “E se fossem dois garotos?” e ao mesmo tempo responder “Eles seriam gays”, demonstra um nível avançado de criticidade no que diz respeito ao tema abordado, uma vez que, ao problematizar a discussão com o questionamento, o aluno traz à tona outro aspecto relevante presente nas práticas homofóbicas, que é influência do gênero. Desse modo, o aluno redireciona a discussão para outro tema bastante relevante que é o sexismo, tema este que também foi discutido na quarta aula dessa pesquisa.

Ao fazer um paralelo entre o que foi planejado e o que, de fato, foi executado, considero que a aula ocorreu, praticamente, conforme o planejado. Como previsto no plano de aula, os alunos não se comunicaram, com frequência, em língua inglesa devido ao nível básico que eles possuem. Apenas alguns alunos, eventualmente, utilizavam a língua inglesa para se comunicar. No entanto, a língua-alvo estava presente, em todos os momentos da aula, no vídeo, na música, nas atividades realizadas e, principalmente, na interação alunos-professora.

Por fim, creio que, durante a aula, houve a junção de todos os elementos discutidos no decorrer deste trabalho. Refiro-me ao uso das **tecnologias**, obviamente de forma didática, como meio de proporcionar aos alunos um contato com a **língua inglesa** em uso, por meio da interação entre os participantes frente ao tema abordado; e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos **letramentos digitais**, ocasionados pelas discussões propiciadas pelos questionamentos, posicionamentos críticos, intervenções, discordâncias, tomada de decisões, etc.

Ao final da aula, propus uma atividade extra sala. Em todas as aulas foram propostas atividades relacionadas ao tema discutido na aula e solicitado que os alunos postassem as atividades no grupo do *Facebook*. Para que a compreensão das atividades fosse alcançada efetivamente, eu sempre levava um modelo de atividade que os alunos poderiam seguir. Para essa atividade, mostrei-lhes alguns *memes* contra a homofobia, inclusive um meu com dois amigos homossexuais que são namorados com a frase “All we need is love. Stop Homophobia”. A partir disso, pedi para que eles também criassem *memes* contra a homofobia e postassem no grupo do *Facebook*. A imagem seguinte refere-se ao *meme* que criei⁸¹:



Fonte: Material da aula

No capítulo seguinte, discorro sobre os resultados dessa atividade e sobre o desenvolvimento extra sala de aula por meio das interações realizadas no grupo do *Facebook*. Além disso, trago as representações finais dos alunos sobre a pesquisa, a partir da análise do último questionário da pesquisa.

⁸¹ Os *emoticons* foram usados para a preservação das imagens.

CAPÍTULO VI

6 LETRAMENTOS DIGITAIS EXTRA SALA DE AULA E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DOS ALUNOS

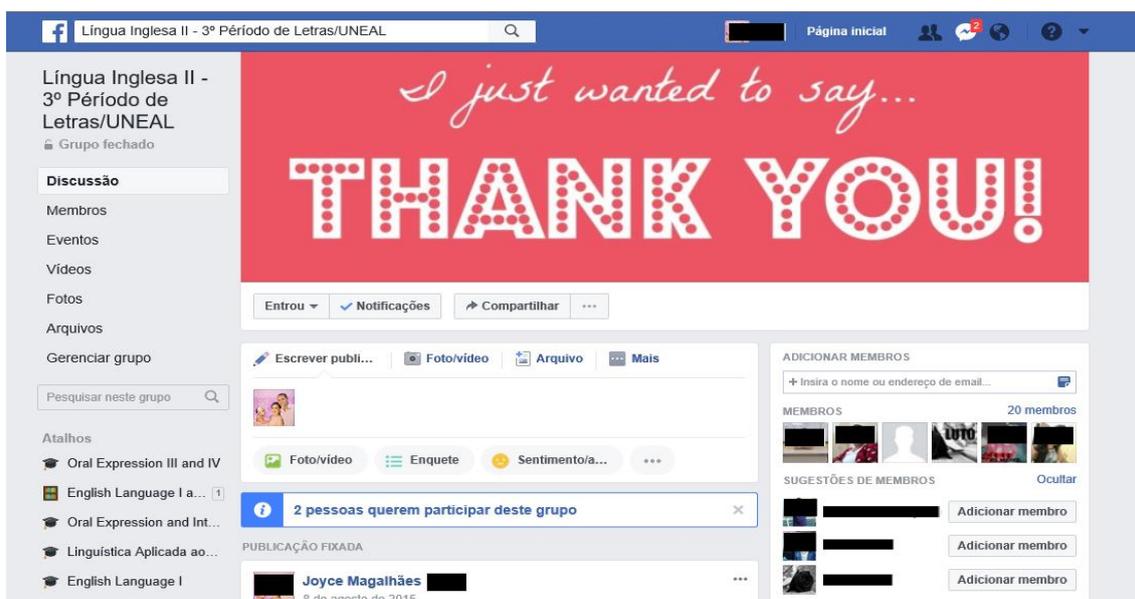
Este é o último capítulo de análise e interpretação dos dados da pesquisa. Neste momento, analiso e trago reflexões sobre as ferramentas utilizadas extra sala de aula para o desenvolvimento crítico-reflexivo dos alunos no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, bem como representações dos alunos a respeito das aulas com as TIC e possíveis contribuições da pesquisa para a formação pedagógica dos alunos, futuros professores. Para isso, faço uso das atividades e produções dos alunos no grupo do *Facebook* e do questionário 2.

Conforme discutido anteriormente, o grupo fechado no *Facebook* permite a comunicação entre professor-alunos e alunos-alunos, além da possibilidade de compartilhar materiais e criar um sistema de aprendizagem colaborativo. De acordo com Kayi (2006) o ensino comunicativo e a aprendizagem colaborativa são ideais para proporcionar a interação entre os alunos. Nas palavras de Larsen-Freeman (2000, p. 164)

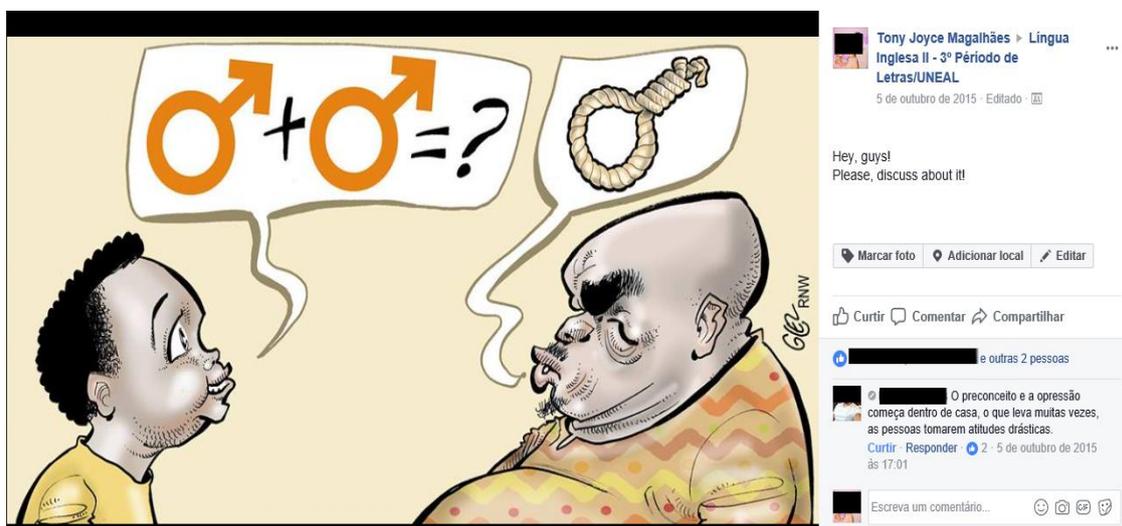
a aprendizagem colaborativa ou cooperativa envolve, essencialmente, alunos aprenderem uns com os outros em grupos. No entanto, não é a configuração de que distingue a aprendizagem, mas a forma com que os alunos e professores trabalham em conjunto que é importante (LARSEN-FREEMAN, 2000, p164).

Com esse objetivo, a imagem seguinte refere-se ao grupo fechado no *Facebook* do qual todos os vinte alunos da disciplina⁸² Língua Inglesa I faziam parte. Nele, a participação acontecia de forma mais efetiva, uma vez que as atividades eram postadas após as aulas e os alunos respondiam, comentavam e interagiam no momento de maior disponibilidade.

⁸² Na imagem o nome do grupo está Língua Inglesa II – 3º período de Letras/UNEAL porque foi modificado para o período seguinte.

Figura 8- Grupo no *Facebook*

Ao final de cada aula, eu sempre substituía a capa do grupo do *Facebook* por uma imagem relacionada ao tema da aula e, em seguida, pedia para os alunos comentarem abaixo da imagem. Após a aula sobre homofobia, coloquei a seguinte imagem na capa:

Figura 9 - Capa do grupo no *Facebook* sobre homofobia

Apostei numa imagem não verbal, muito mais rica que o texto verbal, pelo poder que ela tem de prender a atenção do leitor, na busca pela descoberta da mensagem que se quer mostrar. Como se pode perceber, embora não haja nenhuma expressão verbal no texto postado, a imagem está carregada de sentidos. Ao pedir para os alunos discutirem

sobre o texto, o aluno A11 fez o seguinte comentário “o preconceito e a opressão começam dentro de casa, o que leva muitas vezes, as pessoas tomarem atitudes drásticas”. A resposta do aluno foi, de fato, coerente com a imagem, pois ela, possivelmente, refere-se ao questionamento de um garoto sobre homossexualidade e a reação negativa do pai em relação ao assunto.

A seguir, é possível ver a imagem de outra capa do grupo no *Facebook*, dessa vez após a aula sobre racismo e a discussão dos alunos a respeito da imagem.

Figura 10 - Capa do grupo no *Facebook* sobre Racismo



Nesse *post* houve um número expressivo de comentários dos alunos, de modo geral, em língua inglesa. Isso pode ser considerado positivo, se levarmos em consideração que durante as aulas raramente os alunos se comunicavam em língua inglesa.

Em se tratando da discussão sobre a imagem, todos os comentaram seguiram a mesma linha de raciocínio. Os alunos entenderam que, embora tenham aparências diferentes, praticamente, todos somos iguais. Desse modo, ressaltou o potencial para a interação que o grupo no *Facebook* proporciona aos usuários. Além disso, desenvolve uma aprendizagem colaborativa, pois ao discutirem sobre um assunto, os alunos podem expressar suas opiniões e ampliar seu conhecimento informal sobre o tema.

A partir desse momento, serão analisadas algumas atividades solicitadas e realizadas pelos alunos no grupo no *Facebook*, tais quais memes, *glogster*, aplicativos, etc.

6.1 Memes

Richard Dawkins criou a teoria memética inspirada na teoria darwiniana da evolução natural. Para ele, enquanto um gene é uma representação biológica, natural do ser humano, um meme seria o seu correspondente cultural e social (PASSOS, 2012).

Compreendendo que, segundo Passos (2012, p.10) o gênero meme refere-se a “atitudes, falas, padrões de comportamentos, que passam por um contínuo de surgimento, compreensão e reprodução” e que os letramentos digitais buscam desenvolver a leitura e a escrita avaçandas por meio das TIC, relacionando-as com práticas sociais do cotidiano dos alunos, esse gênero pode ser considerado um instrumento em potencial para desenvolver tais práticas.

Nessa perspectiva, o meme seguinte foi utilizado durante a aula sobre homofobia, no entanto, optei por não discutir sobre essa atividade no capítulo anterior, principalmente, porque ela também foi desenvolvida no ambiente virtual e trouxe algumas reflexões que valem a pena serem discutidas aqui.

Figura 11 - Meme sobre homofobia



Fonte: material do grupo no Facebook

Conforme pode ser visto nos comentários da imagem anterior, foi solicitado que os alunos completassem a frase contida no meme com uma frase que eles normalmente ouvem as pessoas comentarem sobre homofobia. Mesmo em momentos diferentes, os alunos A4, A14 e A15 comentaram o meme trazendo frases carregadas de preconceito, que segundo eles, são frequentemente ouvidas pela sociedade em geral. Além da

possibilidade de dar continuidade às discussões em sala de aula de acordo com a disponibilidade de cada aluno, por meio dessa atividade, é possível perceber que os alunos se sentiram mais confiantes em se expressarem em língua inglesa, pois, mais uma vez, todas as respostas dadas foram na língua-alvo.

Ainda em relação aos memes, no capítulo anterior apresentei um meme contra homofobia e solicitei aos alunos que também criassem seus memes e postassem no grupo do *Facebook*. Assim, os *posts* seguintes dizem respeito ao *homework* solicitado e foi feito pelos alunos A17, A15, A3 E A11, respectivamente:



A atividade realizada pelos alunos e postada no grupo do *Facebook* possibilita o desenvolvimento da criatividade e da autonomia dos alunos ao deslocá-los da função de receptores de informações para a posição de construtores do conhecimento. Além disso, a criação dos memes possibilitou ao aluno uma prática de escrita comum nas práticas sociais em que eles estão inseridos.

6.2 Glogster

Segundo Paiva (2012, p.161) Glogster trata-se de “um portal na web que oferece uma ferramenta gratuita para criação, publicação e compartilhamento de pôsters ou cartazes virtuais multimídia interativos.” Corroboro com autora quando afirma que “a

melhor forma de se aprender a usar uma ferramenta é usando-a com um propósito comunicativo” (PAIVA, 2012, p.158).

Desse modo, após a aula sobre racismo, os alunos assistiram ao filme “The Butler”, O mordomo da Casa Branca, que é um drama histórico estadunidense de 2013 baseado na vida real de Eugene Allen, um afro-americano que durante 34 anos serviu como mordomo na Casa Branca e testemunhou fatos importantes do século 20. Após assistirem ao filme, mostrei-lhes um *Glogster* que criei sobre outro filme e pedi para que, em duplas, criassem um sobre o filme assistido e postassem no grupo do *Facebook*. Para isso, criei uma sala de aula virtual no *site* de criação de *Glogsters* e disponibilizei os *logins* de acesso e *passwords* com os *links* no grupo do *Facebook* para os alunos. As imagens seguintes referem-se ao *homework* que propus e um *Glogster* criado pelos alunos A6 e A8:

Figura 12 - Posts sobre *Glogster*

Joyce Magalhães compartilhou um link.
17 de outubro de 2015 · Arapiraca

HOMEWORK
Hello guys!
I have already registered all of you as students in my account as a teacher in Glogster. You only need to access one of the following links (identify which link you accessed in the comments), then change your profile, explore the website and create your Glog film The Butler.
Have Fun!!!
Glogster EDU subaccounts for nickname JoyTeacher:
Generated Student's accounts:
1. Nickname: s637m4akf Password: 44kk6v4r
First login link: <http://edu.glogster.com/go/d685a8c>
2. Nickname: sp8kn6uc7 Password: 57tia9wo
First login link: <http://edu.glogster.com/go/667a63d>
3. Nickname: sga5yddug Password: 6822uk0n
First login link: <http://edu.glogster.com/go/b1c6719>
4. Nickname: s9cqx2qw3 Password: m2s0f1r
First login link: <http://edu.glogster.com/go/a54b406>
5. Nickname: sezjtr3n Password: l775aeyb
First login link: <http://edu.glogster.com/go/c71e368>
6. Nickname: s2sjuxf27 Password: idqsgdq
First login link: <http://edu.glogster.com/go/11c181e>
7. Nickname: s2pho5sfg Password: m0ewsgit
First login link: <http://edu.glogster.com/go/0644fe3>

... [User] compartilhou um link.
20 de outubro de 2015

Our glog:
The Butler
[User] and [User] en, Én, én, halloween, mask, template | Glogster EDU - 21st century...
See the Glog [User] en, Én, én, halloween, mask, template | Glogster EDU - 21st century multimedia tool for educators, teachers and students
SW66UT8XW.EDU.GLOGSTER.COM

Curtir · Comentar · Compartilhar

Você e [User] Visualizado por todos

Joyce Magalhães
[User Avatar]
Curtir · Responder · 2 · 1 de novembro de 2015 às 11:58
Escreva um comentário...

Em concordância com as ideias de Paiva (2012), creio que os alunos aprendem por meio do manuseio das ferramentas digitais para criação do *Glogster*, ou seja, ao criarem um poster multimídia com textos, músicas, vídeos e imagens sobre um tema específico, eles têm um contato efetivo com a língua que estão estudando. Além das vantagens apresentadas, Paiva (2012, p.165) aponta outras vantagens para se utilizar a ferramenta *Glogster*: “é ecológico, dispensa o papel e possibilita a integração de som e

movimento. [...] pode ser compartilhado com outras pessoas, o que aumenta a motivação e o empenho em fazer um trabalho bem feito, pois ficará exposto na Web”.

6.3 Aplicativo *HelloTalk*

O *HelloTalk*⁸³ é um aplicativo de intercâmbio linguístico, gratuito e disponível para *smartphones*. Nele é possível se comunicar com falantes nativos de qualquer idioma, a partir de textos, gravações de voz, ligações em áudio ou vídeo e até mesmo desenhos. O aplicativo possui ferramentas para tradução, pronúncia, transliteração e correções que ajudam a tornar as conversas mais naturais e a aprendizagem mais efetiva. Esse aplicativo proporciona uma aprendizagem colaborativa por meio de conversas individuais ou em grupos de pessoas que querem ensinar e aprender os mesmos idiomas.

Por meio da ferramenta “momentos” é possível se comunicar com todos os nativos de uma só vez e compartilhar perguntas e respostas sobre o idioma que se está aprendendo, curiosidades, cultura, viagens etc.,

Figura 13 - Funcionalidade do aplicativo *HelloTalk*

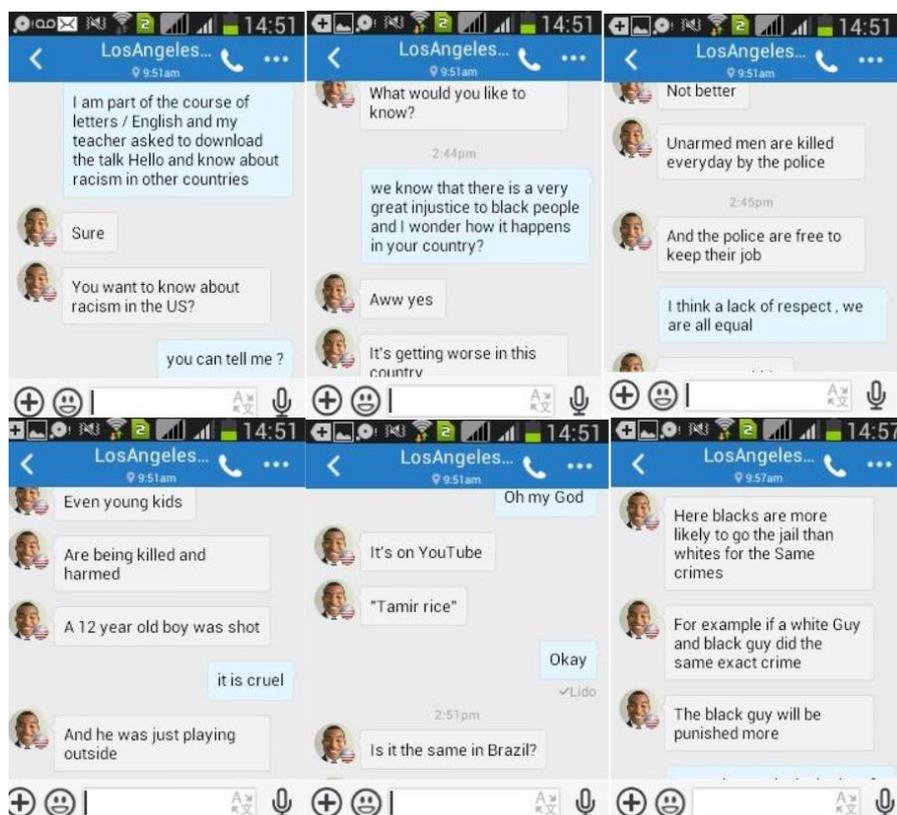


Diante do potencial do aplicativo em proporcionar um intercâmbio linguístico entre aprendizes e nativos, após a aula sobre racismo, pedi para que os alunos fizessem o *download* do aplicativo nos seus celulares. Após ter me certificado de que todos

⁸³ Para mais informações acesse <https://www.hellotalk.com/>.

possuíam o aplicativo, pedi para eles conversarem com nativos da língua inglesa sobre o racismo em seus países e, em seguida, pedi para fazerem *prints* das conversas e postarem no grupo do *Facebook*. A sequência de imagens seguinte mostra a conversa entre o aluno A7 e um nativo:

Figura 14- Diálogo pelo aplicativo *HelloTalk*



No diálogo anterior, o aluno A7 explica que se trata de um trabalho da faculdade e solicita ao americano que fale sobre o racismo no seu país. O nativo, então, explica que está ficando pior e que cidadãos são mortos todos os dias pela polícia, enquanto os policiais continuam livres fazendo o seu trabalho. Ele até exemplifica citando uma criança de doze anos que estava brincando e que foi baleada, e acrescenta dizendo que o vídeo está disponível no YouTube. Durante o diálogo, é possível perceber que o aluno A7 está sempre interagindo com o americano através de frases como “I think a lack of respect. We are all equal”, “It is cruel”, “Oh My God” e “Okay”. Essa interação entre os interlocutores parece demonstrar que houve um intercâmbio linguístico satisfatório e que, conseqüentemente, o objetivo da atividade foi alcançado.

As imagens seguintes referem-se ao *feedback* dos alunos sobre o uso do aplicativo:

Figura 15- *Feedback* sobre o uso do aplicativo *HelloTalk*

As imagens anteriores tratam-se de dois diálogos que tive com os alunos A11 e A4. Ao perguntar aos alunos sobre suas experiências com o uso do aplicativo *HelloTalk* o aluno A11 afirmou que foi incrível falar sobre vários assuntos com pessoas do mundo inteiro. O aluno A4 revelou que quer continuar usando o aplicativo para absorver mais conhecimento e acrescentou, ainda, que a experiência foi boa e que não imaginava que esse trabalho seria tão legal. Esse *feedback* entre professor e alunos é tão importante quanto necessário para que o professor certifique-se de que a atividade desenvolvida atingiu o objetivo desejado.

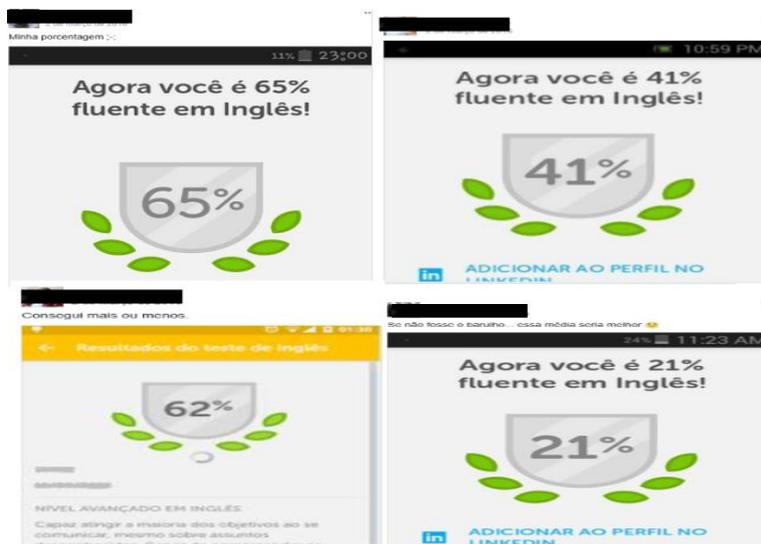
6.4 Duolingo

O Duolingo é um aplicativo gratuito, disponível para *smartphones* e computadores que dispõe de uma plataforma com dois ambientes, um para os alunos e outro para o professor. Nesse segundo ambiente, o professor pode criar turmas, adicionar alunos, elaborar atividades e acompanhar o desenvolvimento dos alunos.

Embora a metodologia do aplicativo seja tradicional, com atividades de tradução, gramática e vocabulário, também existem atividades de *listening* e *speaking*. Além disso, as características mais atrativas do Duolingo são os elementos lúdicos, tais quais elementos de *games*, como corações (vidas), prêmios, além de possibilitar a visualização do progresso dos outros alunos, o que gera uma competitividade e motivação na realização das lições.

Diante disso, propus aos alunos que fizessem o *download* do aplicativo em seus *smartphones*, realizassem o teste de nivelamento, o que gera um nível de inglês através de porcentagens e, em seguida, postassem os resultados no grupo do *Facebook*.

Figura 16- Resultados dos testes de nivelamento dos alunos no Duolingo



A imagem anterior mostra os resultados do teste de nivelamento dos alunos A1, A5, A11 e A16. De acordo com o aplicativo, é possível perceber, por meio das porcentagens, que os níveis de conhecimento dos alunos na língua inglesa são diferentes. Ao contrário das dificuldades encontradas em sala de aula ao administrar turmas com níveis diferenciados de inglês, esse fator não é significativo em atividades *online*, como é o caso do uso desse aplicativo, uma vez que cada aluno realiza sua atividade conforme sua disponibilidade e capacidade, sem influenciar diretamente no desempenho dos outros alunos.

6.5 Divulgação

Outra função do grupo no *Facebook* era a divulgação de eventos que possibilitasse o ensino-aprendizagem efetivo de língua inglesa. A imagem seguinte diz respeito a um *post* que fiz sobre uma imersão no inglês com duração de uma semana que acontece duas vezes ao ano com nativos da língua na cidade de Recife – PE, da qual tive oportunidade de participar algumas vezes.

Figura 17- Imersão no Inglês



A partir da divulgação do evento, vários alunos de diversos *campi* da UNEAL tiveram oportunidade de participar da imersão e terem parte das despesas de transporte e matrícula no curso pagas pela instituição. Participar desse evento foi uma oportunidade de os alunos terem contato direto com falantes nativos e, conseqüentemente, com a cultura deles, pois o método do curso de Imersão no Inglês tem o formato de acampamento, ou seja, o aluno estuda, pratica e realiza atividades através de uma programação de jogos e recreações, além de estarem em contato diário com nativos da língua inglesa que acompanham os acampantes dando-lhes aulas, em diversos níveis, participando de atividades e trocando experiências.

6.6 Karaokê Night

No grupo do *Facebook* solicitei aos alunos que escolhessem algumas músicas em inglês, as quais eles gostariam de cantar. Na quinta e última aula, providenciei uma caixa de som e dois microfones e alguns vídeos de Karaokê das músicas escolhidas pelos alunos e as demais músicas trabalhadas durante as aulas anteriores, como *I kissed a girl* da Kate Perry na aula sobre homofobia, *Black or White* do Michael Jackson na aula sobre racismo e *If I were a boy* da Beyoncé.

Figura 18- Karaokê Night⁸⁴

Embora essa aula não tenha tido diários, algo que eu deveria ter solicitado aos alunos, mas que não foi possível, devido a, nesse dia, os alunos responderem ao último questionário da pesquisa, foi muito produtiva, interativa e dinâmica de encerramento da pesquisa. Todos os alunos participaram do *Karaokê* e houve, inclusive, uma performance de dança durante uma das músicas.

Os propósitos da aula com *Karaokê* foram mostrar a utilidade das tecnologias no ensino-aprendizagem de língua inglesa, especificamente, no que diz respeito ao desenvolvimento da pronúncia, uma vez que ao cantar os músculos da boca trabalham melhor e isso ajuda na pronúncia das palavras; facilitar a memorização das palavras por meio da contextualização das músicas; tornar a aula mais divertida e proporcionar mais segurança nos alunos para participarem das aulas.

6.7 Contribuições da pesquisa para a formação pedagógica dos alunos - Análise do questionário 2

Essa é a última seção da pesquisa e tem a finalidade de discutir sobre as representações dos alunos a respeito das aulas com as TIC e as possíveis contribuições da pesquisa para a formação pedagógica dos alunos, por meio da análise do último questionário aplicado aos alunos. Antes de tudo, é pertinente mencionar que no primeiro

⁸⁴ Coloquei os emojis para preservar a imagem dos alunos.

questionário aplicado, antes das aulas, foi questionado se os alunos sabiam o que são letramentos digitais, todos os alunos afirmaram não saber do que se trata. No último questionário, repeti o mesmo questionamento e obtive as seguintes respostas:

Quadro 18 - Representações dos alunos sobre Letramentos Digitais

Alunos	Respostas
A8	Seria a inclusão entre tecnologia e aprendizagem, onde ambas convergem propiciando o melhor entendimento e consequente resultados.
A10	Usar e abusar de tecnologias para fazer uma boa e chata aula de inglês virar uma ótima e divertida aula de inglês, mantendo os alunos interessados na aula e no conteúdo ofertado.
A9	Letramento digital é uma forma de ensinar utilizando a tecnologia como nossa aliada, para que haja um contato melhor com o assunto. Além de ser uma forma onde chama a atenção do aluno.

Fonte: Questionários 2

Embora distantes das definições descritas pelos autores mencionados neste trabalho, os alunos conseguiram mostrar, por meio de suas palavras, algumas vantagens em trabalhar os letramentos digitais nas aulas de inglês, ao afirmarem que eles proporcionam “o melhor entendimento”, “uma ótima e divertida aula de inglês” e “uma forma onde chama atenção do aluno”. Essas afirmações mostram que as aulas foram atrativas, dinâmicas e interativas, além de terem proporcionado uma melhor compreensão dos assuntos abordados, conforme foram solicitadas pelos alunos no questionário 1 e discutido no capítulo IV dessa pesquisa.

Desenvolver os letramentos digitais vai além de aulas dinâmicas e interativas, uma vez que é preciso oferecer aos alunos oportunidades de desenvolver práticas sociais de leitura e escritas avançadas por meio das TIC. Essas práticas avançadas dizem respeito ao desenvolvimento da criticidade, criatividade, autonomia etc. Desse modo, ao questionar os alunos se as aulas da pesquisa contribuíram para a sua formação crítica, obtive as respostas subsequentes:

Quadro 19- Contribuição da pesquisa para a formação crítica dos alunos

Alunos	Respostas
A3	Sim! Fazendo com que conseguisse formar com mais facilidade uma opinião, sobre diversos assuntos.

A6	Sim. Nos ajudando a pensar mais sobre o assunto, junto com os outros colegas conversamos cada um com a sua diferente forma de pensar. Interagindo e refletindo.
A7	A utilização de temas sociais e culturais como: racismo, homofobia e sexismo, nos proporcionaram momentos de reflexão onde todos participaram podendo expor sua opinião contra ou a favor, contribuindo para a formação crítica de cada um.
A8	Sim. Especificamente por tratar de temas universais e que ao “mencioná-los” são desencadeadas diversas abordagens que inibem os discursos [sic] a rever conceitos, e repensar atitudes.
A10	Com certeza, pois todos os temas abordados, foram abordados de várias formas (música, vídeo, imagens, etc) de modo que eu pude entender, opinar e criticá-los.
A11	As aulas contribuíram de forma construtiva para minha formação crítica, tendo em vista que a metodologia usada a pesquisa, letramento digital, se mostrou um novo método de ensino que certamente usarei depois da minha formação, em futuras aulas.
A17	Claro, nunca pensei que iria gostar de assistir aulas, mas a senhora é porreta mesmo viu. DESTRUIDORA.

Fonte: Questionários 2

Todas as respostas dos alunos foram positivas em relação à formação crítica deles, enquanto alunos e, conseqüentemente, como professores de inglês, conforme pode ser observado na fala do aluno A11 sobre a metodologia utilizada nas aulas, ao mencionar “certamente usarei depois da minha formação, em futuras aulas”.

Em se tratando da formação pedagógica dos alunos, ao questionar se as aulas da pesquisa contribuíram para sua formação quando forem professores de inglês, obtive as respostas subsequentes:

Quadro 20⁸⁵ - Contribuição da pesquisa para a formação pedagógica dos alunos

Alunos	Respostas
A3	Com certeza! Ensinar divertindo é muito mais gratificante, além de mudar a cara do ensino.
A7	Sim, o que nos é transmitido na graduação é uma abertura para novas formas de pensar a prática pedagógica.
A8	Sim, pois, eu tinha uma metodologia concretizada, mas hoje posso afirmar que tenho um modelo a seguir.
A9	Sim, pois agora tenho a experiência de como se dá uma aula utilizando métodos tecnológicos e assim fazendo com que a aula fique mais atrativa, dinâmica e menos cansativa.
A10	Sim, pois não havia ideia de como dar uma aula, e agora eu tenho uma “base” de como uma boa aula pode ser dada.
A11	As aulas mudaram totalmente a minha imagem de um professor

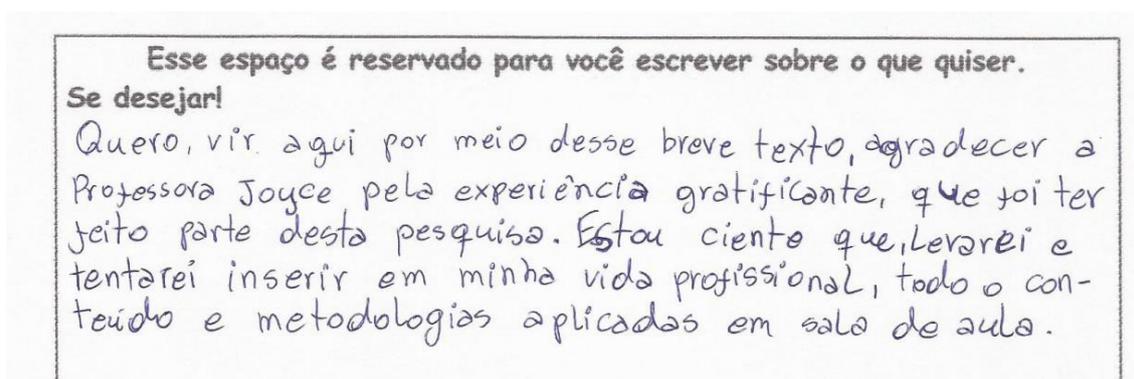
⁸⁵ Fonte: Questionários 2

	em sala de aula, pois me mostrou que uma aula pode e deve sair da monotonia de aulas “convencionais”.
A16	Sim, pois assistindo essas aulas e observando a metodologia utilizada desenvolvi métodos para lecionar futuramente.

Diante das respostas dadas pelos alunos, creio que a pesquisa trouxe resultados positivos, não somente em relação aos conteúdos abordados durante as aulas, mas, sobretudo, em se tratando dos aspectos metodológicos e da formação pedagógica desses alunos, futuros professores.

Ao final do questionário, deixei um espaço para que os alunos escrevessem ou desenhassem o que desejassem. É com esse comentário que concluo essa seção e esse capítulo, fazendo das palavras do aluno A11 as minhas palavras, em relação à gratidão aos participantes dessa pesquisa pelas interações, pela oportunidade de realizar esse trabalho, e, acima de tudo pelos ensinamentos adquiridos durante a pesquisa.

Figura 19- Espaço para comentário livre



Fonte: Questionários 2

CONSIDERAÇÕES FINAIS (PARA UM POSSÍVEL RECOMEÇO)

Creio ser oportuno, nesse momento, retomar algumas colocações discutidas no decorrer deste trabalho. Para isso, creio ser indispensável refazer as perguntas de pesquisa e refletir sobre suas possíveis respostas. Acredito ser pertinente, também, observar que os objetivos do trabalho foram, efetivamente, alcançados.

O objetivo geral desse trabalho foi refletir a respeito do uso das TIC na sala de aula do curso de Letras-Inglês da UNEAL. Desse modo, nos três momentos em que a coleta de dados aconteceu, ou seja, antes, durante e depois das aulas, foram feitas reflexões, por parte dos alunos e da professora-pesquisadora, a respeito do uso das TIC na sala de aula e, devido à necessidade de dar continuidade às discussões, fora da sala de aula também. Em outras palavras, desde o planejamento, durante as aulas e na escrita dos diários refleti sobre a minha prática em sala de aula e busquei alternativas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Já os alunos, questionaram e refletiram desde o momento em que apresentei a pesquisa, durante as aulas, ao escreverem seus diários, responderem aos questionários e realizarem atividades dentro e fora da sala de aula.

O primeiro objetivo específico dessa pesquisa foi (1) inserir as TIC nas aulas de Inglês com vistas aos letramentos digitais na formação dos professores. Conforme discuti no decorrer do trabalho, não foi tarefa fácil inserir as TIC nas aulas de inglês devido à ausência de alguns equipamentos na universidade. Para isso, foi preciso adquirir alguns equipamentos, por conta própria, para inserir as TIC nas aulas. Esse fator dificultou a execução de algumas atividades planejadas anteriormente, como o uso de aplicativos durante as aulas, por exemplo, pois não tínhamos acesso à *internet* nas salas de aula.

Apesar das dificuldades enfrentadas para alcançar o primeiro objetivo, a pesquisa mostrou que, mesmo sem estrutura física adequada para utilizar tecnologias nas aulas de inglês, é possível buscar alternativas para tornar as aulas mais atrativas, dinâmicas, interativas e desenvolver os letramentos digitais dentro e fora da sala de aula. Contudo, as aulas seriam mais práticas e motivadoras, para professores e alunos, se a universidade disponibilizasse todo o aparato tecnológico e *internet* necessários às demandas atuais da formação de professores. Esse é um dos fatores fundamentais, apresentados no capítulo teórico, para a inserção exitosa das TIC no ambiente escolar.

O segundo objetivo específico foi (2) implementar uma prática de sala de aula e extra sala de aula com vistas ao desenvolvimento dos letramentos digitais por meio de aulas temáticas sobre assuntos socialmente relevantes no ensino-aprendizagem de língua inglesa. Nesse sentido, foi possível perceber durante os capítulos V e VI que esse objetivo foi alcançado, ao mesmo tempo em que responde à segunda pergunta de pesquisa sobre a contribuição da minha prática em sala de aula para o desenvolvimento crítico-reflexivo dos alunos. Isso pode ser percebido por meio das representações positivas dos alunos, nos diários e questionários, sobre as aulas. Além disso, a partir das minhas observações, enquanto professora-pesquisadora, pude verificar que os alunos refletiram criticamente, questionaram, debateram, discutiram e interagiram a respeito dos temas abordados nessa pesquisa, os quais contribuíram, significativamente, para a participação efetiva dos alunos nas aulas. É importante ressaltar que para promover os letramentos, é imprescindível que o professor mantenha uma postura de professor agente de letramentos, isto é, aquele que promove e colabora com práticas sociais e comunicativas.

Por fim, o último objetivo foi (3) refletir a respeito das representações dos alunos, futuros professores, quanto ao uso das TIC nas aulas de Língua Inglesa e, conseqüentemente, responder às duas questões de pesquisa: (1) Quais contribuições podem ser detectadas na formação pedagógica dos alunos, futuros professores? (3) Quais as representações dos alunos sobre a inserção das TIC no ambiente formativo? Durante a análise das autobiografias, observei que embora os alunos reclamassem das metodologias dos professores da educação básica, foi em alguns deles que eles se inspiraram na escolha profissional, principalmente, aqueles que, de algum modo, utilizavam tecnologias em suas aulas. Nesse sentido, conforme apontado por alguns alunos no último capítulo, creio que eles, possivelmente, utilizarão as tecnologias em suas aulas, não somente para torná-las mais dinâmicas e interativas, como a maioria dos alunos mencionou, mas, principalmente, para promover um contato real com a língua viva, a partir de imagens, vídeos e músicas. Além disso, os alunos demonstraram perceber a importância de trabalhar temas socialmente relevantes, pois além de serem temas atrativos para os alunos, promovem a cidadania e a consciência política.

Em relação à análise do PPC de Letras da UNEAL, após as constantes reclamações sobre a necessidade de atualizar o documento, haja vista que sua última versão havia sido atualizada em 2010, finalmente, em 2016, alguns professores do curso

se reuniram na tentativa de atualizá-lo. Após inúmeras reuniões, a maioria dos professores votou por migrar a disciplina eletiva “Educação e Tecnologia” para a grade normal e no primeiro semestre de 2017, ano em que o novo PPC entrou em vigor, os alunos do segundo período dos cursos de Letras Português, Inglês e Francês da UNEAL terão a disciplina Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na Educação⁸⁶ com 40 horas, 20 horas teóricas e 20 horas práticas. No entanto, como resultado dessa pesquisa, ressalto que a prática tecnológica deve atravessar todas as outras disciplinas, não apenas estar presente em uma delas.

Nesse momento, creio ser oportuno fazer algumas considerações sobre as minhas experiências e representações sobre a pesquisa. Reitero aqui que o uso das tecnologias, por si só, nas aulas **não** é a solução para a educação, de modo geral, pois compreendo que na relação entre a sociedade e a tecnologia, o que devem ser consideradas são as práticas de aprendizagem que as pessoas fazem por meio das TIC para construir sentidos (BARTON e LEE, 2015). Nessa perspectiva, o professor se torna peça fundamental para a mudança.

Em se tratando do papel do professor no desenvolvimento dos letramentos digitais, penso que deve habituar-se a observar a sua própria prática, refletir sobre ela e buscar modificá-la constantemente, no sentido de acompanhar as mudanças e as necessidades da contemporaneidade. Por outro lado, reitero que o professor não deve ser o único responsável por essa mudança, mas sim que compete a todos os envolvidos na educação, uma vez que a formação de professores, valorização da profissão docente, infraestrutura e equipamentos tecnológicos, por exemplo, não dependem, exclusivamente, do professor para funcionarem com qualidade.

Destaco também a importância de desenvolver uma prática de ensino extra sala de aula que dê continuidade às atividades desenvolvidas em ambiente escolar. Esse tipo de atividade, como observado no último capítulo dessa pesquisa, oportuniza aos alunos o desenvolvimento de práticas educativas em ambientes virtuais, como as redes sociais, por exemplo. Além disso, desenvolve a aprendizagem colaborativa e desperta a autonomia e a criatividade dos alunos. Nessa pesquisa, o grupo no *Facebook* tornou-se um instrumento significativo no ensino-aprendizagem de línguas, pois facilitou as interações em língua inglesa entre os alunos, proporcionou a construção de

⁸⁶ Nome escolhido pela maioria dos professores.

conhecimentos de forma colaborativa e interativa, motivou os alunos a continuarem as discussões da sala de aula, promoveu um intercâmbio linguístico e um contato real com a língua viva.

Em relação à professora-pesquisadora, posso assegurar que, durante a pesquisa, aprendi muito mais do que ensinei. As experiências adquiridas durante as interações com os alunos, a necessidade de lidar com imprevistos e o processo de ação-reflexão-ação sobre a minha prática me fizeram perceber que não há uma completude na formação de professores, por isso, a importância de pesquisar e buscar outras metodologias, trocas de ideias, novas experiências **para novos recomeços**. Conforme afirma Freire (1996, p.22), “como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se”.

Finalmente, espero que assim como eu, outros pesquisadores e professores considerem as TIC como ferramentas auxiliares no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, compreendendo que as TIC são insuficientes para produzirem sentidos na aprendizagem de uma língua e, conseqüentemente, na construção do conhecimento, pois, seu potencial vai depender da forma como elas serão utilizadas. Além disso, nesse processo, quem as manuseiam é mais importante do que o que é manuseado. Para isso, dentre outros aspectos, é necessária uma formação que se habitue a utilizar as TIC em diversos contextos, de forma colaborativa a partir da perspectiva dos letramentos digitais na construção de sentidos.

Em suma, ao refletir sobre a formação de professores e os letramentos digitais, concluo que trabalhar a relação entre TIC e formação docente é uma tarefa tão necessária quanto desafiadora. A formação de professores, em suas diversas instâncias, deve contemplar a reflexão e a autorreflexão sobre sua prática.

Para isso, é preciso compreender que noção de língua é ensinada. Assim, ao invés de compreender a língua numa concepção estruturalista, constituída de signos linguísticos, somente, deve-se compreendê-la como uma construção real pela qual os sentidos são construídos por meio da interação dialógica entre os interlocutores.

Por fim, espero que este trabalho inspire, de algum modo, outros professores e pesquisadores a refletirem sobre suas próprias práticas e a projetarem um olhar novo

para o processo de ensino-aprendizagem de línguas por meio das TIC. Para tal, é indispensável um processo reflexão-ação-reflexão, realizado não somente pelos professores, mas sobretudo, pela universidade, bem como pelos alunos, focos dessa pesquisa e futuros professores, no sentido de perceber a necessidade de mudança constante e enxergar o uso das TIC como um meio de proporcionar um espaço de diálogos para a formação de cidadãos críticos e conscientes de suas responsabilidades sociais.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte – SEE. **Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino de Alagoas: Linguagens**. 1ª Ed. Maceió – AL, 2014.

BACALÁ, V. L. A. **Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de Língua Estrangeira: Guia de estudos/ Valéria Lopes de Aguiar Bacalá**. – Lavras: Ed. UFLA, 2014.

BAKHTIN, M. /VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAYNHAM, M. **Literacy practices: investigating literacy in social contexts**. London: Longman, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 2/2015 de 1 de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação inicial em nível superior (curso de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de julho de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Orientações curriculares para o ensino médio; linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRUNER, J.; WEISSER, S. A invenção do ser: autobiografia e suas formas. *In*: OLSON, D. R; TORRENCE, N. **Cultura e Escrita e Oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.

COUTO, M. E. S. ; COELHO, L. A. **Políticas públicas para inserção das TIC nas escolas: algumas reflexões sobre as práticas**. Colabor@ (Curitiba), v. 8, p. 1-11, 2013. Disponível em:

<<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/242/184>>.

Acesso em 20, fev. 2017

CROKER, R. A. An introduction to Qualitative Research. *In*: HEIGHAM, Juanita; CROKER, Robert. **Qualitative researches in Applied Linguistics**. 2009, p. 3-24.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p.127-153.

DUBOC, A. P. M. **Atitude curricular: letramentos críticos nas brechas da formação de professores de inglês**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2012.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.45-65.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Sabedores necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

_____. **Pedagogia da tolerância**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREITAS, A.L. **Conscientização**. *In*: REDIN, E; STRECK, D.R. ZITKOSKI, J.J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GATTI, B. A. **Formação de professores: condições e problemas atuais**. *Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP*. ISSN 1984-5332 - Vol. 1, n. 1, p.90-102, Maio/2009.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade** (11ª Edição). São Paulo: DP&A.

HOLDEN, S. **O ensino da Língua Inglesa nos dias atuais**. São Paulo: Special Book Services, 2009.

IALAGO, A. M.; DURAN, M. C. G. **Formação de professores de inglês no Brasil**. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 8, nº 23, pp. 55-70, 2008.

JENKINS, H. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAYI, H. **Teaching Speaking: Activities to Promote Speaking in a Second Language**. The Internet TESL Journal, Vol. XII, No. 11, November 2006. Disponível em: http://iteslj.org/Articles/Kayi-Teaching_Speaking.html. Acesso em setembro de 2017.

KLEIMAN, A. B. Processos identitários na formação profissional - O professor como agente de Letramento. In: CORRÊA, M.; BOCH, F. **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2006.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Eds.). **Digital literacies: concepts, policies and practices**. New York: Peter Lang, 2008.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching**. Oxford University Press, 2000.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras; construindo a profissão**. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNIO, J. C. O Planejamento Escolar. In: _____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 221-247.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educacionais e profissão docente**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBERALI, F. C.; MAGALHÃES, M. C. C.; ROMERO, T. R. de S. Autobiografia, diário e sessão reflexiva: atividades na formação crítico-reflexiva de professores. In: BARBARA, L.; GUERRA, R. de C. G. (Orgs.) **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986-1994.

MAGALHÃES, J. R, S.; Silva, T. A.; Silva, R, F. **Formação de Professores de Língua Inglesa: uma Investigação sobre o uso das TIC nas Escolas Públicas de Arapiraca/Alagoas**. In: 7º Encontro Internacional de Formação de Professores - ENFOPE, 2013, Aracaju-SE. Formação de Professores e os Desafios da Prática da Educação Contemporânea, 2013.

MAGRIN, D. H. **A Utilização do Facebook como Ferramenta Alternativa de Ensino-Aprendizagem**. Revista Gestão Universitária, Edc. 314. 2013. Disponível em: <http://www.udemo.org.br/2013/Leituras/Leituras13_0008_A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DO%20FACEBOOK%20COMO%20FERRAMENTA%20ALTERNATIVA%20DE%20ENSINO-APRENDIZAGEM.html>. Acesso em setembro de 2017.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTOS, A. M. A. **Novos letramentos, ensino de língua estrangeira e o papel da escola pública no século XXI**. Revista X, v. 1, p. 33-47, 2011b.

MIGUEL, F.V.C. **A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da Linguística Aplicada**. Revista Odisseia, 2010.

MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTE MÓR, W. A formação de professores e alunos na sociedade digital: políticas e práticas educacionais no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. In: DALBEN, A. I. F. et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 577-594.

MORAN, E. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. 10.ed. [S.l.]: Bertrand Brasil, 2004.

MORETTO, V. P. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, A, K, O. O Ensino de Língua Inglesa sob o viés dos Letramentos Digitais. In: ZACCHI, V, J. STELLA, P, R. (Orgs) **Novos Letramentos, Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**. Maceió: EDUFAL, 2014. p.53-73.

NASSIM, L. M. G. **O uso de textos autênticos em um curso de inglês instrumental para conversação**. Diálogos Pertinentes: Revista Científica de Letras, v. 9, p. 7-147, 2013.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 5 ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2002.

PAIVA, V. L. M . O. **A formação do professor para uso da tecnologia**. In: SILVA, K.. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Orgs) A formação de professores de línguas: Novos Olhares - Volume 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. pg. 209-230.

_____. **A identidade do professor de inglês**. APLIEMGE: ensino e pesquisa. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997. p. 9 -17.

_____. **Letramento digital através de narrativas de aprendizagem de língua inglesa**. CROP. n. 12, 2007b, p.1-20.

_____. **O Novo Perfil dos Cursos de Licenciatura em Letras.** In: TOMICH, et (Orgs.). *A interculturalidade no ensino de inglês.* Florianópolis: UFSC, 2005. p.345-363 (Advanced Research English Series).

_____. **O uso de Glogster na formação do professor de língua inglesa.** In: RIBEIRO, Ana Elisa; NOVAIS, Ana Elisa Costa. (Org.). *Letramento digital em 15 cliques.* 1ed. Belo Horizonte: RHJ, 2012, v. , p. 158-166.

PASSOS, M. V. F. **O gênero “meme” em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais.** Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAMOS, S. **Tecnologias da Informação e Comunicação: conceitos básicos.** Portugal, 2008. Disponível em: <http://livre.fornecer.info/media/download_gallery/recursos/conceitos_basicos/TICConceitos_Basicos_SR_Out_2008.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2017.

ROMERO, T. R. S. **Autobiografias de professores de inglês: o entretecer de memória e narrativa na constituição da identidade profissional.** In: CELANI, M. A. A. (Org.). *Reflexões e ações (trans) formadoras no ensino-aprendizagem de inglês.* Campinas: Mercados de Letras, 2010. p. 141-172.

SAITO, F. S; RIBEIRO, P. N. de S. **(Multi)letramento(s) digital(is) e teoria do posicionamento: análise das práticas discursivas de professoras que se relacionaram com as tecnologias da informação e comunicação no ensino público.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, vol. 13 n 1. 2013. p. 37-65.

SANTOS, D. C. **Tecnologias da Informação e Comunicação na prática pedagógica docente.** 2016. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ensino, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, jan. 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/1047>>. Acesso em 18, fev. 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEIDMAN, I. E. **Interview as qualitative research. A Guide for Researchers in Education and the Social Sciences.** Columbia: Teachers College Press, 1991.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOARES, M. **Diários escolares reflexivos como narrativas de experiência de aprendizagem.** Contexturas: ensino crítico de língua inglesa. São Paulo, n 8, p.79-90, 2005.

SILVA, A. L.; VIEIRA, E. S. **O uso das redes sociais como método alternativo de ensino para jovens: análise de três projetos envolvendo comunidades virtuais.** Anais do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, s/p. Laranjeiras, Sergipe, Brasil, 2010.

STELLA, P. R.; TAVARES, R.R. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Inglês da UFAL: os letramentos em questão.** Belo Horizonte: RBLA, v. 12, n. 4, 2012, p. 955-970.

TANZI NETO A. et al. Multiletramentos em ambientes educacionais. *In*: ROJO, R.(Org.) **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola, 2013. p.135-158.

TAVARES, R. R. STELLA, P. R. **Novos Letramentos e a Língua Inglesa na era da globalização> desafios para a formação de professores.** Em ZACCHI, Vanderlei J; STELLA, Paulo Rogério. (Orgs.). **Novos Letramentos, Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa.** Maceió: EDUFAL, 2014.

TEIXEIRA, Madalena T.; REIS, Maria F. **A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa.** Revista Meta: Avaliação, v. 4, n. 11, p. 162-187, 2012.

UNEAL. Universidade Estadual de Alagoas. **Projeto Pedagógico do Curso de Letras.** Arapiraca, AL. 2010. Mimeo.

UNEAL. Universidade Estadual de Alagoas. **Projeto Político Pedagógico - Procampo.** Arapiraca, AL. 2009. Mimeo.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico- elementos para elaboração e realização.** São Paulo: Libertad Editora, 2006.

WARSCHAUER, M. **Electronic Literacies: language, culture, and power in on-line education.** Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1999. Disponível em: <http://www.gse.uci.edu/person/warschauer_m/elec_lit.html>. Acesso em: 03 mar. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Plano de aula 1

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL – CAMPUS III – PALMEIRA DOS ÍNDIOS – LETRAS/ INGLÊS
PROFESSORA: JOYCE RODRIGUES DA SILVA MAGALHÃES	
PLANO DE AULA 1	
TEMA: HOMOFOBIA	
Duração da aula: 120 a 150 min	Turma: 2º período de Letras – Inglês
Data: 02 de outubro de 2015	Disciplina: Língua Inglesa I
Objetivo geral: Refletir e discutir sobre o tema homofobia em língua Inglesa através da inserção de TIC na sala de aula.	
Objetivos de aprendizagem: <ul style="list-style-type: none"> • Promover uma reflexão crítica sobre homofobia através dos recursos disponíveis e da interação entre os alunos; • Encorajar os alunos a utilizarem a língua inglesa para exporem suas opiniões; • Disponibilizar acesso ao vocabulário, pronúncia e gramática de forma contextualizada através de vídeos e músicas ; • Despertar o interesse em utilizar TIC com vistas ao desenvolvimento dos letramentos digitais . 	
Previsão de dificuldades: <ul style="list-style-type: none"> • Como se trata de uma turma de nível iniciante, talvez os alunos tenham dificuldades em se comunicar em língua Inglesa. Assim, sempre que os alunos não puderem explicar sua ideias na língua alvo, eles poderão utilizar a língua materna. 	
Avaliação: <ul style="list-style-type: none"> • Interação com os alunos e com o professor durante a aula; • Utilização da língua inglesa, sempre que possível; • Resposta às atividades propostas; • Realização de homework. 	
Warm-up: Introdução do tema através de apresentação das imagens de três artistas famosos no projetor, questionando-os sobre quais semelhanças existem entre eles. Continuar com a imagem “I’m not homophobic but...”. Pedir para que os alunos completem a frase com o que eles costumam ouvir. Se possível, em Inglês.	
Procedimentos: <ol style="list-style-type: none"> 1. Mostrar um vídeo aos alunos intitulado “Imagine A World Where Being 'Gay' The Norm & Being 'Straight' Would Be The Minority! [Short Film]; 2. Pedir aos alunos para responderem perguntas sobre o video em grupo, se preciso, utilizar o celular para auxiliá-los na escrita em inglês. 3. Promover um debate em grupos sobre o tema abordado no vídeo, encorajando os alunos a falarem em Inglês: Ex: I think...; In my opinion...; If I were...; 4. Falar sobre a história da música “I kissed a girl” de Katy Perry, tocar e pedir para os alunos responderem uma atividade sobre vocabulário e tradução; 	

5. Encorajar os alunos a refletirem e discutirem sobre o tema abordado na música.

Homework:

Mostrar alguns memes contra homophobia, inclusive um pessoal, e pedir para que eles criem memes com suas fotos e postem no grupo do Facebook.

Metodologia e material utilizado:

Aula comunicativa e interativa através do uso de projetor, notebook, caixas de som, celular, cópias, lousa e pincel.

Resultados esperados:

- Participação, interação e engajamento na aula;
- Conscientização sobre o tema homofobia;
- Aprendizagem do vocabulário, pronúncia e gramática utilizados.

Referências:

Música disponível em: www.vagalume.com.br

Vídeos disponíveis em: www.youtube.com.br

Imagens disponíveis em: www.google.com/imagem

APÊNDICE B – Plano de aula 5

		UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL – CAMPUS III – PALMEIRA DOS ÍNDIOS – LETRAS/ INGLÊS	
PROFESSORA: JOYCE RODRIGUES DA SILVA MAGALHÃES			
PLANO DE AULA 5			
TEMA: KARAOKÊ			
Duração da aula: 120 a 150 min		Turma: 2º período de Letras - Inglês	
Data: 30 de outubro de 2015		Disciplina: Língua Inglesa I	
Objetivo geral: Proporcionar um momento de conclusão da pesquisa utilizando as músicas trabalhadas durante as aulas anteriores.			
Objetivos de aprendizagem: <ul style="list-style-type: none"> • Praticar o <i>listening</i> e <i>speaking</i> através do uso do Karaoke; • Desenvolver a pronúncia em Língua Inglesa através das músicas; • Propor uma aula dinâmica e interativa através do uso de vídeos e músicas; Despertar o interesse em utilizar TIC em suas práticas futuras enquanto professores de inglês 			
Previsão de dificuldades: <ul style="list-style-type: none"> • Prevendo a timidez e a dificuldade de alguns alunos, propus que eles escolhessem outras músicas que tivessem maior afinidade, além das músicas trabalhadas durante as aulas anteriores. 			
Procedimentos: <ol style="list-style-type: none"> 1. Organizar em duplas a ordem e as músicas que cada dupla irá cantar; 2. Pedir aos alunos para cantarem suas músicas escolhidas; 3. Agradecer aos alunos pela participação e contribuição na pesquisa. 			
Material utilizado: Projetor, notebook, caixas de som e microfones.			
Resultados esperados: <ul style="list-style-type: none"> • Participação, interação e engajamento na aula; • Melhoramento da audição, fala e pronúncia em língua inglesa. 			
Referências: Música disponível em: www.vagalume.com.br Vídeos disponíveis em: www.youtube.com.br Imagens disponíveis em: www.google.com/imagem			

APÊNDICE C– Diário 1 da Professora**Diário 1 – 13/09/15**

Esse é o primeiro diário do processo de pesquisa e visa descrever, informar, reconstruir e confrontar os rumos da pesquisa e das aulas. Para chegar até esse momento, algumas decisões foram tomadas. As aulas do segundo semestre na universidade iniciaram dia 4 de agosto, e a pesquisa estava prevista para ser realizada em outubro. Desse modo, eu teria um mês (agosto) para escolher a turma com a qual eu realizaria a pesquisa e um mês (setembro) para planejar as aulas, a coleta de dados e informar a turma da decisão. Me foram dadas três turmas, 2º período com a disciplina de língua Inglesa I e aulas às sextas à noite, 4º período com a disciplina de língua Inglesa I e II (por falta de professor nos períodos anteriores) às sextas à tarde e 6º período com a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Inglesa com aulas às terças à tarde. Durante o mês de agosto, realizei entrevista coletiva em todas as turmas a fim de escolher a turma integrante da pesquisa e o que determinou a escolha da turma foi perceber que única turma que a maioria desejava seguir a carreira de professor era o 2º período. Tendo escolhido a turma, o próximo passo foi comunicar aos alunos da minha escolha, explicar-lhes a pesquisa e pedir suas autorizações. Na aula do dia 11 de setembro, concluímos a primeira unidade do livro *English File Elementary*, livro adotado por mim com aceitação total dos alunos por ser um livro rico em propostas comunicativas e que integra todas as outras habilidades, material extra e possibilidades de uso de recursos tecnológicos durante as aulas, disponibilizados pelo próprio livro. Essa aula se iniciou com uma revisão da aula anterior, uma proposta de comunicação em trio. Os alunos deveriam fazer perguntas uns aos outros sobre nome, sobrenome, e-mail e número de telefone. Assim eles revisariam, números e alfabeto, ao pedirem para os outros soletrarem seus nomes e sobrenomes para anotarem em um formulário disponibilizado por mim. Após explicar como realizaria a interação, eu acompanhava o desempenho de cada trio ajudando na pronúncia correta das palavras. É importante salientar que, apesar de se tratar de uma turma de segundo período e da disciplina de Inglês I, as aulas são todas em Língua Inglesa, quando os alunos não compreendem, utilizo mímicas. Após esse momento de warm up, dei continuidade à aula mostrando-lhes uma imagem do livro digital no projetor, perguntei-lhes que lugar era aquele. Alguns alunos responderam que não sabiam, outros disseram “The Tower Bridge in London”. Em seguida, havia um pequeno vocabulário e uma questão sobre hotéis que pedia para relacionar a imagem com a palavra correta, após pedir para eles repetirem cada palavra para praticar a pronúncia, os alunos responderam a questão corretamente. Essa unidade do livro era composta por vários vídeos com diálogos entre dois personagens que trabalhavam numa mesma editora mas, em cidades diferentes (Londres e Nova York). Durante os vídeos, os alunos tinham que responder aos questionamentos com verdadeiro e falso, conhecer algumas palavras diferentes do Inglês britânico e americano, repetir os diálogos do vídeo trocando as informações pelas suas próprias informações e entender alguns tópicos gramaticais como “Can you...? Can I have...? e Would you like...?” os quais foram explicados através de exemplos e então foi pedido para que os alunos criassem e praticassem essas perguntas com o colega ao lado. Próximo ao final da aula, comecei a explicar a minha pesquisa de mestrado em Inglês, em seguida perguntei se eles gostaria que eu falasse em português, alguns responderam que sim, outros não responderam, então preferi falar em Português para me certificar de que todos entenderiam. Comecei com a justificativa da pesquisa, falei que no curso de Letras não há uma disciplina direcionada a formar para o uso das TIC no ensino de Inglês, que há uma eletiva, Tecnologias e Educação, mas

que nunca é ofertada. Falei da era digital, que os alunos são nativos digitais e nós professores somos imigrantes digitais. Perguntei a eles quem, desde criança tem computador em casa. Ninguém respondeu sim. Concluí, dizendo que escolhi aquela turma para realizar a pesquisa, por perceber que a maioria deseja lecionar e por serem os alunos que mais participam no grupo do *Facebook*, respondendo à perguntas e interagindo com os outros integrantes da pesquisa, principalmente em inglês. É importante dizer que foram criados grupos no *Facebook* para todas as turmas. Após ter falado sobre a pesquisa, perguntei a eles se aceitariam participar da pesquisa e enfatizei que precisava da colaboração e motivação de todos. Todos aceitaram participar e percebi a empolgação da maioria. Então, li o termo de assentimento e pedi para que eles assinassem. Havia 16 alunos na sala de aula, em um total de 23. Duas alunas eram menor e levaram os questionários para serem assinados pelos pais ou responsáveis. Em seguida, dei-lhes o questionário de pesquisa com 8 perguntas abertas sobre docência, tecnologia e letramentos digitais . Todos responderam o questionário e me entregaram. Por fim, agradei a todos e finalizei a aula.

APÊNDICE D– Diário 2 da Professora**Diário 2 – 02/10/15**

Esse é o segundo diário da pesquisa e tem como objetivo descrever e provocar uma autorreflexão sobre a primeira aula da coleta realizada em 02/10/15. A aula iniciou-se às 19:30 com 12 alunos em sala. A disposição das cadeiras na sala é em formato de dois semi-círculos, um dentro do outro, e a maioria dos alunos estava de um lado da sala uns atrás dos outros. Pedi para que eles ficassem no semi-círculo menor uns em frente aos outros, para que se vissem e a interação fosse mais efetiva. Assim que eles tomaram suas novas posições, iniciei a aula, falando em Inglês, mostrando-lhes fotos de três artistas famosos no projetor e lhes perguntei seus nomes e profissões, após apresentar as três fotos de Elton Jhon, Jhon Travolta e Ricky Martin, lhes perguntei o que havia em comum entre eles. Rapidamente um aluno levantou a mão e disse “Tudo gay, tudo viado, tudo bicha”, após pedir que ele repetisse, ele se retratou dizendo “todos homossexuais”, em seguida eu perguntei se há mais algumas semelhanças entre eles, e os alunos acrescentaram são famosos e bonitos. Aproveitei o momento para explicar alguns adjetivos sinônimos de bonito usados para homens (handsome, good-looking, attractive, gorgeous). Perguntei aos alunos porque eles disseram a primeira característica em comum “Gay” e o mesmo aluno respondeu em Inglês “It was the first thing I thought”. Perguntei se a sexualidade das pessoas é importante e ele disse que não. Em seguida, mostrei-lhes uma imagem no projetor que dizia “I’m not homophobic, but...” e perguntei-lhes se é comum ouvir isso entre as pessoas, eles responderam que sim. Então pedi para que eles acrescentassem após o “but” frases que costumavam ouvir e então eles disseram “I wouldn’t like it to myself; my son no; I accept in another house, but in my house not”. Após esse momento, expliquei aos alunos que passaria um vídeo de 20 minutos sobre homofobia chamado “Imagine A World Where Being 'Gay' The Norm & Being 'Straight' Would Be The Minority! [Short Film]”, pedi-lhes que prestassem bastante atenção no vídeo porque discutiríamos sobre ele em seguida. Após assistirem ao vídeo, pedi para que eles formassem grupos de 4 alunos. Assim foram formados 3 grupos de 4 alunos. Para cada grupo foi dado um roteiro de 6 perguntas sobre o filme e pedido que discutissem sobre elas. Durante as discussões, acompanhei cada grupo, questionando e problematizando as discussões. Em um dos grupos, presenciei dois depoimentos emocionantes de dois alunos gays falando sobre como eles se reconheceram gays e como suas famílias reagiram ao saber que eles eram gays e se colocarem no lugar da personagem principal do vídeo. Após vinte minutos de discussões em grupos, pedi para que eles retornassem aos seus lugares, formando um só grupo. Em seguida começamos a discutir sobre as reflexões feitas no grupo menor. Esse foi momento mais importante da aula, onde os alunos externaram suas reflexões sobre o assunto. Deixei claro para os alunos que eles podiam falar em português, se não se sentissem a vontade em falar em Inglês. Comecei fazendo a primeira pergunta do roteiro “What most caught your attention in the video?” e um aluno de cada grupo respondeu pelo grupo todo. Todos disseram que a situação inversa foi o que mais chamou a atenção deles. Ao fazer a segunda pergunta, “What would you do if you were Ashley?”, garota heterossexual em um mundo homossexual, um aluno respondeu “Eu sou uma Ashley da vida. Eu só contei para os meus pais porque eles me perguntaram”. Ao perguntar por que ele disse: “por medo de não ser aceito, pois eu mesmo não tinha me aceitado”. Segui com os questionamentos, alguns alunos se sentiam à vontade em responder às perguntas, outros só falavam quando chamados pelos nomes. Uma aluna, que ainda não tinha comentado disse: “eu tenho um vizinho que é homossexual, que batalhou na vida, mas é uma boa pessoa”. No mesmo instante

os alunos disseram: “é aí onde está o preconceito, no “but”. Um aluno homossexual disse: “eu mesmo tive preconceito quando a professora mostrou as fotos dos famosos e eu disse é tudo gay...”. Concluímos as discussões sobre o vídeo, em seguida perguntei se eles conheciam a Katy Perry e sua música “I kissed a girl”. Eles responderam que sim. Contei-lhes a história da música em seguida entreguei-lhes a letra da música para que acompanhassem o vídeo e respondessem a uma atividade de circular a palavra correta na música e associar a letra com a tradução. Passei o vídeo duas vezes e então fiz a correção da atividade, a qual realizaram sem dificuldade. Em seguida pedi para ficarem em duplas e responderem às perguntas sobre a música da Katy Perry. Após alguns minutos de discussão em dupla, toda a turma discutiu sobre os sentidos da música e suas implicações na vida real. Ao questionar se duas garotas que se beijam são gays, um aluno disse: “Não. E se fossem dois garotos? Eles seriam gays.” Também perguntei se eles acham que as pessoas nascem gays ou se tornam, alguns responderam que nascem, mas descobrem com o tempo. Concluímos as discussões sobre a música. Logo após mostrei-lhes alguns memes contra a homofobia, inclusive um meu com dois amigos gays que são namorados com a frase “All we need is love. Stop Homophobia”. Então pedi para que eles criassem memes contra a homofobia e postassem no grupo do *Facebook*. Entreguei-lhes uma folha para escreverem os diários sobre as reflexões da aula, após concluírem me despedi e encerrei a aula. Percebi que apesar de eu ter falado em Inglês, como era previsto, durante as discussões poucos alunos arriscaram responder em Inglês. Quanto às discussões, alguns alunos se sentiram muito à vontade para discutir o assunto e mostraram-se felizes em fazer isso na universidade. Outros falaram pouco, apenas quando chamados pelo nome. Enfim, a aula saiu como o planejado e as discussões foram muito satisfatórias.

APÊNDICE E – Questionário sobre a música “I kissed a girl”**“I kissed a girl”**

1. What's is the meaning of the song?

2. What is the song trying to say?

3. Do you think a girl who kisses another girl is gay?

4. Do you think that people are born gay or become gay?

5. What do you think the composer meant by “It felt so wrong, It felt so right”?

6. Do you think people are more courageous when they drink?

ANEXOS**ANEXO 1 – Autobiografia A1**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
/FACULDADE DE LETRAS - FAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Meu nome é [REDACTED] tenho 17(dezessete anos) anos sou de novembro de 1997, nascida e criada em Bom Conselho-PE, sou a filha caçula da família e tenho apenas um irmão. Comecei a estudar com 6(seis)anos de idade no sítio onde moro, terminando o ensino fundamental I logo comecei os estudos mais sérios, no 4º(quarto)ano iniciei a língua estrangeira(Inglês)assim que me deparei com a importância da língua suas origens e seu ensinamentos enfim para que ela realmente serve que nada mais nada menos é a comunicação e o entendimento não adianta saber comunicar-se sem ter um entendimento, é claro que eu já tinha um contato com a língua através das músicas e filmes que eu amo.

Então passando para o ensino médio foi que me dei conta de quanto gosto da língua e me interesse por estudar mais e mais profundamente essa língua tão linda, foi então que quando eu estava no 3º(terceiro) ano do ensino médio no finalzinho do ano decidi me inscrever para o vestibular não tendo nem uma dúvida do curso que iria escolher "Letras" é obvio, e fiz a inscrição rezei muito para passar e aqui estou nesse curso que tanto amo conhecendo cada vez mais pessoas ótimas, no começo eu não tinha nem um professor que me inspirasse apesar de ter tido professores muito bem capacitados mais hoje eu tenho essa mulher que me fez ter mais certeza do que eu quero desde a primeira aula que tivemos foi ali que eu soube e pensei um dia eu quero ser como ela e hoje é nela que eu me espelho. Obrigado Joyce por ter me feito reforçar tudo aquilo que eu já tinha certeza pra minha vida. E é isso!

Thanks.

ANEXO 2 – Autobiografia A2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Meu nome é [REDACTED] tenho 21 anos morro na zona rural de Quebrangulo sempre estudei em escolas publicas, nunca tive professores de inglês que mim estimula-se e a fazer letras inglês, na verdade o que eu queria mesmo fazer era veterinária mais como não tinha condições de morra em viçosa não continuei o curso, então a Uneal foi o que restou no inicio do curso não gostava mas segui em frente já tentei desistir do curso pó não conseguir acompanha o ritmo dos professores e dos colegas, já fui motivo de gargalhadas na sala de aula mas não sou d desistir fácil do que começo então agora o meu objetivo é falar inglês fluente por mais que não seja professor, estou tentando estuda em casa.

ANEXO 3 – Autobiografia A3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Me chamo [REDACTED], tenho 30 anos, sou natural de Santana do Ipanema-Al. Mãe de dois filhos, Técnica em Radiologia, Auxiliar Administrativa, Acadêmica de Letras/Inglês pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Ingressei no curso de Letras por gostar muito de linguas, e para poder aprender mais, pois sempre fui estudante de escola pública, onde o ensino era e é, arrastado e pobre. Mas, apesar dessa dificuldade, nunca desanimei. Sempre mantive a vontade e a curiosidade de aprender mais, principalmente o inglês que sempre fui fascinada! Embora o acesso tenha sido mínimo, devido a ser de família humilde e de 4 irmãos, meus pais não podiam me ofertar algo maior, por isso hoje, estudante de Letras, vejo que é a oportunidade que me faltou de conhecer mais a fundo, esse universo maravilhoso do inglês.

ANEXO 4 – Autobiografia A4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

SOU [REDACTED], CASADA, 21 ANOS, NATURAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS-AL, NASCI AQUI, PORÉM PASSEI PARTE DA MINHA VIDA NA CIDADE DE PROPRIÁ-SE COM MEUS AVÓS MATERNOS, CONCLUI O ENSINO MÉDIO NO ANO DE 2011 NO ESPAÇO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR.

MINHA FAMÍLIA JÁ TEM O CONTATO COM INGLÊS TENHO UMA TIA PROFESSORA HÁ MUITOS ANOS, E A FILHA MAIS NOVA DELA SE FORMOU RECENTEMENTE, SEMPRE TIVE ADMIRAÇÃO, QUERIA TENTAR, MAS NÃO TINHA CORAGEM, POIS ACHAVA MUITO DIFÍCIL. QUANDO MEU MARIDO DECIDIU CURSAR E ME CHAMOU PARA FAZER JUNTO NO COMEÇO NÃO QUIS, MAS LOGO DEPOIS ACEITEI.

HOJE TEMOS MUITOS DESAFIOS PARA CONTINUAR NO CURSO, POR TRABALHARMOS NOS FINAIS DE SEMANA ACABAMOS NÃO PODENDO COMPARECER NAS AULAS, ESTAMOS TENTANDO.

ANEXO 5 – Autobiografia A5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Sou [REDACTED], nasci no dia doze de fevereiro de mil novecentos e noventa e nove (12/02/1999) em São Paulo – SP. Comecei a estudar muito nova com mais ou menos três (03) anos de idade, sempre fui boa aluna e nunca repeti de ano. Meu interesse pela língua inglesa começou quando eu tinha quatorze (14) anos quando estava cursando o 2º ano do ensino médio, por causa de um clipe musical (*Not This Time*) do meu ídolo (Gusttavo Lima), fiquei curiosa para saber o que a letra da música dizia, e fui ficando cada vez mais fascinada pelo inglês. Quando terminei o ensino médio, fiquei sabendo que as inscrições para o vestibular da UNEAL estavam abertas, quando fui fazer a minha inscrição não tive dúvida de que curso fazer, fiz a prova e fiquei aguardando o resultado, unas semanas antes de sair o resultado fiquei sabendo que tinha passado no ENEM para cursar letras/português em Arapiraca, mais antes de qualquer coisa esperei o resultado da UNEAL para saber se iria passar e graças a deus passei para o curso que eu queria estou muito feliz e realizada.

ANEXO 6 – Autobiografia A6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: ██████████ *Idade:* 18

Data: 01/10/2015 *Instituição:* UNEAL *Curso:* Letras- Inglês *Período:* II

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

O ensino médio na Escola Estadual professora Maria de Lourdes Santos da Silva, localizada na cidade de Batalha-al, lá não aprendi muita coisa na disciplina de língua inglesa, talvez pela falta de um bom ensino em escolas da rede pública, mas as poucas aulas que tive me rederam o suficiente para aprender o nível básico. Foram músicas, filmes e jogos que despertaram em mim uma enorme curiosidade e uma grande vontade de aprender e falar Inglês fluente. Familiares e amigos, já trabalhando na área, me ajudaram bastante a optar pela escolha do curso de Letras-Inglês. Prestei então o vestibular da UNEAL e acabei sendo aprovado. Mas tinha um grande problema, como eu poderia ingressar na faculdade sabendo tão pouco? Decidi correr atrás do prejuízo pagando cursinho e me dedicando um pouco mais. Hoje sou graduando em licenciatura Letras-Inglês e faço cursinho semanalmente.

Anexo 7 – Autobiografia A7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Meu nome é [REDACTED], tenho 19 anos, iniciei os estudos aos 03 anos de idade e tive como primeira professora minha mãe, foi uma grande experiência.

Aos 11 anos entrei para o fundamental das séries finais (do 6º ao 9º) e foi na aula de um professor de inglês, cujo havia cursado graduação na UNEAL-Universidade Estadual de Alagoas, que o interesse pela língua inglesa surgiu, ele havia levado um plano de aula baseado na música “Dust in the Wind”-scorpions e achei muito interessante o fato de aprender cantando, de poder cantar em aulas, já que na época era proibido os celulares ou fones de ouvido durante as aulas, e isso foi uma forma de quebrar esse tabu e mostrar que o uso das TICs em sala de aula é bastante atrativo para o aluno, principalmente alunos como eu, que sou apaixonada por música, esqueci de mencionar, canto junto com minha irmã desde os 08 anos de idade, e aos 16 anos fui chamada para fazer parte de uma banda a qual precisava-se de uma vocalista que cantasse em inglês, pois era uma banda de anos 60 e haviam músicas bem legais como: twist and shout, oh Carol, Diana, let’s twist again, entre outras.

Conclui o ensino médio aos 17 anos, posso dizer que foi uma fase bastante turbulenta pois o professor de língua inglesa não dava a mínima para suas próprias aulas, em outras palavras não ensinava nada, e então surgiu uma pequena discussão entre o mesmo e eu, onde reuni o conselho escolar e consegui juntamente com outros alunos a substituição do professor.

Hoje estou cursando o 6º período de letras-inglês pela UNEAL, e me orgulho disso, primeiramente por fazer um curso o qual amo e secundamente por ter conseguido, pois este mesmo professor o qual mencionei no parágrafo anterior, certa vez me perguntou por que eu fazia tanta questão pelas aulas de inglês e então falei: porque eu amo, e vou cursar futuramente. Ele me falou que eu jamais conseguiria e diante de toda turma me humilhou pelo fato de minha mãe e eu vendermos lanche na porta do colégio para ajudar nas despesas de casa, cursar letras hoje foi uma forma de mostrar para ele que em meu primeiro vestibular consegui passar no curso que queria independentemente do que fazia.

Tenho isso como uma forma de superação e motivação, algo também que me motiva é o fato de hoje uma professora minha e bastante competente ter sido fruto da mesma universidade que estou e isso é mais uma forma de mostrar que podemos ir além do que a sociedade impõe que sejamos, não tendo que limitar-se a nada.

Never say never

ANEXO 8 – Autobiografia A8

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Chamo-me [REDACTED], nascido em 10 (dez) de setembro de 1997 (mil novecentos e noventa e sete), sou o terceiro filho da família de minha mãe, e o primeiro filho da família de meu pai, todavia tenho 4 (quatro) irmãos. Comecei a estudar com 3 (três) anos em escola de esfera pública no município de Igaci/Al, ingressei nas séries iniciais sabendo ler, pois, tinha aprendido em casa; era uma escola grande, mas, o que dificultava a aprendizagem era a falta de capacitação docente. Depois do 6º (sexto) ano, mudei-me para outro colégio que também era de rede pública, este em tamanho menor, porém, bem organizado, os professores se mostravam felizes e responsáveis em executar sua função. Levando em conta que para a maioria das disciplinas não tinha professor, inclusive a disciplina de Inglês, foi o que me despertou a curiosidade para examinar a fundo a língua inglesa, nasceu de uma admiração por uma linguagem estrangeira que ao conhecer, identifiquei-me bastante. Até que concluí o Ensino Médio no ano de 2013 (dois mil e treze), e 2 (dois) anos depois resolvi ingressar no curso que mais me chamou a atenção: LETRAS INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS. Daí então estudava constantemente até o dia da prova, contei com a força divina e com os conhecimentos adquiridos até então. A prova tinha sido finalizada e agora somente me restava aguardar (ansiosamente) pelos resultados. Eis que o resultado é publicado e corro ao site ainda congestionado, até que recebo a ligação de um amigo que me dizia com bastante emoção que tínhamos sido aprovados. Desde então venho tentando ao máximo dar o melhor de mim para o curso, que futuramente será minha profissão: PROFESSOR.

ANEXO 9 – Autobiografia A9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ Idade: _____

Data: _____ Instituição: _____ Curso: _____ Período: _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Meu nome é [REDACTED], tenho 19 anos.

Aos 11 anos entrei no ensino fundamental II e foi aí que começou meu real contato com o inglês, minha maior influencia para gostar do inglês são as músicas, desde o rock que meu pai ouvia (Scorpions, Queen, RHCP etc.) até os CDs pop que tinha dos anos 2000 (faz tempo kkkk). No ensino fundamental, na Escola Estadual Almeida Cavalcanti tive uma professoras de inglês, ela só falava “de um tal de verbo “Two Bee” →”. Nesse período de descobertas encontrei as Divas Pop e era o auge da GaGa virei logo Little Monster.

Então, entrei para o ensino médio na Escola Estadual Graciliano Ramos (Escola de Magistério), onde conhecer pessoas que amavam o inglês inclusive a professora (bom pelo menos um das duas que tive no Ensino Médio), quando estava no 4º ano pensando fazer o vestibular para Biologia, a boa professora me chamou e disse:

- [REDACTED], você vai fazer o vestibular para inglês né?

Eu respondo:

- Não, biologia mesmo.

A professora diz:

- Rapaz, você leva jeito para línguas, se você aprendeu Japonês você se dará bem no Inglês, e sem falar que há uma falta muito grande de professores de Inglês.

Pensando nas palavras dela e vendo que a concorrência para Biologia estava alta demais resolvi fazer para inglês... E aqui estou eu no segundo período ^^.

Apesar de ter muitos desafios com relação ao idioma, sei que se me esforçar conseguirei ficar fluente e quem sabe me tornar um professor de idioma que tem tanta influencia no mundo. E também irá me ajudar com meu japonês afinal 20% do vocabulário japonês tem derivação do inglês. Espero que tudo de certo Deus me dê forças pra continuar no curso e mostrar como é ser um professor de verdade e não um de faz de conta.

ANEXO 10 – Autobiografia A10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ Idade: _____
 Data: _____ Instituição: _____ Curso: _____ Período: _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Sou [REDACTED], tenho 19 anos, nascido em Palmeira dos Índios, Alagoas. Minha família não é muito unida, e meus pais são separados. Atualmente moro apenas com meu pai e meu irmão.

Desde sempre, nunca gostei muito de estudar, sempre preferi ficar em casa jogando videogames a ir para escola, mas minha mãe, enquanto morava comigo, nunca me deixava faltar, pois era muito rigorosa nesse aspecto, enquanto meu pai nunca se importava com nada disso. Mas mesmo depois que passei a morar apenas com meu pai e irmão, nunca deixei de estudar.

Voltando ao tempo do colégio, lembro-me que sempre fui antissocial e não tinha muitos amigos, não saía da sala no intervalo e sempre ficava sozinho na minha. Isso só piorou ainda mais na adolescência, onde começaram as mudanças físicas: fiquei muito gordo, com rosto deformado pela acne, entre outras coisas. E com tudo isso, o bullying.

Passei a odiar ainda mais o fato de ter que ir ao colégio todos os dias, e evitava ao máximo possível ser visto, pois sentia vergonha de mim mesmo e sabia que seria motivo de piadas. Fui fazer o ensino médio em outro colégio na esperança de resolver tal problema, mas apenas o amenizou. Fiz algumas novas amizades no novo colégio, que me ajudaram bastante a passar por isso.

Logo no primeiro ano, fiz amizade com um menino que entendia muito de inglês. Confesso que fiquei com um pouco de inveja, pois /sempre gostei da cultura norte-americana, mas nem sabia sequer o idioma da mesma. Passei então a estudar na internet, entre blogs e fóruns sobre a língua inglesa, para competir com esse meu amigo em sala de aula. E consegui superar ele, sendo considerado o melhor na matéria até o final do ensino médio.

Confesso que minhas professoras de inglês não eram muito boas, e não me ajudaram muito pouco nesse aspecto, pois eu mesmo, ao final do ensino médio, já sabia mais que elas. O que realmente me fez querer aprender inglês foi o instinto de competitividade do ensino médio, e a paixão pela cultura norte-americana, suas séries, filmes e músicas.

Nunca tinha pensado em ser professor antes, mas com a boa experiência na língua inglesa no ensino médio, decidi prestar vestibular para licenciatura em Letras – Inglês da UNEAL, pois achei que seria mais fácil por já ter certa “experiência” com a base do curso. Já estou me acostumando com a ideia de ser professor. Estou no segundo período e estou amando o curso e todos os amigos que fiz por lá.

ANEXO 11 – Autobiografia A11**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:**

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Meu nome é [REDACTED], tenho 24 anos e passei toda minha vida escolar em escola particular, sendo bastante superficial a aprendizagem da língua inglesa. Bem, para ser sincero, minha experiência com o aprendizado do Inglês foi bem traumática, em parte. No Ensino Fundamental I, tinha uma professora bastante dinâmica e que sempre trazia formas diferentes de nos ensinar. Já no restante do Ensino Fundamental e Média, tive um professor tido como o terror dos alunos, daí vem bastante da minha dificuldade nos assuntos que vieram e carrego até hoje uma deficiência em gramática. E os resultados dessas experiências? Mais e mais recuperações e reposições. Porém uma metodologia de ensino adotada por esse professor, eu achava válida e me ajudou a não passar o Ensino Médio em branco, sempre que possível ele trazia violão e nos apresentava músicas na sala de aula. Acho que essa minha dificuldade, juntamente pela admiração pela língua e cultura Inglesa, despertaram meu interesse pelo curso e querer me tornar um professor de Inglês.

ANEXO 12 – Autobiografia A12

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Meu nome é [REDACTED] tenho 17 anos de idade, sou natural de Maceió, mas morei e cresci na cidade de Taquarana, comecei a estudar cedo, com quatro anos de idade, sou o filho mais novo, tenho apenas um irmão no qual me ajuda bastante, meu interesse pelo estudo da língua inglesa partiu do ensino médio, devido a uma professora que tive, e também pelo incentivo de meus amigos, visto que eu estava em dúvida sobre o que cursar, meu aprendizado na língua inglesa foi pouco, sempre estudei em escola pública e nunca tivemos uma aula que fosse realmente de qualidade, por falta de motivação dos professores e também devido aos alunos, cheguei a ter aulas de qualidade quando estive no terceiro ano do ensino médio, foi quando tive mais contato com a língua, eu a acho incrível, e sim, pretendo me desenvolver e melhorar. Bom, sou bastante indeciso ainda, ansioso, bom, sou cheio de dúvidas, passei no curso, e de certo estou começando a gostar, me apareceram algumas paixões, principalmente pela literatura, acho ela divina, poemas, contos, romances, vejo nisso uma saída para bastante problemas, assim como grandes escritos encontraram refúgio nas palavras. Enfim, optei por Letras-Inglês e aqui estou, escrevendo um pouco sobre mim.

ANEXO 13 – Autobiografia A13

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Chamo-me [REDACTED] nascida em 20 de janeiro de 1994 morro com meus pais e meu único irmão e sempre estudei em escola publica e por morar em um local onde a escola era muito longe da minha casa comecei a estudar com seis (6) anos . Tínhamos que ir há pé porque não tinha transporte pra levar a gente, era eu e mas quatro primos.

O meu contato com o inglês, foi no quinto ano do ensino médio, quando passei a estudar no povoado da minha região, lá conclui até o nono ano .No tempo que eu estudava sempre teve professores capacitados mas, que sempre vinham de fora, os demais anos já fiz em outra cidade .E quando terminei o ensino médio em dois mil e dose (2012) ainda estava confusa não sabia realmente o que queria, pensava em engenharia mas nunca fui muito boa com os números passei dois anos parada e nesse tempo vi o quanto havia aumentado a carência por professores de inglês, principalmente em minha região.

Não há pessoas capacitadas e vendo essa necessidade para a área e juntando o meu interesse pelo inglês descobri que era realmente aquilo que queria, então resolvi fazer o vestibular, muito confiante e sempre estudando. Quando saiu o resultado já soube por uma amiga de minha prima pois como teve um atraso na divulgação dos resultados eu nem havia olhado, mas quando a menina mim falou fui correndo ver e quando vi meu nome quase não acreditei fiquei muito feliz e hoje estou aqui na luta pelo que sempre quis.

ANEXO 14 – Autobiografia A14

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ Idade: _____
 Data: _____ Instituição: _____ Curso: _____ Período: _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Sou [REDACTED] nascida em 08/05/1991 morrei com meus pais Lourenço Paulo e Maria zélia até o início do ensino médio tenho mas seis (6) irmãos além de mim ,sempre estudei em escola publica ,comecei a estudar aos seis (6) de idade no pré , com dez (10)anos passei a estudar o 5º ano do ensino fundamental em outra escola nessa tinha métodos um mas eficaz ,professores capacitados foi onde passei a conhecer a matéria de inglês que me identifiquei muito e adorava ouvir a professora falar em inglês ,não sabia muito ,mas pelo fato de querer conhecer outro idioma e acha bonito tive mas interesse na matéria , sentia muito a falta de professor de inglês pois na escola em que fiz o ensino fundamental só tinha uma professora pra todas as séries , tudo isso fez com que minha curiosidade aumentasse pra saber mas sobre a língua inglesa e a vontade de fazer letras em inglês ,surgiu na curiosidade de traduzir musicas e o modo das pessoas falarem, quando comecei a estudar o ensino médio tinha uma professora maravilhosa ensinava muito bem e despertou-me mas ainda a vontade de fazer letras em inglês, quando terminei o ensino médio em dois mil e onze(2011)sabia o que queria ,mas fui trabalhar e deixei um pouco de lado meus estudos ,em dois mil e quatorze(2014) abrião as inscrições da UNEAL e minha prima fez minha inscrição fiz aprova mas não tava muito confiante se iria passar pois não tinha estudado e pra completa fazia não fiz cursinho não tinha estudado e pra completa tava com um bom tempo que tinha terminado o ensino médio. Quando saiu o resultado minha irmã me ligou não acreditei , mas quando fui ver tava lá, adorei o resultado e veio na hora certa ,espero ficar até o final do curso e conquistar todos os meus objetivos.

ANEXO 15 – Autobiografia A15

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e Letramentos Digitais: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ *Idade:* _____
Data: _____ *Instituição:* _____ *Curso:* _____ *Período:* _____

AUTOBIOGRAFIA

Escreva sobre sua história na educação e no ensino/aprendizagem de Inglês. Explique que experiências de aprendizagem você teve, qual o grau de sucesso que elas tiveram e de que forma suas experiências influenciaram na sua escolha de ser professor de inglês.

Comecei a gostar de inglês ainda na infância, sempre gostei de jogos no quais a língua predominante era o inglês. Um pouco mais tarde, no ensino médio, tive meu primeiro contato com o verbo “to be”, o método ensinado não era tão fácil de assimilar, pois era apenas no quadro e só ouvia a voz do professor. As atividades rotineiras eram sempre sobre gramática inglesa, aliás, era nisso que se baseava a aula, gramática inglesa, era uma das piores aulas que tínhamos, e isso com certeza faz com que o aluno fique desmotivado para aprender inglês, um exemplo claro de que o professor faz a aula boa ou ruim era meu antigo professor de geografia, matéria na qual eu considerava a matéria mais chata, mas ele dava a aula toda contando piadas relacionadas a geografia, e de uma forma muito estranha conseguíamos aprender bem qualquer assunto, e mais que isso gostar de tudo aquilo. O curso de letras em minha vida, mesmo fazendo Licenciatura, não desperta em mim o desejo de ser professor, pois me sinto mais realizado com minha profissão atual (Fotógrafo), mas me identifico muito com a língua, desde pequeno tenho o interesse de falar fluentemente e acho que com o domínio da língua inglesa você se torna um profissional mais qualificado e entende melhor o mundo ao seu redor, já que vivemos em um mundo totalmente globalizado e onde o idioma que une todos os povos hoje em dia é o Inglês.

ANEXO 16 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: XXXXXXXXXX Idade: 21
 Data: 10/09/15 Instituição: Unreal Curso: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Porque sempre admirei a língua inglesa e me desajei a aprender para poder repassar para outras pessoas.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Não, mas pretendo lecionar em breve.

3. O que a docência significa para você?
Significa ter uma base na vida, está sempre absorvendo novas informações que com toda certeza me servira no futuro mas não duvidar.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Do xô minha tia falava o inglês fluentemente e pela vontade de viajar para fora do Brasil um dia.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Espero sair ao menos com uma palavra nova na boca, interagir com a professora para absorver todo conhecimento que ela possui e está disposta a passar.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Use bastante no meu cotidiano, meu trabalho exige muitas coisas que somente a tecnologia pode fazer.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, pois a tecnologia facilita tudo hoje em dia, então pode haver uma relação bastante de ajudar.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não, mas imagino que seja uma forma de ensinar usando a tecnologia.

ANEXO 17 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 21
Data: _____ Instituição: VNEAL Curso: LETRAS Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
última opção

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
não

3. O que a docência significa para você?
ser docente é passar os seus conhecimentos aos outros, dividir experiências,

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
nas aulas durante o ensino médio gostava da aulas.

ANEXO 18 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 18
Data: 11/09/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Passou a gostar de inglês vendo amigos e familiares na área, assim a disciplina me chamou muito a atenção e com muito interesse optei por Letras Inglês.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Não

3. O que a docência significa para você?
A docência é uma oportunidade de ensinar o que você sabe para seus alunos.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Interesse familiar.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Envolvendo a gramática e a conversação.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

~~O * TIC~~
As TIC faz parte da minha e de muitas pessoas, por onde onde elas estão ao redor

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, as TIC influenciam muito no aprendizado, e junto ao Inglês se tornam primordiais.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não.

ANEXO 19 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 16
 Data: 11/09/15 Instituição: UNEAL Curso: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
 Escolhi este curso, primeiro por ter uma
 certa facilidade de aprender, e segundo por
 ser muito curiosa, adoro aprender coisas
 novas, explorar o desconhecido, e também
 por que me paixonei pela língua inglesa de-
 pois de ver um vídeo do meu cantor favor-
 ito (Justin Bieber) interpretando a música
 "Not this time".

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
 Não, até queria, mas, a pouca idade atrapal-
 ha.

3. O que a docência significa para você?
 Para mim um desafio, já que aqui no
 Brasil os alunos não se interessam pelo
 estudo de inglês.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
 Como já disse anteriormente, por paixão e
 curiosidade.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

interatividade, novidades e aprender mais.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

uma relação boa, neutra, sei mexer em quase todas.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, uma pode complementar e ajudar no aprendizado da outra.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não, ainda não, espero descobrir em breve.

ANEXO 20 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 24
 Data: 10/09/15 Instituição: UNEAL Curso: INGLÊS Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
DOS OFERTADOS ERA O ÚNICO QUE TINHA MEU INTERESSE, NÃO TENHO INTENÇÃO DE SER PROFESSOR, MAS CREIO QUE NO MUNDO GLOBALIZADO NO QUAL NOS ENCONTAMOS O INGLÊS É A LÍNGUA QUE TEM MAIS PODER ENTRE TODAS.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
NÃO.

3. O que a docência significa para você?
SIGNIFICA TER O DOM DE SABER MUITO BEM ALGO, E (S)I MÃIS QUE ISSO, SIGNIFICA TER O DOM DE FAZER OUTRA PESSOA APRENDER COM FACILIDADE ALGO.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
SEMPRE FOI A LÍNGUA QUE MAIS ME INTERESSOU, DESDE CRIANÇA VETU A LÍNGUA INGLESA NOS JOGOS DE

"VIDEO GAME", (O PRÓPRIO NOME JÁ É EM INGLÊS), QUANDO CRESCI, O INGLÊS SE FEZ PRESENTE EM FILMES, MÚSICAS, E OUTROS.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

INTERAÇÃO, MÉTODOS QUE FACILITEM O APRENDIZADO DO ALUNO, DINÂMICAS, MUITA MÚSICA E COISAS DA ATUALIDADE.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

TRABALHO COM UMA CÂMERA DSLR, QUANDO NÃO ESTOU FOTOGRAFANDO, EDITO FOTOS NO COMPUTADOR, E ATENDO MEUS CLIENTES PELO APLICATIVO WHATSAPP NO CELULAR.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

QUALQUER COISA ATUAL QUE POSSA SER UTILIZADO PARA SAIR DA MESMISE DO QUADRO É LOUVAVEL, O INGLÊS É A LINGUA MAIS PALADA, FACILITA ACHAR TUDO EM INGLÊS.

8. Você sabe o que é letramento digital?

NÃO, CREIO QUE UM MÉTODO DE APRENDIZAGEM QUE TRABALHE A TECNOLOGIA.

ANEXO 21 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 19
Data: 17/09/15 Instituição: UFEAL Curso: Letras em Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Porque tenho interesse nessa disciplina, tanto em aprender quanto em ensinar.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Não.

3. O que a docência significa para você?
Combater o preconceito.

4. Como se interessou por estudar língua inglesa?
Desde pequeno já tinha o interesse e as habilidades necessárias para aprender diferentes assuntos, mas é que

me interessada em inglês.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Eu espero aprender algo que eu já não saiba, algo que desperte meu interesse.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Sou um usuário das diversas tecnologias digitais que passam a existir, mas acredito que elas deveriam ser usadas para algo construtivo.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Não há da língua inglesa, como todas as outras matérias.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não.

ANEXO 22 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 30
Data: 11-10-2015 Instituição: Uneal Curso: Letras em Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Por gostar do novo, e de descobrir novas possibilidades além de ter uma paixão pelo Inglês.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Sim!

3. O que a docência significa para você?
levar o conhecimento, e abrir portas e possibilidades.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Por ser uma língua que sempre achei linda, e por não ter sido acessado a mesma como queria.

Hoje sinto a vontade e curiosidade, de descobrir o mundo fantástico dessa língua.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Dinâmico e interativo, para que o interesse em aprender a falar e seja empolgante a descoberta de uma língua nova.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Hoje tento me manter atualizada, porém sinto que ainda falta muito pra acompanhar o ritmo acelerado desse mundo novo e lauto.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim! por que une o novo ao moderno, facilitando o aprendizado de quem nasceu nesse mundo lauto

8. Você sabe o que é letramento digital?

Aprender na era da tecnologia, sair da prática arcaica que somos acostumados.

ANEXO 23 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: GERMANO AMANCIO PIANCO + GÊ Idade: 18

Data: 11/09/2015 Instituição: UNEAL-Compu^{III} Curso: Letras em Inglês Período: II

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
 A escolha do curso foi uma realização de um sonho que desde a infância tive, nunca havia pensado no que seria uma universidade, até o dia em que decidi ingressar, costumo dizer que foi o maior passo que já dei. É o curso que me empolga toda vez que é citado em conversas (paralelas). Tive uma excelente base da língua inglesa nos escolas que estudei. Realizei minha opção com o contato e hoje me sinto realizado.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
 Não.

3. O que a docência significa para você?
 Docência é uma espécie de transmissão de valores do que se foi passado e compartilhado ao ato de colher e distribuição de frutos plantados. É uma arte com excelência.

4. Como se interessou por estudar língua inglesa?
 Como dito, sempre procurei observar pessoas falando a língua, e este interesse surgiu desde então.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Interação, participação e professores que dominem o conteúdo.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Hoje, os acadêmicos é o primeiro contato, creio que a tecnologia tornou-se indispensável, como tudo tem seus pontos positivos e negativos, a tecnologia é um destes aspectos, e depende de seu usuário.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, é de grande importância as TIC's para a melhor absorção de conteúdos.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não.

ANEXO 24 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 19

Data: 11/09/2015 Instituição: UNEAL Curso: Letras: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?

*Não haviam muitas opções dos cursos que eu me agra-
de (japonês ♥), por isso escolhi o inglês, pois sempre
vi o inglês como um desafio e quero testar o meu
melhor.*

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.

*Não, Mas já fiz magistério e estudei estagiei e
já tive uma base de como é empregar uma
sala de aula.*

3. O que a docência significa para você?

*A docência, bem, ... é importante ". Na verdade ser
professor é uma tarefa que deve ser valorizada e
que temos que ter realmente a vontade de re-
gular esta profissão, pois estamos formando ci-
dadãos então precisamos ser fiéis ao trabalho.*

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?

20% do vocabulário Japonês é composto por pa-

lavouras de origem inglesa. E o inglês sempre foi algo que eu tive curiosidade.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Que o professor(a) tenha paciência. Muitas vezes o aluno é preguiçoso kkkk. Mas que Bem espero que dê muitos resultados e estou sentindo des sa cada aula, quando começo a entender o que o professor diz.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Minha vida atualmente consiste apenas no internet, no meu celular e músicas.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, com as tecnologias hoje em dia basta ter força de vontade que você consegue aprender o inglês. Com as TIC podemos realmente ouvir, "conversar" com o real idioma e isso facilita e muito o aprendizado.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não. Mas vou chutar, é quando se usa a tecnologia de alguma forma para ensinar algo.

ANEXO 25 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 18
 Data: 11/09/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?

Porque eu tenho certa experiência em inglês e gostaria de ensinar essa língua.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.

Não.

3. O que a docência significa para você?

Ter um emprego e um ganha pão muito tarde.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?

Por gostar muito da cultura inglesa, suas músicas e filmes.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Sair com a impressão de que já estou pronto para ir para os Estados Unidos.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Muito grande. Não vivo sem informática.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Totalmente. A maioria das TIC são desenvolvidas no exterior.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não.

ANEXO 26 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 21

Data: 18/09/2015 Instituição: UNEAL Curso: LETRAS Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Por gosto de estar na sala de aula e quero transmitir parte do meu aprendizado para meus futuros alunos.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Não.

3. O que a docência significa para você?
Ela melhora meu caráter e me inspira a passar adiante, o que experimentei, de uma forma compreensiva e solidária.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Observando os professores de inglês lecionando e muitos deles sentiam prazer naquilo que faziam.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Uma aula comunicativa, interessante e que deixe os alunos com vontade de assistir as aulas seguintes.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Não estou habituado a ouvir rádio. Televisão ocupa muito do meu tempo, por isso prefiro ler um livro. Notebook utilizo apenas para estudar e digitar trabalhos. Celular me serve apenas para comunicação e escutar música. Não possui rede social, pois perco muito tempo utilizando-os.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim. Elas servem de grande ajuda para o aprendizado de inglês. Cada vez mais surgem novas formas para facilitar o aprendizado da língua inglesa.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não.

ANEXO 27 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 20
Data: 11/09/15 Instituição: VNEAL Curso: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Dentre todas da grade é o que mais me identifi-
quei;

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Não

3. O que a docência significa para você?
uma oportunidade para adquirir novos
conhecimentos (além do dinheiro of conse)

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
através de músicas. (Viva Madonna Year 2000)

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Interatividade e dinamismo para que meus colegas aprendam com mais facilidade.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Apesar do meu celular ser uma calculadora dos anos 70, eu apoio muito o uso da tecnologia se for para o bem.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, pois o TIC nos traz mais facilidade para aprender.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não querida.

ANEXO 28 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 31
 Data: 11/09/2015 Instituição: Unreal Curso: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
O conhecimento de uma nova língua que não é usada no cotidiano das pessoas.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
não

3. O que a docência significa para você?
A forma de ensinar, lembrar, de não ficar na mesmice, transmitir sim um conhecimento mas que não fique apenas no livro e quadro.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Ouvindo músicas internacionais.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Que não seja apenas no livro e quadro, mas que seja dinâmicas que possa proporcionar o desejo de aprender mais e mais.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

A minha relação é a básica.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

é muita, pois hoje estamos vivendo na modernidade, inclusive na sala de aula.

8. Você sabe o que é letramento digital?

na verdade não sei o seu significado

ANEXO 29 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 17
 Data: 11/03/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras/Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Eu gosto muito da língua e de ouvir a voz das
pessoas falando a língua, além de assistir muitos
filmes, séries, ~~livros~~ e músicas.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Não, Mas gostaria muito.

3. O que a docência significa para você?
Significa futuro e o prazer de proporcionar algo
para os alunos.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Como ouvi na primeira resposta ser lausa das
músicas, filmes além de ser muito fofo de cores

e atrizes internacionais como, Nina Dobrev, Cameron Diaz, Jan Somerhalder entre outros.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

além de muita diversidade com a língua me refiro a música, posso também citar um professor (b) que se comporta que com os alunos, mas disso não posso reclamar pois a Joyce é ótima.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Mais ou menos minha relação com a tecnologia é mais para ouvir baixar músicas, assistir séries ler papers de celebridades inclusive a Taylor é para isso, mas quando é pra fazer algo sério escrever, pesquisas eu também sou bem interessada.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua inglesa e as TIC?

Sim, claro que sim hehe em dia a tecnologia avança todas as áreas não só a inglesa mas também outras matérias.

8. Você sabe o que é letramento digital?

NO.

ANEXO 30 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 38
 Data: 11/09/2015 Instituição: UNEAL Curso: Léxico Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
pois gosto da língua Inglesa, de sua literatura, e aprender uma segunda língua é essencial para mim.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Sim, trabalho com crianças do fundamental I, o que mais gosto são das crianças mais carinhosas e aquelas que necessitam de muito carinho, amo trabalhar com elas, ensinando a ler, brincar e entre outras coisas.

3. O que a docência significa para você?
uma responsabilidade tremenda, pois a criança, o jovem ou até mesmo o adulto, para ensinar é pelo professor, no caso eu, de seja, tenho que me desempenhar bastante para cada um, pois serei uma base para futuros, professores, médicos, Advogados entre outros.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Apartir de uma professora do Ensino Médio.

ANEXO 31 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 18
 Data: 31/09/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras - Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
~~Desde pequena~~ Desde pequena na escola quando tive o primeiro contato com a língua inglesa, me identifiquei e sempre transmiti meus conhecimentos quando pediram ajuda. Sempre dizia que um dia eu seria professora e era minha segunda opção de curso.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
 Não

3. O que a docência significa para você?
~~Ensinar e trazer a visão dos alunos para~~
 Transmissão de conhecimentos é uma oportunidade única de trazer a visão real do mundo para os alunos

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
 Na escola as aulas de inglês me motivaram bastante e por ser jovem me tornei fã da língua.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Aula dinâmica, com diálogos.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

As utilizo sempre que acho necessário e para diversão.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, uma aula de língua inglesa sem as TIC é apenas uma aula comum de gramática. Para aprender a língua inglesa as TIC auxiliam bastante.

8. Você sabe o que é letramento digital?

Não.

ANEXO 32 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: XXXXXXXXXX Idade: 23
Data: 11/09/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras-Ing. Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Por me identificar pela cultura, e conseqüentemente com a Língua Inglesa.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
Não.

3. O que a docência significa para você?
Para mim a docência significa o resgate do romantismo, o amor por lecionar.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Como já citei vivo a cultura inglesa, por meio de filmes, séries e esportes. Por isso o interesse

pelo estudo da Língua Inglesa.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Acho que uma boa e interessante aula de língua Inglesa, deve haver uma mescla entre tecnologia e gramática, tendo interação de todos os alunos.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

A relação com tais tecnologias é de total dependência, tendo visto que os mesmos são essenciais no meu dia-a-dia.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, existe uma relação elementar, para uma aula menos tediosa e um melhor entendimento.

8. Você sabe o que é letramento digital?

No meu entendimento, Letramento digital é quando o professor leciona usando tecnologias, não se prendendo somente aos elementos básicos (livro e quadro).

ANEXO 32 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: _____ Idade: 21

Data: 11-09-15 Instituição: Unival Curso: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Porque gosto do inglês apesar de não dominar muito bem, e acho interessante e necessário o aprendizado de uma nova língua, e também, pelo fato de onde eu moro haver uma carência muito grande de Professores de inglês.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
nao.

3. O que a docência significa para você?
Uma forma de ampliar o conhecimento.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
Pelas aulas que tive no ensino médio.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

Que eu possa interagir bem com os conteúdos da matéria e possa alcançar o meu objetivo de sair falando o inglês fluentemente.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

Muito pouco não uso tão ficaria quer dizer uso um pouco na televisão e um celular.

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

Sim, pois podemos usar a tecnologia para ajudar a melhorar as aulas em sala para um melhor entendimento dos assuntos.

8. Você sabe o que é letramento digital?

nao.

ANEXO 33 – Questionário 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 23
Data: 11/09/15 Instituição: UNEAL Curso: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Por que você escolheu esse curso?
Gostaria muito de saber falar em Inglês, aprender, ensinar, pois, quando se gosta de algo devemos seguir em frente e não desistir, apesar de ainda não saber dominar a língua inglesa.

2. Você já leciona? Se sim, conte-me sobre a sua experiência.
não

3. O que a docência significa para você?
algo importante para todos.

4. Como se interessou por estudar língua Inglesa?
A partir da convivência com minhas primas que estudaram letras em Inglês, e achava

uma casa, ~~ela~~ extremamente maravilhosa quando eles falavam.

5. O que você espera de uma boa aula de Inglês?

eu espero entende-los e aprende um pouco mas e falar fluentemente Inglês.

6. Qual a sua relação com as tecnologias da informação e comunicação - TIC? (rádio, televisão, computador, notebook, tablet, smartphone, internet, programas e aplicativos em geral).

nenhuma

7. Em sua opinião, existe alguma relação entre a língua Inglesa e as TIC?

acho que sim.

8. Você sabe o que é letramento digital?

não sei.

ANEXO 34 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA - PPLL
PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 18
Data: 02 Instituição: UNEAL Curso: LETRAS II Período: 2º

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

Discutir sobre homofobia foi bastante interessante. Muitos acham que os gays não são um risco para a sociedade e não aceitam de forma alguma. Penso que qualquer homofóbico estando presente na aula de hoje mudaria de opinião. O debate foi maravilhoso, todos interagindo e percebendo que não é um tema difícil de ser abordado. Saíndo da aula de hoje não consigo imaginar como ainda existem pessoas que não aceitam.

ANEXO 36 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 18

Data: 2/10/2015 Instituição: UNEAL Curso: LETRAS-INGLÊS Período: II

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

Como recém-dito, foi uma aula "bem recheada", que, obviamente bem preparada, em todos os momentos foi utilizada a tecnologia, o que facilitou para nosso entendimento. Utilizando como tema "HOMOFOBIA" pode-se notar que é um contexto bastante amplo que engloba em si questões sociais, religiosas, culturais e dentro outros. Hoje posso dizer que assisti a homofobia por outros olhos; acerca do vídeo que nos foi apresentado, quis em dizer que cada um se encontra em alguma daquelas situações. Penso que seja interessante abordar assuntos como este em sala de aula, para que conceitos possam ser concretizados e, outros questionados.

ANEXO 37 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 19

Data: 02/10/15 Instituição: UNEAL Curso: Inglês Período: 2^o

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

Quis as reflexões sobre esse mundo cheio de preconceitos e homofobia. Queria que toda heterossexual assistisse o filme que foi passado, que é ótimo. As indagações feitas sobre a música também foram ótimas. É um erro ou errado? Just like yourself. All we need is love.

By the way, the teacher is great!!!

ANEXO 39 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

*Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula*Participante: _____ idade: 20Data: 02/10/2015 Instituição: UNEAL Curso: Inglês Período: 2º

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

Achei que nunca iria discutir sobre esse tema em sala de aula de uma forma tão aberta e dinâmica. Nessa aula eu aprendi que eu tenho que rever alguns preconceitos sobre o que eu sou, talvez ser mais tolerante com a opinião dos outros, que eventualmente não concordam com meu ponto de vista. Além disso, eu reforcei várias ideias e tive a oportunidade de transmiti-las para os meus colegas. Em poucas palavras, Fei FODA!!!

ANEXO 40 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 25

Data: 02/10/19 Instituição: Ufal Curso: inglês Período: 2º

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

A aula de hoje mostrou a homofobia como ela realmente é por meio do
 grupo palavra (homofobia) que é a rejeição que a sociedade faz com relação
 aos homossexuais e a discriminação que eles sofrem. Uma coisa que me chamou
 a atenção foi a diferença de tipos de realidade em qual eles vivem e
 que muitas vezes desobedecem as normas sociais mais as ideias
 mostram a guerra, o que de por isso mas não é assim na vida familiar
 e assim que pensaram as famílias conservadoras quando o tema é homossexualidade.
 O que foi mais interessante nesse aula foi a ideia que mostram que se viver
 uma vida por a sexualidade dominante eles não sempre apressaram a

ANEXO 41 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 27

Data: 02/10/2015 Instituição: UNEAL/III Curso: Letras/Inglês Período: 2º

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

A aula de hoje tratou de um tema muito polêmico e referindo ao mesmo tempo foi quando se fala desse tema muitas pessoas se levantam, não querem tocar no assunto simplesmente repetem e até mudam de assunto. É polêmico? E, mas devemos refletir e pensar mais as pessoas são iguais independente de religião, raça, etc, masculinidade, vários assuntos são tratados na sociedade mas esquecem do principal que é todos somos iguais perante os olhos de Deus, ele é o mais importante e é a ele que devemos ter o respeito.

A vida da não é fácil mas devemos encarar como ela é, dura e difícil, eu sempre lembro meus pais dizem que para conseguir algo na vida não é na maneira mais fácil mas dificuldade no sacrifício, e tem que ter algum sacrifício que as coisas conquistadas facilmente não tem muito valor, mas aquilo que você conseguiu tem dificuldade é muito precioso para você, então para termos, ter paciência e aceitar as coisas como elas são, devemos ter mais amor e ser mais amados, tem uma frase que eu gosto muito que diz, às vezes a gente faz trabalhos, e as vezes as estrelas fazem a gente."

ANEXO 42 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 18

Data: 02/10/15 Instituição: UNEAL Curso: ~~LETRES~~^{ENG} Período: 2

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

A aula de hoje foi bem instigante e todos participaram. O vídeo mostrado e as questões debatidas sobre o mesmo auxiliaram bastante nas discussões sobre o tema. Minha opinião sobre a homofobia já foi estabelecida muito antes dessa aula, mas o debate ajudou a consolidar minha opinião.

Preconceito é coisa do passado cada um traga suas próprias escolhas. Ver a situação invertida no vídeo mostrou e fez com que sentissemos como um homossexual se sente e fez entendermos ainda mais como é horrível o preconceito.

ANEXO 43 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 24
Data: 02/10/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras-Ing Período: 2º

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

Eu acho que a aula de hoje, serviu para quebrar um paradigma, sobre o assunto da homofobia, pois este assunto ainda é visto com tabu, mesmo nos dias atuais. Sempre tive convicção de que não era homofóbico, mas depois de assistir o vídeo hoje em classe, e ver o mundo pelo ponto de vista de uma pessoa, que sofre preconceito por ser homossexual, me fez perceber que sou homofóbico, mesmo que em alguns atos cotidianos, com colegas de classe por exemplo. Discutir sobre esse assunto, na minha opinião, é essencial na sociedade atual. Esse assunto está cada vez mais evidente, e devemos tratá-lo com direito de igualdade, pois é um assunto de bastante discriminação e preconceito.

ANEXO 44 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 21

Data: 02-10-15 Instituição: Ufal Curso: Inglês Período: 2º

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

A aula foi muito legal, pois o assunto abordado nos fez refletir sobre nossos medos ou até mesmo do medo das outras pessoas o que elas sofrem lidando tentando enfrentar os preconceitos da sociedade, que há muito tempo, mas ainda há muito que mudar. O vídeo passado em sala hoje foi muito bom, porque era totalmente o inverso do que estamos acostumados há ser no nosso dia-a-dia, se ao invés do preconceito que existe hoje com os homossexuais fosse com os heterossexuais. Precisamos para pensar o que essas pessoas sofrem talvez não seremos tão preconceituosas como somos e trataríamos melhor as pessoas independentemente de sua orientação sexual.

ANEXO 45 – Diário do aluno – Homofobia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS - FALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:

Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] idade: 24,

Data: 02-10-15 Instituição: UNEAL Curso: Inglês Período: 2º

DIÁRIO 1 – HOMOPHOBIA

1. Escreva suas reflexões em relação à aula sobre homofobia.

co me colocou no lugar de ^{um gay, uma lesbica ou um Bissual} ~~uma pessoa~~, percebi que cada ser humano tem o direito de fazer sua escolha independente de qual seja, pois, a escolha que fizer vai mudar sua vida. a aula foi bem proveitosa aprendi também que devemos aprender a respeito mas o próximo, críticas vão existir mas se começar por nós, primeiro por nós, o mundo muda, os ideais são outros. consequentemente sua opinião pode ajudar muito na vida de um ser humano que por escolha própria resolveu ser o que é. é o fato de você experimentar, beijar, abraçar uma pessoa não significa que você é, isso acontece por acaso quando, ~~o~~ percebi que a pessoa que ~~está~~ está do lado e o que te faz bem.

ANEXO 46 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 18
Data: 23/11/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras-Ing Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?
Sim, nos ajudando a pensar mais sobre o assunto, junto com os outros colegas conversamos cada um com sua diferente forma de pensar. Interagindo e refletindo.

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?
Existem ~~diversas~~ diversas vantagens; tornando uma aula divertida e ao mesmo tempo trazendo aprendizagem.

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?
Maravilhoso, um modo fácil, rápido e prático de aprender.

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

Sim, todos irão lembrar e com certeza adotar esse modo de ensinar.

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

O uso das tecnologias no ensino, aprendendo com elas.

Esse espaço é reservado para você escrever sobre o que quiser.
Se desejar!

English

Muito obrigada pela sua contribuição nessa pesquisa!

ANEXO 47 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 19
 Data: 23.11.15 Instituição: UNEAL Curso: Inglês Período: VJ

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?
 A utilização de temas sociais e culturais como: racismo, homofobia e sexismo, nos proporcionaram momentos de reflexão onde todos participaram podendo expor sua opinião frente ao autor, contribuindo para a formação crítica de cada um.

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?
 Inicialmente as aulas estavam mais voltadas a questões gramaticais e estruturais da língua, mas com o uso das TICs foi possível desprender-se destas questões gramaticais e explorar a língua através de temas que envolvem uma série de benefícios em sala de aula, despertando o senso crítico do aluno e fazendo-o tornar-se mais participativo.

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de inglês?
 O uso de tecnologias nas aulas é uma forma de desprender-se de aulas monótonas e tradicionais, e também uma forma de acompanhar o avanço tecnológico junto com o aluno.
 É possível perceber que, com o uso dessas tecnologias o aluno torna-se mais participativo e acaba interagindo junto com o professor.

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

Sim, o que nos é transmitido na graduação é uma abertura para novas formas de pensar a prática pedagógica.

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

O letramento digital consiste em usar tecnologia e aprendizagem, proporcionando ao aluno momentos desafiadores, longe do tradicional livro didático.

Esse espaço é reservado para você escrever sobre o que quiser.

Se desejar!

Escolha um emprego que você ama, e assim você não irá trabalhar um dia de sua vida.

- Confúcio

ForLove
WithLove

By: Dana Aguiar

ANEXO 48 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 30
Data: 23/11/2015 Instituição: Unreal Curso: Letras Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?

Sim! Fazendo com que conseguisse formar com mais facilidade uma opinião, sobre diversos assuntos.

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?

O método convencional é educativo, porém ao usar tecnologias o aprendizado é mais rápido e divertido ao mesmo tempo.

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?

Super radical, divertido e ~~eficaz~~ eficaz!

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

com certeza! Ensinar diferenciado é muito mais gratificante, além de mudar o cara do ensino.

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

Inovações, descontração! Utilizar a tecnologia para voltar a atenção pro aprendizado, é muito eficiente, tendo em vista que estamos no era de tecnologia!

Esse espaço é reservado para você escrever sobre o que quiser.
Se desejar!

Muito obrigada pela sua contribuição nessa pesquisa!

ANEXO 49 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 18

Data: 23/11/2015 Instituição: UNEAL-CAMUS III Curso: Letras Ing Período: II

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?
Sim. Especificamente por tratar de temas universais e que os "menciono-los" são desconhecidos diversos discursos que inibem os discursos a serem conceitos, e reprimir atitudes.

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?
Airício e metodologia utilizada era mais simplista, sem o auxílio predominando o desenvolvimento do conteúdo. Com o intermédio dos aparelhos, seguiram aulas mais dinâmicas que nos proporcionaram melhor absorção da língua inglesa.

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?
É necessário, mas o professor não deve "prender-se" somente à ela, pois, pode não ocorrer o funcionamento de métodos.

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

- Sim, pois, eu não tinha uma metodologia concretizada, mas hoje, posso afirmar que tenho um modelo a seguir.

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

- Trata-se a inclusão entre a tecnologia e a aprendizagem, onde, ambas convergem proporcionando o melhor entendimento e consequentes resultados.



Muito obrigada pela sua contribuição nessa pesquisa!

ANEXO 50 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: XXXXXXXXXX Idade: 19
Data: 23/11/2015 Instituição: UNEAL Curso: Inglês Período: 2ºP.

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?
Sim, agora tenho uma maior base de como usar a tecnologia em sala de aula. Porque uma coisa é você ouvir sobre letramento digital, outra é você ~~para~~ ser "cozinha" de mesmo. Sem dizer aprendi um pouco mais sobre os temas abordados.

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?
O método de metodologia não mudou muito, pois a professora é atualizada e já usava a tecnologia em suas aulas. A diferença é que as aulas ficaram mais dinâmicas.

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?
Sim é de grande ajuda, ~~isso é~~ e na verdade é essencial para o aprendizado do inglês, já que não temos um real contato com a língua.

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

Sim, pois agora tenho a experiência de como se dá uma aula utilizando métodos tecnológicos e assim fazendo com que a aula fique mais atrativa, ~~mais~~ dinâmica e menos cansativa.

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

Letramento digital é uma forma de ensinar utilizando a tecnologia como nossa aliada, para que haja um contato melhor com o assunto. Além de ser uma forma onde chama a atenção do aluno.

Esse espaço é reservado para você escrever sobre o que quiser.
Se desejar!

Eu amo o Japão, mas tenho que aprender inglês, quem sabe eu não ame o inglês também!?! rrrrrrrrrrr



Sh... Como os japoneses fazem para seus mestres...

"Eu agradeço por tudo professora!!"
すべてにありがとうございます。

Muito obrigada pela sua contribuição nessa pesquisa!

ANEXO 51 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL
PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 19
Data: 23/11/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras em Inglês Período: 2

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?

Com certeza, pois todos os temas abordados, foram abordados de várias formas (Música, vídeos, imagens, etc), de modo que eu pude entender, opinar e criticá-los.

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?

Com a metodologia anterior era um pouco mais complicada e demorada de ser entendida o que estava sendo pedido, porém, era totalmente compreensível. Porém a metodologia usada durante a pesquisa, pois é igualmente compreensível e ~~mais~~ mais divertida.

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?

Acho ótimo, pois ajuda a aprimorar ~~o~~ a melhor maneira o que está sendo aprendido

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

Sim, pois não teria ideia de como dar uma aula e agora eu tenho uma "base" de como uma aula pode ser dada.

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

Usar e durar de tecnologias para fazer uma boa e rápida aula de inglês para uma turma e divertida aula de inglês, mantendo os alunos interessados na aula e no conteúdo ofertado.

Esse espaço é reservado para você escrever sobre o que quiser.

Se desejar!

Se for para fazer¹ guerra num me chama que eu num
 não, mas se for para fazer amô¹, me chama que eu
 não. Make love é muito melhor, demorô = Inês Brasil

Muito obrigada pela sua contribuição nessa pesquisa!

ANEXO 52 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 20
Data: 23/11/15 Instituição: UNEAL Curso: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?
Claro, nunca imaginei que iria gostar de assistir aula, mas a senhora é porreta mesmo viu, DESTRUIDORA!

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?
Não vi desvantagens e se vi, foram tão superficiais que já se apagaram da minha mente!

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?
Acho F*DA, sério não fica chato nem daí a aquele sono e a vontade de se matar some, espere que ano que vem continue assim. PS: deixo um pedaço do Bolo pra eu levar pro meu catão. PS²: Eu nem tenho cachorro, é pra minha vizinha. (PS³ - É pra mim, conta logo!!!)

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

Meus planos vão muito além de ser professor, mas com certeza essas aulas irão contribuir muito para meu futuro (insento)

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

É uma nova dinâmica que deveria ser implementada nas escolas de modo que ajude-se a compreensão do aluno, pois fica muito mais fácil e menos entediante.

Esse espaço é reservado para você escrever sobre o que quiser.
Se desejar!



Tentei desenhar a senhora...
... e é óbvio que não dei certo...
... mas a gente tem uma
... tu sabe né...

Muito obrigada pela sua contribuição nessa pesquisa!

ANEXO 53 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: XXXXXXXXXX idade: 18

Data: 23/11/15 Instituição: ONEAL Curso: Letras Inglês Período: II

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?
Sim, com as discussões sobre os diversos temas fazendo assim
expressar as opiniões.

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?
Não vi desvantagens. Existem várias vantagens, entre elas, aprender de forma
dinâmica e sair da monotonia da leitura.

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?
É uma boa maneira de ensinar língua inglesa com as Tecnologias.

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

Sim, pois, assistindo essas aulas e observando a metodologia utilizado desensalsi métodos para ensinar futuramente.

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

Letramento digital é usar os TIC como forma de transmissão de conhecimentos.

Esse espaço é reservado para você escrever sobre o que quiser.
Se desejar!

Thank You, Teacher!

Muito obrigada pela sua contribuição nessa pesquisa!

ANEXO 55 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: [REDACTED] Idade: 24
Data: 23/11/15 Instituição: UNEAL Curso: Letras-Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?
As aulas contribuíram de forma construtiva para minha formação crítica, tendo em vista que a metodologia usada na pesquisa, Letramento Digital, me mostrou um novo método de ensino que certamente usarei depois da minha formação, em futuras aulas.
2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?
Bem, sinceramente eu gostei das duas formas de ensino, as primeiras aulas não eram nada monótonas, e foram de fácil entendimento. Com o começo da pesquisa e a introdução do Letramento digital, as aulas ficaram muito mais interativas. Na minha opinião, só vejo vantagens nos dois métodos de ensino.
3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?
Vou usar certamente, acho muito legal usar tecnologias para ensinar o conteúdo.

4. Você acredita que as aulas da pesquisa contribuirão para a sua metodologia quando for professor de Inglês? Porquê?

As aulas mudaram totalmente a minha imagem de um professor em uma sala de aula, pois me mostrou que uma aula pode e deve, sair da monotonia de aulas "convencionais".

5. Com base nas aulas que você teve, o que você entende por letramento digital?

No meu entendimento, Letramento digital é lecionar usando de tecnologias atuais, tal como redes sociais e equipamentos digitais.

Esse espaço é reservado para você escrever sobre o que quiser.

Se desejar!

Quero, vir aqui por meio desse breve texto, agradecer a Professora Joyce pela experiência gratificante, que foi ter feito parte desta pesquisa. Estou ciente que, lerarei e tentarei inserir em minha vida profissional, todo o conteúdo e metodologias aplicadas em sala de aula.

Muito obrigada pela sua contribuição nessa pesquisa!

ANEXO 56 – Questionário 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA – PPGLL

PESQUISA:
Formação de Professores de Inglês e o Letramento Digital: Reflexões sobre o uso das TIC na sala de aula

Participante: XXXXXXXXXX Idade: 21
 Data: 23-11-15 Instituição: Unreal Curso: Inglês Período: 2º

QUESTIONÁRIO DE FIM DE PESQUISA

1. As aulas da pesquisa contribuíram para sua formação crítica? De que forma?
Sim, porque mim ajudou a entender melhor os conteúdos de forma mais clara e eficiente.

2. Reflita sobre a metodologia utilizada pela professora antes e durante a pesquisa. Em sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de cada uma delas?
Para mim uso teve vantagens, porque as aulas antes eram muito boas mas durante a pesquisa ficou um pouco mais claro com uso da tecnologia nas aulas.

3. O que você acha de utilizar tecnologias nas aulas de Inglês?
Ótimo, porque as aulas ficam mais divertidas, mas sem deixar de passar o conteúdo, e de termos experiência e aprendizagem.